UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA

LAYS DE OLIVEIRA JOEL LOPES

A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PORTUGUÊS FALADO NA ZONA RURAL DE SANTA LEOPOLDINA/ES

VITÓRIA
2014

LAYS DE OLIVEIRA JOEL LOPES

A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PORTUGUÊS FALADO NA ZONA RURAL DE SANTA LEOPOLDINA/ES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.
Orientadora: Profª. Dra. Maria Marta Pereira Scherre.

VITÓRIA

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Lopes, Lays de Oliveira Joel, 1988-

L864c A concordância nominal de número no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES / Lays de Oliveira Joel Lopes. – 2014.

199 f. : il.

Orientador: Maria Marta Pereira Scherre.

Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Sociolinguística. 2. Língua portuguesa - Português falado - Santa Leopoldina (ES). 3. Língua portuguesa – Concordância. 4. Santa Leopoldina (ES). I. Scherre, Maria Marta Pereira, 1950-. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80

LAYS DE OLIVEIRA JOEL LOPES

"A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO PORTUGUÊS FALADO NA ZONA RURAL DE SANTA LEOPOLDINA/ES".

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

Aprovada em 10 de junho de 2014.

Comissão Examinadora:

Profª. Drª. Maria Marta Pereira Scherre (UFES)
Orientadora, Presidente da Sessão e da Comissão Examinadora

Profª. Drª. Leila Maria Tesch (UFES)
Membro Titular Interno da Comissão Examinadora

Profª. Drª. Norma da Silva Lopes (UNEB)
Membro Titular Externo da Comissão Examinadora

Dedico à Amélia de Oliveira, minha querida mamãe, exemplo de determinação e honestidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela oportunidade que Ele me concedeu de ingressar no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística, da Universidade Federal do Espírito Santo, e por ter estado comigo em todos os momentos dessa maravilhosa etapa de minha vida.

Aos meus pais, Amélia de Oliveira e Joranilson Antônio Joel, pela dádiva da vida. Agradeço, em especial, a minha mãezinha, meu alicerce, que jamais mediu esforços para investir em minha formação e sempre esteve ao meu lado me apoiando incondicionalmente. Obrigada por toda confiança e dedicação. Você é a maior responsável por esta vitória. Amo você!

Ao meu esposo, Epaminondas Corrêa Lopes Neto, pelo incentivo. Obrigada por muitas vezes abrir mão de suas vontades para estar ao meu lado compartilhando dos meus sonhos.

A minha querida orientadora e amiga, Maria Marta Pereira Scherre. Agradeço pelos “puxões de orelha” (risos) e pelos valiosos conselhos. Seu amor pela Sociolinguística é, verdadeiramente, motivador. A senhora é um exemplo de profissional e também de ser humano. Obrigada por todo carinho e cuidado nessa jornada.

À professora Lilian Coutinho Yacovenco, agradeço por todo apoio no decorrer da pesquisa. Estimo muito sua dedicação aos estudos sociolinguísticos. Muito obrigada por tudo. A senhora foi essencial no desenvolvimento desta pesquisa.

À professora Leila Maria Tesch, pela participação na banca de qualificação. Obrigada pelos ricos apontamentos e pelo carinho com os quais esses foram feitos.

A minha grande amiga, Camila Candeias Föeger, por todo apoio acadêmico e pessoal. Obrigada por me ceder espaço em seus projetos. Com certeza, sua

companhia, fez dessa caminhada muito mais agradável. Nunca me esquecerei de nossas aventuras em campo (risos).

Agradeço a todos os queridos colegas do grupo de sociolinguística da Ufes, que me receberam muito apreço.

Agradeço a todos os professores e funcionários do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística, da Ufes.

A todos os meus amigos da EEEEF Ewerton Montenegro Guimarães, por todas as palavras amigas que me dispensaram neste processo de estudo. Agradeço, em especial, a minha querida amiga Jocélia Mozer, responsável pela revisão deste trabalho. Jô, você é um exemplo de docente para mim. Obrigada pela sua amizade! E ainda, a minha amiga Ednéa, pela paciência e pelo apoio incondicional. Obrigada, amigas!

A Luciano Föeger e à Júlia Candeias Föeger, pais de Camila. Agradeço por me receberem em sua casa. Seu Luciano, muito obrigada pelas caronas (risos), e, tia Júlia, muito obrigada pelos quilinhos engordados (risos).

Agradeço a todos os nossos guias: Anderson Föeger, taxista da região; Patrícia Gonoring, professora da comunidade; Ângelo Raimundo Maciel, grande amigo de Camila; senhor Armando Barth, agricultor. Obrigada por dedicar seu tempo a este projeto. Sua ajuda foi imprescindível para realização deste trabalho.

Agradeço a comunidade de Santa Leopoldina, por nos receberem com tanto carinho. Muito obrigada por nos confiar o patrimônio linguístico de seu maravilhoso município. Agradeço a nossos queridos informantes, por compartilharem conosco suas experiências e por abrirem as portas de sua casa. Obrigada pelos inúmeros cafezinhos e deliciosos quitutes leopoldinenses (risos).

Aos colegas que colaboraram com as transcrições das entrevistas, em especial, Aline Berbert e Mailson Barbosa.

Aos meus queridos amigos e irmãos da 1ª Igreja Assembleia de Deus de Vila Bethânia, em especial, a Juliana Dos Passos Viana e a Joelson Viana, a Shirley de Oliveira e a Jefferson Viana, a Lorrayne Rodrigues e a Jônatas, a Deucimar Oliveira, a Larysse Mendes, aos Conjuntos Ômega e Kantares. Obrigada por compreenderem minhas ausências e orarem a Deus em meu favor.

A minha mãe de coração, Naninha. Muito obrigada pelo carinho e por me considerar parte da sua família. Agradeço a toda família Amor Divino Lopes, Simone, Vaguinho, Juninho, Dedê, Totô, Jussaine, Laryssa e Taissa. Obrigada por me apoiar e por me aconselhar em minhas importantes decisões.

A família Corrêa Reis, Tereza, Elermir, Adriana, Marcos, Tayná, Egliny, Alan. Obrigada pelas orações e pelos aconselhamentos.

A minhas amigas, Melina Leite e Cristiana Reimman, por compartilhar angústias e alegrias. A Samine Benfica, companheira de orientação.

A Amanda Rodrigues Simões, Aparecida da Penha Krohling Christ e Bárbara Scalzer Maia, amigas desde o tempo da graduação. Vocês são muito especiais para mim. Amo vocês.

A Tereza Cristina Mezadre, pelo carinho e pelas valiosas dicas quanto às normas da ABNT. A Lenilson, pela paciência (risos) e pelo suporte na impressão deste trabalho.

A Capes, pelo investimento financeiro, fundamental para realização de nosso trabalho.

Muito obrigada a todos!

“A estrada se alargava, outras vinham aparecendo, desconhecidas, infinitas e incertas, como são os caminhos do homem sobre a terra. A brisa fresca encanava-se pelas duas ordens fronteiras de colinas paralelas ao rio e trazia ao encontro do viajante um mugido sonoro de cascata. O rolar do Santa Maria batendo sobre pedras amontoadas, despedaçando-se como um louco nas lajes, aumentava; e as suas águas revoltas, espumantes, recolhiam e reverberavam a luz do sol, como um vacilante espelho. Milkau via ao longe, na mata ainda fumegante de névoas, uma larga mancha branca. Na frente o guia, estendendo o braço, gritou-lhe: Porto do Cachoeiro”.

GRAÇA ARANHA

RESUMO

Esta pesquisa dedica-se a analisar o processo de concordância nominal no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES. Para isso, utilizaremos, como base para nossas ponderações, os pressupostos da Sociolinguística Variacionista. Nossa análise foi constituída a partir de entrevistas, tipicamente labovianas, com duração de 50 a 60 minutos. Sabendo que a Teoria da Variação considera preponderante o estudo da língua associado ao meio em que essa se encontra inserida, nos termos de Labov (2008 [1972], p. 291), estratificamos nossos informantes da seguinte maneira: faixa etária – 7-14 anos; 15-25 anos; 26-49 anos; e maiores de 49 anos; sexo/gênero – feminino e masculino; escolaridade – um a cinco anos (antigo primário, atual fundamental 1); seis a nove anos (antigo ginasial, atual fundamental 2). Para um controle do ambiente linguístico em que nossas variantes operam, selecionamos cinco variáveis linguísticas: saliência fônica, posição linear e relativa aliada à classe gramatical, marcas precedentes, animacidade dos substantivos, grau e formalidade dos substantivos e dos adjetivos. Além disso, elaboramos um estudo comparativo entre rural *vs* urbano, haja vista que comparamos nossos resultados aos obtidos por: Scherre (1988) – com o português falado no Rio de Janeiro (RJ), na década de 1980; Scherre e Naro (2006) – com o português falado no Rio de Janeiro (RJ), na década de 2000; e, por fim, Silva (2011) – com o português falado em Vitória (ES), na década de 2000. Esperamos, dessa forma, colaborar para o mapeamento da fala capixaba.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista, português falado em Santa Leopoldina, zona rural.

ABSTRACT

This research analyzes the process of variable nominal concord in Brazilian Portuguese spoken in the rural Santa Leopoldina/ES. For this, we use as the basis for our assumptions the theoretical principles of Sociolinguistics Variationist. Our analysis was obtained from interviews, typically labovian lasting 50-60 minutes. The Sociolinguistics Variationist considers the study of language associated predominantly to the social context it occurs, in terms of Labov (2008 [1972], p 291). Therefore, we stratified our speakers as follows: age - 7-14 years; 15 -25 years; 26-49 years; and older than 49 years; sex/gender - male and female; years of schooling - one to five years; six to nine. For a control of linguistic environment in which our variants occur, we considered five independent linguistic variables: nominal phonics salience, linear and relative position combined with grammatical class, previous marks, animacy of nouns, grade and formality of nouns and adjectives. Moreover, we did a comparative study between rural and urban areas, considering our results and those obtained by Scherre (1988) - with the Portuguese spoken in Rio de Janeiro (RJ), in the 1980s; by Scherre & Naro (2006) - with the Portuguese spoken in Rio de Janeiro (RJ), in the 2000s; and, finally, by Silva (2011) - spoken with the Portuguese spoken in Vitória (ES), in the 2000s. Thereby, we hope contribute to mapping of speech capixaba variety.

Keywords: Sociolinguistics Variationist, Portuguese spoken in Santa Leopoldina, rural area.

LISTA DE ABREVIATURAS

Ufes – Universidade Federal do Espírito Santo.

IBGE - Instituto de Geografia e Estatística.

PortVix - Projeto “O Português Falado na Cidade de Vitória”.

SN – sintagma nominal.

Sprep – sintagma nominal preposicionado.

Fem – feminino.

Masc – masculino.

Fund 01 – ensino fundamental 01.

Fund 02 – ensino fundamental 02.

LISTA DE FIGURA, TABELAS, QUADROS E GRÁFICOS

FIGURA

FIGURA 01: Mapa do Espírito Santo – distância entre Santa Leopoldina e Vitória 50

TABELAS

TABELA 01: Efeito da variável Escolaridade – no processo de marcação de plural nos dados do Rio de Janeiro, das décadas de 1980 e 2000..... 43
TABELA 02: Efeito da variável Saliência Fônica – no processo de marcação de plural nos dados do Rio de Janeiro, das décadas de 1980 e 2000 45
TABELA 03: Censo populacional IBGE/2010 – Santa Leopoldina 52
TABELA 04: Dados do Censo IBGE/2010 – Vitória 52
TABELA 05: Efeito da Variável Faixa Etária - no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES 100
TABELA 06: Efeito da Variável Gênero/Sexo - no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES 102
TABELA 07: Efeito da Variável Escolaridade no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES 103
TABELA 08: Cruzamento das Variáveis Gênero/Sexo e Faixa Etária - no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES 105
TABELA 09: Cruzamento das Variáveis Escolaridade e Faixa Etária - no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES 109
TABELA 10: Efeito da Variável Posição Linear e Relativa no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES 115

TABELA 11: Efeito da nova variável posição e classe gramatical amalgamadas no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES 117
TABELA 12: Efeito da Variável Saliência Fônica no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES 120
TABELA 13: Efeito da Variável Saliência Fônica no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES.....122
TABELA 14: Efeito da Variável Saliência Fônica no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES – codificação do item léxico *real* separado dos demais termos terminados em –l 128
TABELA 15: Efeito da Variável Marcas Precedentes no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa LEOPOLDINA/ES 130
Tabela 16: Paralelo entre os fatores *ausência* e *elemento na primeira posição anterior ao núcleo* 131
TABELA 17: Breve comparação dados do Rio de Janeiro/80 e Santa Leopoldina/12-13 134
TABELA 18: Efeito da Variável Grau e Formalidade dos substantivos e adjetivos no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES 138
TABELA 19: Efeito da Variável Animacidade dos substantivos no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES 140
TABELA 20: Efeito da Variável Animacidade dos substantivos no processo de marcação de plural, dos falantes adultos, do Rio de Janeiro – dados de Scherre (1988, p.272) 142
TABELA 21: Efeito da Variável Animacidade dos substantivos no processo de marcação de plural, de crianças e adultos, do Rio de Janeiro – dados de Scherre (1988, p.272) 142
TABELA 22: Efeito da Variável Animacidade dos substantivos no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES – [- animais] *vs* [+ animais] 143
TABELA 23: Amalgamação das variáveis Animacidade dos Substantivos e Grau e Formalidade Léxica dos Substantivos e Adjetivos 145

TABELA 24: Efeito da variável gênero/sexo na concordância nominal – dados de Santa Leopoldina/ES (2013), Rio de Janeiro (1980, 2000) e Vitória/ES (2000) 149
TABELA 25: Efeito da variável escolaridade na concordância nominal – dados de Santa Leopoldina/ES (2013), Rio (1980) e Rio (2000) 151
TABELA 26: Comparação do efeito da variável faixa etária na concordância nominal nos dados de: Rio (1980 e 2000), Vix (2000) e Santa Leopoldina/ES (2012/13) 152
TABELA 27: Comparação do efeito da variável saliência na concordância nominal nos dados de: Rio (1980 e 2000), Vix (2000) e Santa Leopoldina/ES (2012/13) 155
TABELA 28: Efeito detalhado da variável saliência fônica na presença concordância nominal – dados do Rio de Janeiro/RJ (1980 e 2000) e Santa Leopoldina/ES (2013) 157
TABELA 29: Efeito da variável saliência fônica na presença concordância nominal dentre os itens menos salientes – dados do Rio de Janeiro/RJ (1980 e 2000) e Santa Leopoldina/ES (2013) 161
TABELA 30: Comparação entre os resultados da variável posição na presença da concordância nominal – dados de Vitória/ES (2000) e Santa Leopoldina/ES (2013) 164
TABELA 31: Comparação entre os resultados da variável posição na presença da concordância nominal – dados de Rio de Janeiro (1988) e Santa Leopoldina/ES (2013) 167
TABELA 32: Comparação entre os resultados da variável marcas precedentes na presença da concordância nominal – dados de Rio de Janeiro (1988) e Santa Leopoldina/ES (2013) 172

QUADROS

QUADRO 01: Fatores sociais analisados e distribuição dos informantes em células 65

QUADRO 02: Variável Saliência Fônica - na amostra de Santa Leopoldina (2012/13) 87
QUADRO 03: Variável Posição Linear e Relativa - na amostra de Santa Leopoldina (2012/13) 89
QUADRO 04: Variável Posição Linear e Relativa aliada à Classe Gramatical- na amostra de Santa Leopoldina (2012/13) 90
QUADRO 05: Variável Marcas Precedentes - na amostra de Santa Leopoldina (2012/13) 93
QUADRO 06: Variável Grau e Formalidade dos Substantivos e dos Adjetivos - na amostra de Santa Leopoldina (2012/13) 95
QUADRO 07: Variável Animacidade dos Substantivos - na amostra de Santa Leopoldina (2012/13) 96
QUADRO 08: Escala de marcação de plural no Rio de Janeiro (1980 e 2000) e em Santa Leopoldina (2013) 158

GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Efeito da Variável Faixa Etária - no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES 100
GRÁFICO 02: Cruzamento das Variáveis Gênero/Sexo e Faixa Etária - no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES 107
GRÁFICO 03: Cruzamento das Variáveis Escolaridade e Faixa Etária - no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES 110
GRÁFICO 04: Cruzamento das variáveis sociais *faixa etária* e *escolaridade* para o *gênero feminino* 112
GRÁFICO 05: Cruzamento das variáveis sociais faixa etária e escolaridade para o gênero masculino 113
GRÁFICO 06: Amalgamação das variáveis Animacidade dos Substantivos e Grau e Formalidade Léxica dos Substantivos e Adjetivos 146

GRÁFICO 07: Comparativo entre efeito da variável faixa etária em Vitória e em Santa Leopoldina 153
GRÁFICO 08: Efeito detalhado da variável saliência fônica na presença concordância nominal – dados do Rio de Janeiro/RJ (1980 e 2000) e Santa Leopoldina/ES (2013) 162
GRÁFICO 09: Comparação entre os resultados da variável posição na presença da concordância nominal – dados de Vitória/ES (2000) e Santa Leopoldina/ES (2013) 165
GRÁFICO 10: Comparação entre os resultados da variável posição na presença da concordância nominal – dados de Rio de Janeiro (1988) e Santa Leopoldina/ES (2013) 169
GRÁFICO 11: Comparação entre os resultados da variável marcas precedentes na presença da concordância nominal – dados de Rio de Janeiro (1988) e Santa Leopoldina/ES (2013) 173

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 20

2. PRESSUSPOSTOS TEÓRICOS 25

2.1 VARIAÇÃO SOB DIVERSAS PERSPECTIVAS 25

2.1.1 A variação na concepção estruturalista 25

2.1.2 Novamente variação: concepções gerativistas 30

2.2 A PERSPECTIVA DOS SOCIOLINGUISTAS VARIACIONISTAS 32

3. ESTUDOS PIONEIROS E RELEVANTES ACERCA DO FENÔMENO DE CONCORDÂNCIA NOMINAL 38

3.1 ANÁLISES DO FENÔMENO EM ZONAS URBANAS 38

3.1.1 Estudo da Concordância Nominal no Rio de Janeiro/RJ, em 1980 e 2000, por Maria Marta Pereira Scherre e Anthony Julius Naro 39

3.1.2 Estudo da Concordância Nominal, em Vitória/ES, nos anos 2000, por Janaína Biancardi da Silva 46

4. A COMUNIDADE DE SANTA LEOPOLDINA 49

4.1 SOBRE SANTA LEOPOLDINA 49

4.1.1 Dados estatísticos 49

4.2 BREVE HISTÓRICO: DIAS DE GLÓRIA E DE ESQUECIMENTO DE SANTA LEOPOLDINA 53

4.2.1 A vida na zona rural leopoldinense 56

5 **METODOLOGIA 60**

5.1. CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA 62

5.1.1 Entrevista 67

5.2 OBJETIVOS: GERAL E ESPECÍFICOS 72

5.3 VARIÁVEL DEPENDENTE E VARIÁVEIS INDEPENDENTES 73

5.3.1 Variável dependente – o fenômeno 73

5.3.2 Variáveis independentes 78

5.3.2.1 Variáveis sociais 78

a) Sexo/gênero 79
b) Faixa etária 81
c) Escolaridade 83

5.2.2.2 Variáveis linguísticas 84
a) Saliência Fônica 85
b) Posição Linear e Relativa no Sintagma Nominal 88
c) Marcas Precedentes 91
d) Grau e Formalidade dos Substantivos e dos Adjetivos 93
e) Animacidade dos Substantivos 95

6 ANÁLISE DOS DADOS EM TERMOS DE FREQUÊNCIA ABSOLUTA E RELATIVA 97
6.1 PROGRAMA COMPUTACIONAL GOLDVARB X: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES 97
6.2 ANÁLISE DE RESULTADOS - FATORES SOCIAIS E LINGUÍSTICOS .. 99
***6.2.1 Fatores Sociais* 99**
a) Faixa etária 99
b) Sexo/gênero 102
c) Escolaridade 103
d) Cruzamentos das variáveis sociais 104
***6.2.2 Fatores linguísticos* 114**
a) Posição linear e relativa aliada à classe gramatical 114
b) Saliência fônica 119
c) Marcas Precedentes 129
d) Grau de Formalidade dos Substantivos 135
e) Animacidade dos Substantivos 139
f) *Amalgamação animacidade dos substantivos* e *grau e formalidade léxica dos substantivos e adjetivos* 144

7 COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS EM SANTA LEOPOLDINA COM OS OBTIDOS NO RIO DE JANEIRO (1980 E 2000) E EM VITÓRIA (2000) 148

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 175

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 181

ANEXO A – Mapa de infraestrutura de transporte – municípios adjacentes a Santa Leopoldina/ES – limite territorial 186

ANEXO B – Mapa dos limites administrativos de Santa Leopoldina/ES - divisão territorial do município 187

ANEXO C - Roteiro base para a realização das entrevistas perguntas destinado especialmente para informantes de 7 -14 anos 188

ANEXO D - Roteiro de entrevista comum a todos os informantes 190

ANEXO E – Modelo de termo de Consentimento 196

ANEXO F - Quadro de informantes base para formação de banco de dados da fala 197

1. INTRODUÇÃO

Em situações cotidianas é possível notar que a concordância nominal aparece muitas vezes de formas diferentes do postulado pela gramática tradicional. Especulações à parte, observamos, por meio de diversas pesquisas linguísticas (SCHERRE, 1988; SCHERRE E NARO, 2006; SILVA, 2011), que há variantes de formação do plural convivendo lado a lado. Em "Sobre a concordância de número no português falado do Brasil", Scherre & Naro (1998) destacam três tipos de concordância de número plural variável: *verbo/sujeito*; *entre elementos do sintagma nominal e nos predicativos* e *particípios passivos*. Neste trabalho, analisaremos a variação entre presença e ausência de marca de plural no interior do sintagma nominal, ou seja, estudaremos o segundo caso pesquisado por Scherre e Naro (1998).

Como exemplo do fenômeno estudado, citamos dados extraídos de nossa própria amostra, constituída na zona rural de Santa Leopoldina, no Estado do Espírito Santo:

Exemplos: (1) ele tá lá **nos café** - (fem, fund 01, 08 anos);
(2) até **as crianças** pode ajudar né? - (fem, fund 02, 33 anos).

O objetivo maior desta pesquisa é analisar e descrever o processo de variação de número entre os elementos do sintagma nominal na comunidade de Santa Leopoldina. Para isso, utilizaremos como base teórica a Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, nos termos de William Labov (2008 [1972]).

A amostra para este estudo foi constituída por meio de entrevistas tipicamente labovianas, com duração entre 50 a 60 minutos. A esse respeito falaremos detalhadamente no capítulo 05, destinado à exposição da metodologia nesta pesquisa. Para uma descrição minuciosa do fenômeno, levaremos em consideração a relevância de variáveis linguísticas e não linguísticas por entender que "as variáveis, tanto linguísticas quanto não linguísticas, não

agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes" (MOLLICA, 2010, p. 27).

Ao dissertarem acerca do processo de mudança, Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]) afirmam que: "Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística" (p. 126). Nosso objetivo é também perceber se o fenômeno em estudo pode ser considerado como uma variação estável ou uma mudança linguística, o que será evidenciado por meio dos resultados obtidos. A ponderação de Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]) nos permite expor que nossa intenção, com esta abordagem de pesquisa, é perceber as regularidades do processo de marcação de plural no português leopoldinense, por meio da relação entre variáveis linguísticas e sociais. A partir de nossas considerações esperamos contribuir para o mapeamento da fala em solo espíritossantense.

Em nossa pesquisa apresentaremos também os dados obtidos na capital capixaba, por Silva (2011) e Silva e Scherre (2013), e na zona urbana carioca, por Scherre (1988 e 1998) e Scherre e Naro (2006 e 2010) [1]. Nosso objetivo é promover um estudo comparativo entre Santa Leopoldina, Vitória e Rio de Janeiro, a fim de observar as regularidades e discrepâncias existentes entre o português falado nessas regiões. Esse paralelo proporcionará ainda tecer algumas considerações sobre os ambientes rural e urbano.

A relevância deste estudo fundamenta-se na tese de Bortoni-Ricardo (1998), obra que reafirma os pressupostos veiculados pela autora na década de 80. A linguista "concebe a ecologia do português brasileiro como um *continuum* de

---

[1] Como dissertaremos mais à frente, nosso objetivo inicial era realizar um estudo comparativo com outros estudos realizados no português brasileiro. Entretanto, em decorrência do tempo exíguo que dispomos no mestrado, julgamos mais conveniente realizar um estudo comparativo detalhado entre Santa Leopoldina, Vitória e Rio de Janeiro. É válido destacar que para a realização desta pesquisa foi necessária à constituição de uma amostra, processo no qual houve grande dispêndio de tempo.

[2] No original, Labov (1972) fala em "the social aspect of the language" (p. 186).

[3] Nesse ponto alude-se aos conceitos de signo proposto por Saussure (1995 [1916]). Segundo o linguista, o signo é formado a partir da combinação do *conceito* e da *imagem acústica,* ou seja, do significante e do significado. Câmara Jr. (1979) destaca que "uma forma fonética, ou significante, relaciona-se a um conceito ou feixe de idéias, o significado, e desta relação resulta a forma lingüística" (p. 106). Lins

urbanização, que se estende desde as variedades rurais […] até a variedade urbana culta" (p. 101). Bortoni-Ricardo (1998) ainda afirma que a variedade urbana, no processo histórico, passou por uma padronização em Portugal e, posteriormente, no Brasil. Diante disso, torna-se evidente a necessidade de estudos que evidencie as particularidades da variedade urbana em relação à rural. O objetivo desta pesquisa é perceber se essa proposta de *continuum,* de Bortoni-Ricardo, ainda é válida para os dias atuais, em que a fronteira distintiva entre rural e urbano tem se abrandado.

No que tange ao fenômeno da concordância nominal, especificamente, Naro e Scherre (2007) destacam a importância do contraste *rural* vs *urbano*. Passemos a palavra aos autores:

> Da leitura de diversos trabalhos, pode-se inferir que as variáveis sociais mais importantes para o entendimento das diferenças do comportamento da concordância nominal são o grau de escolarização e/ou *contraste rural-urbano,* e não a procedência geográfica por cidade, estado ou região. (p. 46 – grifo nosso)

A escolha pela comunidade rural de Santa Leopoldina não foi aleatória. Justificamos essa seleção por ser esse o município capixaba com maior número de habitantes na zona rural, 78,5% da população, segundo dados do último censo, realizado em 2010, pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Além disso, até o momento são raros os trabalhos na área da Sociolinguística Variacionista nessa região.

A comparação de nossos resultados com os de Vitória foi motivada por ser esse o único município capixaba com 100% de habitantes na zona urbana. Já a realização do estudo comparativo com os dados do Rio de Janeiro, na década de 1980 e 2000, fundamenta-se pelo fato desses terem sido estudos precursores acerca desse tema. Ressalta-se que essas questões serão detalhadamente discutidas no capítulo 03.

A constituição de nossa amostra foi realizada em parceria com a aluna do mestrado em linguística, da Ufes, Camila Candeias Föeger, orientanda da professora Lilian Coutinho Yacovenco. Camila analisa o comportamento das

variantes *nós* e *a gente* no contexto de fala leopoldinense, por meio do trabalho intitulado *A Primeira Pessoa do Plural no Português Falado em Santa Leopoldina/ES,* Föeger (2014). Natural de Santa Leopoldina, filha de pais leopoldinenses, Camila foi essencial na constituição de nossa amostra.

A organização de nosso trabalho se dará da seguinte maneira: o capítulo 02, “pressupostos teóricos”, apresenta abordagens de estudos importantes para o reconhecimento da Linguística, enquanto ciência. Além disso, expõe como a variação é concebida por diferentes concepções de análise da língua, a saber: Estruturalismo, Gerativismo e Sociolinguística. O capítulo 03, ”estudos pioneiros e relevantes acerca do fenômeno de marcação de plural”, retoma algumas pesquisas anteriores que embasaram nosso estudo. Embora tenhamos conhecimento da vasta bibliografia acerca do fenômeno da concordância nominal no português brasileiro, nesse capítulo, a revisão bibliográfica irá se restringir aos de trabalhos de Scherre (1988), com o português falado no Rio de Janeiro, na década de 1980; Scherre e Naro (2006), que retomam os dados cariocas de 1980 comparando-os com os obtidos em 2000, também no Rio de Janeiro; e, ainda, o de Silva (2011), em trabalho com o português falado em Vitória/ES.

O capítulo 04, “A comunidade de Santa Leopoldina”, traça um percurso histórico da comunidade de Santa Leopoldina, e, também, disserta sobre a vida na região rural do município. Nosso propósito é apresentar ao nosso leitor as particularidades da região em que o fenômeno analisado ocorre. O capítulo 05, “Metodologia”, discorre sobre os procedimentos utilizados para a constituição da amostra para realização deste estudo. Além disso, estabelece os objetivos pretendidos com esta análise. E ainda, traz esclarecimentos acerca do fenômeno em análise e das variáveis controladas. O capítulo 06, “Análise dos dados em termos de frequência absoluta e relativa”, é destinado à análise dos dados obtidos em Santa Leopoldina. O capítulo 07, “Comparação dos resultados obtidos em Santa Leopoldina com os obtidos no Rio de Janeiro (1980 e 2000) e em Vitória (2000)”, estabelece um estudo comparativo entre esta pesquisa e a realizada por Scherre (1980), Scherre e Naro (2006) e Silva (2011). Vejamos a seguir, os pressupostos teóricos norteadores deste trabalho.

Por fim, no capítulo 08, “Considerações Finais”, apresentaremos nossas conclusões sobre o fenômeno em análise, de forma a reinterar os resultados obtidos para facilitar o entendimento de nosso leitor.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Labov (2008 [1972], p. 302) afirma que todo linguista reconhece a língua como um fato social. Entretanto, faz uma ressalva ao frisar que nem todos dão a mesma ênfase a esse fato. Segundo ele, os estudiosos que escrevem sobre a questão da mudança linguística se preocupam em diferentes graus com o contexto social em que essa mudança ocorre. É válido considerar que sendo a língua um fato social, não se pode desconsiderar seu caráter dinâmico. Partindo disso, faremos alguns apontamentos acerca das diferentes abordagens linguísticas, no que tange ao reconhecimento da variação e da mudança linguística como fenômenos da língua.

2.1 VARIAÇÃO SOB DIVERSAS PERPECTIVAS

2.1.1 A variação na concepção estruturalista

Em 1916, é publicado o Curso de Linguística Geral, obra póstuma de Saussure, que marca a tomada de novas abordagens linguísticas, dando a essas pesquisas reconhecimento enquanto Ciência. Nessa obra são veiculados os conceitos de *langue* (língua) e *parole* (fala). Língua seria uma parte da linguagem, “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade do indivíduo” (SAUSSURE, 1995 [1916], p. 17). Em contrapartida, a fala é definida como “as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações” (p. 22).

Segundo o linguista, estes dois aspectos da linguagem - língua e fala - estão estreitamente relacionados. Nas palavras do autor:

> a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato da fala vem sempre antes. […] Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao

> mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Tudo isso, porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas. (SAUSSURE, 1995 [1916], p. 27)

Saussure ainda esclarece que:

> Pode-se, a rigor, conservar o nome de Linguística para cada uma dessas duas disciplinas e falar duma Linguística da fala. Será, porém, necessário não confundi-la com *a Linguística propriamente dita, aquela cujo único objeto é a língua.*
> Unicamente desta última que cuidaremos, e se por acaso, no decurso de nossas demonstrações, pedirmos luzes ao estudo da fala, *esforçar-nos-emos para jamais transpor os limites que separam os dois domínios*. (SAUSSURE, 1995 [1916], p. 28 – grifo nosso)

Nota-se que o linguista enfatiza que seus trabalhos se restringiram à análise da língua, embora reconheça a importância da fala para a linguagem, e sua relação estreita com a linguagem. A este respeito, Labov (2008 [1972]) afirma que se há o *paradoxo saussuriano*, uma vez que, embora Saussure conceba a língua como parte social, não considera o contexto social em suas pesquisas, preocupando-se apenas com o aspecto interno da linguagem. Segundo o sociolinguista, Saussure jamais poderia estudar as manifestações reais da língua, pois se o fizesse estaria diante da fala. Para Labov (2008 [1972]), o *paradoxo saussuriano* se constitui a partir do momento em que se estuda "o aspecto social da língua[2] […] pela observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente pela observação da língua em seu contexto social" (p. 218).

Saussure (1995 [1916], p. 16) esclarece que não há como confundir linguagem e língua, uma vez que esta é parte daquela. O linguista ressalta que a linguagem possui um lado social e um lado individual (língua e fala), portanto, é heterogênea. Afirma ainda que a língua, em contrapartida, é de natureza homogênea, constituindo-se num sistema de signos, em que de essencial só existe a união de sentido e da imagem acústica, sendo as duas partes igualmente psíquicas[3]. Percebemos, portanto, que a variação, na concepção

---

[2] No original, Labov (1972) fala em "the social aspect of the language" (p. 186).

[3] Nesse ponto alude-se aos conceitos de signo proposto por Saussure (1995 [1916]). Segundo o linguista, o signo é formado a partir da combinação do *conceito* e da *imagem acústica*, ou seja, do significante e do significado. Câmara Jr. (1979) destaca que "uma forma fonética, ou significante, relaciona-se a um

saussuriana, se estabelece no plano da fala. Sendo assim, Saussure opta pelo estudo da parte homogênea da linguagem, a língua.

Saussure (1995 [1916]) distingue o estudo da língua em *linguística interna* e *externa.* Para ele, a linguística externa pode "acumular pormenor por pormenor sem se sentir apertada no torniquete dum sistema" (p.16). A linguística interna, por outro lado, reconhece a língua como um sistema conhecedor apenas de sua ordem própria. Ou seja, não considera qualquer elemento externo ao sistema linguístico. Saussure (1995 [1916]), por meio da comparação entre língua e o jogo de xadrez, estabelece que as influências externas não podem alterar a gramática interna da língua. Dessa forma, para serem efetivadas, as mudanças devem se originar do interior do sistema, do campo de estudo concernente a linguística interna.

O modelo saussuriano propõe a dicotomia *sincronia vs diacronia,* em que apenas o fato estático deve ser considerado. Segundo Saussure(1995 [1916]), os fatos diacrônicos são acontecimentos que têm razão em si mesmos. Além disso, as consequências sincrônicas particulares que deles podem derivar são totalmente estranhas. Assim, "os fatos diacrônicos não tendem sequer a alterar o sistema. Não se quis passar de um sistema de relações para outro; a modificação *[variação/mudança]* não recai sobre a ordenação, e sim sobre os elementos ordenados" (SAUSSURE, 1995 [1916], p. 100 – adaptação em itálico). Por isso, o estruturalista considera apenas a interface sincrônica da língua, pelo fato de esta apresentar certa regularidade.

Diante do aspecto secundário dado ao diacrônico, Saussure (1995 [1916]) privilegia a sincronia. Entretanto, como destaca Culler (1979 - *apud* LINS, 2003, p. 14), isso não significa que o autor vislumbre a língua como uma série de estados sincrônicos totalmente homogêneos. Segundo Culler (1979 *apud* LINS,

---

conceito ou feixe de idéias, o significado, e desta relação resulta a forma lingüística" (p. 106). Lins (2003) esclarece que o significante constitui parte perceptível do signo, enquanto o significado, a parte inteligível deste. Saussure (1995 [1916], p. 81) sustenta que o laço que une o significante e o significado é arbitrário, imotivado, o que culmina no *princípio da arbitrariedade* do signo.

2003), a priorização saussuriana é somente uma ficção metodológica. Posteriormente, os sociolinguistas defenderiam a possibilidade de estudo da evolução da mudança, na perspectiva diacrônica, a partir da análise do *tempo aparente* e *tempo real.* A primeira seria por meio da comparação de dados obtidos com informantes de diferentes faixas etárias; e a última, com a análise de dados obtidos em tempos diferentes (LABOV, 2008 [1972] – p. 194).

No estruturalismo desenvolvido nos Estados Unidos, destaca-se Leonard Bloomfield, que se afasta um pouco das ideias de Saussure. Por isso, como afirma Lins (2003), esse estruturalismo possui características muito particulares, destaque ao empenho desses estudiosos em conhecer línguas indígenas, numerosas no território americano nessa época. O objetivo dos estruturalistas norte-americanos era analisar o conteúdo dessas línguas, sendo que os resultados obtidos estavam relacionados “à língua e ao pensamento, a formas linguísticas e instituições sociais e representações religiosas” (LINS, 2003, p. 17 - adaptado). Esse fato fez com que a escola mantivesse estreita relação com a antropologia. A linguística passou, então, a ocupar “um lugar 'auxiliar' da antropologia, ao lado da etnografia, da sociologia, da história das religiões” (LINS, 2003, p. 16).

Leroy (1967) afirma que as noções de Leonard Bloomfield vão de encontro às de seus compatriotas ao defender uma teoria materialista, em que o mecanismo da comunicação seria explicado pelo jogo de estímulos e reações. Nota-se que o estruturalista assume uma postura “behaviorista”, ao defender a *noção de mecanismo*, assim a linguagem passa a ser concebida como uma atividade humana. Além disso, Leroy (1967) destaca que, com o objetivo de dedicar-se apenas ao estudo do aspecto formal da linguagem, Leonard Bloomfield afasta de suas analises o indivíduo. Cedemos à palavra a Leroy (1967), o qual expõe que:

> O *mecanismo* […] se apresenta como um sistema positivista que considera a linguagem, a exemplo das outras atividades humanas, uma conseqüência natural de ações e reações de diferentes elementos que constituem o corpo humano; estimando seja a significação a situação na qual o falante emite uma forma lingüística,

> Bloomfield o afasta para estudar unicamente o aspecto formal da linguagem. (p. 150) [4]

Frisa-se que, na noção introduzida por Bloomfield, a língua é uma forma de comportamento, uma entidade autônoma. Sendo assim, a língua é vislumbrada como passível de descrição em si mesma, por um descritivismo filiado a regras aplicáveis mecanicamente. Para Lins (2003), Bloomfield "constrói um sistema uniforme, coerente, de conceitos que pudesse nortear a descrição sincrônica de qualquer língua, com qualquer tipo de estrutura" (p. 17). Essas características aproximam as ideias bloomfieldianas às saussurianas, haja vista o objetivo comum em estudar a estrutura imanente da língua em um momento estável, sincrônico.

A respeito da visão bloomfieldiana acerca da diacronia, Câmara Jr. (1979) destaca que, para Bloomfield, as mudanças ocorridas nas línguas acontecem numa proporção que não inviabilizem a comunicação entre as pessoas. Para ele, o diacrônico é somente um esforço em reconstruir estados linguísticos anteriores e, sendo assim, "a diacronia é vista como uma mudança de um estado sincrônico" (CÂMARA JR., 1979, p. 174). Cita-se como destaque da concepção bloomfieldiana a busca em mostrar que a gramática tradicional e o estudo da dicotomia "certo *vs* errado" deveriam ser substituídos por uma análise objetiva da língua, como enfatiza Câmara Jr. (1979). Essa visão de análise será posteriormente adequada às postulações sociolinguísticas.

Nota-se que o objetivo dos estruturalistas foi descrever a língua internamente, ponto compartilhado com os gerativistas. Entretanto, a escola gerativa foi muito mais ambiciosa, à medida que procurou descrever "*todas as* associações relevantes que existiam na língua" (HORA, 1997, p. 165 – grifo nosso). Passemos, agora, as aspirações gerativistas.

---

4 Nota-se que nas citações preservamos a grafia original. Neste caso, especificamente, a norma ortográfica vigente em 1967.

2.1.2 Novamente variação: concepções gerativistas

Chomsky (2005 [2000])[5] afirma que a gramática gerativa surgiu nos anos 50, em meio à efervescência da "revolução cognitiva". A escola trazia uma concepção de língua centrada no conhecimento linguístico do indivíduo anterior à experiência. Neil Smith, ao dissertar para o prefácio da obra de Chomsky (2005 [2000]), ressalta que a visão internalista de Chomsky relaciona sua perspectiva com a Psicologia e a Biologia, uma vez que a linguagem passa a ser concebida como um "objeto biológico". Sendo assim, deve ser analisada por meio de uma "metodologia das ciências naturais, sem espaço para restrições em pesquisa linguística" (CHOMSKY, 2005 [2000], p. 09).

Segundo o gerativista, a perspectiva cognitiva objetiva fornecer evidências sobre os mecanismos da mente e como esses operam ao executar ações e interpretar experiências. Defende-se a existência de um órgão da linguagem. Vejamos essas considerações nas palavras do próprio autor:

> […] assumimos que o órgão da linguagem é como outros, no sentido de que seu caráter básico é uma expressão dos genes. […] É evidente que cada linguagem é o resultado da interrelação de dois fatores: o estado inicial e o curso da experiência. Podemos conceber o estado inicial como um "sistema de aquisição da linguagem", que toma a experiência como *input* e fornece a linguagem como *output* – um *output* é internamente representado na mente/cérebro. (CHOMSKY (2005 [2000]), p.31)

O autor ressalta que, embora não seja possível estudar os genes da linguagem, se pode analisar o estado inicial. Segundo Chomsky (2005 [2000]), uma criança americana que cresce em Tóquio aprenderá a língua japonesa, como as crianças nativas desse país. Verifica-se que o autor reconhece a influência do contexto social no processo de aquisição da linguagem. Entretanto, não inclui o efeito do social no estudo da língua.

---

5 Utilizaremos a tradução de Marco Antônio Sant'Anna (2005) do clássico de Noam Chomsky, **New horizons in the study of language and mind**, lançado em 2000.

Labov (2008 [1972]) destaca que o gerativista dá novo ímpeto à concepção saussuriana de abstração da língua. Como Saussure, Noam Chomsky trabalha com dicotomias, *competência* e *desempenho.* Em Chomsky (2005 [2000]), a *competência* é conceituada como:

> Língua–I, um termo para indicar que essa concepção de linguagem é interna, individual e intencional [...] Ter uma Língua-I é algo como ter uma 'maneira de falar e entender', o que constitui uma estrutura tradicional do que é linguagem. [...] A Língua-I especifica a forma e o significado de elementos lexicais [...], na medida em que esses elementos são determinados pela própria faculdade da linguagem. (p. 64 - 65)

Em contrapartida, na concepção chomskyniana, o *desempenho* é o meio pelo qual as regras são executadas. Assim:

> Assume-se em geral que os sistemas de desempenho são totalmente determinados pelo estado inicial – que quaisquer mudanças de estado são internamente dirigidas ou resultado de fatores externos, tais como acidente, não exposição a uma ou outra língua. (CHOMSKY, 2005 [2000], p. 211)

Esclarecemos que as considerações de Chomsky afastam-se do plano do desempenho, domínio da fala, priorizando o estudo da competência. Hora (1997, p. 165) destaca que o advento da teoria gerativista não parece ter contribuído para grandes avanços em relação à variação linguística, foco dos sociolinguistas, uma vez que, assim como os estruturalistas, considera a língua como homogênea e estática, e, em vista disso, passível de descrição. Dialogando com o estruturalismo saussuriano e o gerativismo chomskyniano, Hora (1997, p. 166) argumenta que, enquanto no modelo de Saussure se interessava por aquilo que o indivíduo ouve, na formulação de Chomsky, o interesse é pela intuição do falante.

Labov (2008 [1972]), fazendo uma releitura das concepções de Saussure e Chomsky, esclarece:

> Para Chomsky, a linguística é propriamente o estudo da competência, e ele deixa explícita a prática que decorre do paradoxo saussuriano: que o real objeto do estudo linguístico é uma comunidade de fala abstrata, homogênea, em que todo mundo fala igual e aprende da língua instantaneamente. (p. 218)

É válido ressaltar que Labov (2008 [1972]) reconhece a importância da abstração do modelo chomskyano, proposta por Chomsky, na década de 1960, para o desenvolvimento da gramática gerativa. Contudo, defende que o objeto da linguística deve ser o instrumento de comunicação usada pela comunidade de fala. Por isso, os sociolinguistas consideram as especificidades sociais e culturais de cada comunidade. A este respeito, falaremos a seguir.

2.2 A PERSPECTIVA DOS SOCIOLINGUISTAS VARIACIONISTAS

É nítido que as teorias citadas até o momento reconheciam a existência da variação e da mudança. Entretanto, nenhuma delas procurou verificar as motivações desses fenômenos linguísticos, por entender que era impossível ou, ao menos, difícil, a análise da língua em situação de uso real ao se considerar a comunidade de fala. A Teoria Sociolinguista considera imprescindível a análise da língua aliada ao ambiente em que essa se processa. Na concepção sociolinguista:

> Certamente não basta apontar a existência ou a importância da variabilidade: é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los em nossas análises da estrutura linguística. (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006, p. 107)

Para sistematização dessa variabilidade inerente à língua, a perspectiva sociolinguista, inclui, em seus estudos, a observação dos fatores sociais. Essa abordagem inspirou-se nos ensinamentos funcionalistas de Mathesius, expostos nas teses do Círculo de Praga, como estabelece Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968], p. 107). A ideia central mathesiusiana é que a forma é subordinada à função. Defende-se que cada língua efetua os atos funcionais de uma maneira específica.

Cita-se também como contribuição para o surgimento da Sociolinguística, as considerações de Michael Halliday. De acordo com Paveau e Sarfati (2006, p.139), o autor propõe uma abordagem socio-funcional da língua ao incorporar a dimensão social à linguística. Para Halliday, a linguagem não é apenas parte

do social, mas organizada de forma a ser metáfora do processo social. O funcionalista estabelece a noção de escolha. Nessa noção, ainda segundo Paveau e Sarfati (2006), o locutor é quem traça seu caminho paradigmático, a partir do contexto imediato da situação ou, mais amplamente, da cultura em que se encontra inserido. Convergente às proposições do linguista, posteriormente, Tagliamonte (2009) diria que "as escolhas que os falantes fazem entre meios/formas linguísticas alternativas para comunicar a mesma informação, frequentemente, transmite informação extralinguística importante"[6] (p. 07 – tradução nossa).

A Teoria da Variação defende a relação entre língua e sociedade e a possibilidade de sistematização da variação, a partir da análise da fala em seu contexto social. Expoente da literatura sociolinguística, William Labov, ainda em meados da década de 60, a partir de estudos com seu mestre Uriel Weinreich, propõe uma abordagem linguística que se concentre na língua em uso dentro da comunidade de fala em que esse uso é, efetivamente, realizado. Para Labov (2007): "É a linguagem o instrumento que as pessoas usam para se comunicar uns com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em variação e mudança lingüística"[7] (p. 01 – tradução nossa). Observa-se, como já ressaltado anteriormente, a consonância da definição laboviana com os pressupostos do Círculo de Praga, uma vez que a língua é também vista pelo autor como instrumento de comunicação. Contudo, Labov aprofunda essa noção ao incorporar, mais enfaticamente, as questões sociais.

Tagliamonte (2009) ressalta que para a sociolinguística a língua existe no contexto, ou seja, é dependente do falante que a utiliza, e ainda "onde" e "por qual motivo" esse o faz. Para a linguista, a noção de língua não pode ser dissociada da noção do social, sendo apenas definida nos termos de um grupo de pessoas. Neste contexto, a fala, além de ter uma função comunicativa, atua

---

[6] No original: "the choices speakers make among alternative linguistic means to communicate the same information often conveys important extralinguistic information" (Tagliamonte, 2009, p. 07)

[7] No original: "It's language, the instrument that people use to communicate with each other in every-day life. That's the object that is the target of the work on linguistic change and variation" (Labov, 2007, p. 01).

como um identificador de grupos sociais. Exemplo clássico é a pesquisa de Labov, realizada na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts, em meados dos anos 60, acerca da mudança dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/. Nas entrevistas coletadas com informantes nativos da ilha notou-se que o uso de /ay/ e /aw/ em posição mais centralizada era forma de o indivíduo, mesmo inconscientemente, afirmar seu pertencimento a Martha's Vineyard, sua identidade vineyardense, em oposição a não centralização dos ditongos por parte dos veranistas (turistas). Por outro lado, quando um vineyardense demonstrava ausência de identificação com a ilha, passava a utilizar as padronizadas não centralizadas. Nota-se que a língua é então entendida como um símbolo de pertencimento a um grupo ou a uma comunidade. Assim

> O estudo dos dados mostra que a alta centralização de (ay) e (aw) está intimamente correlacionada a expressões de grande resistência às incursões dos veranistas. [...] Não surpreende, portanto, descobrir que as diferenças fonéticas se tornam cada vez mais marcadas à medida que o grupo luta por manter sua identidade. [...] Fica evidente que o significado imediato desse traço fonético é “vineyardense”. (LABOV, 2008 [1972], p. 48, 49 e 57)

Outro argumento, evidenciado em Labov (2008 [1972]), é o fato de as crianças em isolamento não usarem a língua. Para o autor, isso ocorre em virtude da impossibilidade do exercício do indivíduo em comunidade, o que é essencial para o domínio da língua, dado o caráter social dessa. Diante disso, o linguista pondera que a língua deve ser utilizada em um contexto social, para que o falante possa expressar suas necessidades, ideias e emoções aos outros. Nesse contexto, em Labov (2008 [1972]), a língua é reafirmada como uma forma de comportamento social, e por isso não pode ser estudada desvencilhada da sociedade.

Labov (1980 [1972]) destaca quatro aspectos citados como dificuldades no estudo da fala: (i) a agramaticalidade da fala; (ii) as variações detectadas na fala de um individuo e na comunidade de fala resultado de mistura dialetal, ou de variação livre no interior do sistema; (iii) a dificuldade de gravação da fala em uso real; e (iv) a baixa frequência de ocorrência de algumas formas sintáticas. Segundo o autor, essas dificuldades podem ser as motivações para

o estudo interno da língua, como a "*langue"* ou a "competência". Contudo, rejeitar a dimensão social da língua não é viável. E as desvantagens do estudo imanente podem superar as dificuldades estabelecidas acima.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) [8] argumentam que o modelo gerativo, ao propor a homogeneidade da língua, configura-se como um retrocesso em relação às teorias estruturais, mesmo sabendo que os fatos da heterogeneidade não se harmonizaram com o estruturalismo.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) destacam que a Teoria da Mudança Linguística - termo equivalente a "Teoria da variação", ou ainda "Sociolinguística Variacionista" - se propõe a romper com a identificação de estruturalidade, com a homogeneidade, mostrando-se contrária a concepções centrais estruturalistas e gerativistas. Nessa abordagem de cunho social, entende-se que em uma língua a ausência da heterogeneidade estruturada seria disfuncional, uma vez que a compreensão das estruturas heterogêneas é parte da competência linguística do monolíngue[9]. Cedemos a palavra a Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) que destacam seus anseios por:

> Uma teoria da mudança que lide nada menos do que com a maneira como a estrutura da língua de uma comunidade completa se transforma no curso do tempo, de tal modo que, em certo sentido, tanto a língua quanto a comunidade permanecem as mesmas, mas a língua adquire uma forma diferente. (p. 387)

Diante disso, a Sociolinguista Variacionista, de perspectiva laboviana, inova quando se dispõe a analisar a língua falada em situação de uso real. Entretanto, a obtenção desses dados é extremamente trabalhosa. Uma opção para a constituição do *corpus* se faz por meio de entrevistas gravadas com

---

8 Utilizaremos a tradução de Marcos Bagno, em 2006, do livro "*Empirical foundations for a theory of language change",* de 1972 (bibliografia completa disposta no tópico VII).

9 Nas palavras de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]): "o domínio de um falante nativo [*nativelike command*] de estrutura heterogêneas [...] é parte da competência linguística do monolinguigue. Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa, a ausência de heterogeneirdade estruturada é que seria disfuncional" (p. 36).

informantes de uma determinada comunidade de fala. Esses informantes são selecionados com base em fatores extralinguísticos, tais como: etnia, escolaridade, gênero/sexo, faixa etária, que serão abordados com mais clareza no capítulo 05.

A formação do *corpus* exige um número considerável de gravações, pois, a depender do fenômeno em análise, é baixa a frequência das ocorrências sintáticas em estudo. O objetivo da pesquisa sociolinguista é analisar a fala das pessoas, quando elas não são observadas. Contudo, a coleta da fala espontânea apenas pode ser realizada por meio de observações sistemáticas, ou seja, a partir de entrevistas, como destaca Labov (2008 [1972], p. 244). Isso posto, o sociolinguista ressalta que uma maneira de superar esse paradoxo é romper os constrangimentos da situação de entrevista, o que pode ocorrer por meio de procedimentos que desviem a atenção do falante, para que assim o vernáculo transpareça. O linguista aponta como método possível, nessa tarefa, a indução de pausas pelo entrevistador no momento da gravação, para que o entrevistado presuma inconscientemente que não está sendo analisado nestes momentos. Outra opção é envolver a pessoa com perguntas que recriem emoções fortes, como relembrar situações de perigo, haja vista que as narrativas produzidas a partir de temas desse tipo, geralmente, exibem mudança de estilo e afastamento da fala monitorada.

Ao propor a análise da variação na língua, Labov (2008 [1972], p. 221) mostra que existem variantes, ou seja, formas diferentes com mesmo significado. Contudo, em alguns casos, uma forma pode ser vista como prestigiada em detrimento de outra(s), fato que justifica o interesse do autor em incluir os fatores extralinguísticos em suas pesquisas. É válido esclarecer que o processo de variação pode ou não levar a uma mudança. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 126) ressaltam que nem toda heterogeneidade na estrutura da língua implica mudança, mas subjacente a esta sempre há variabilidade e heterogeneidade.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) identificam que a “estrutura lingüística mutante está ela mesma encaixada no contexto mais amplo da comunidade de

fala, de tal modo que variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura" (p. 123). Dessa forma, entende-se que essas estruturas são determinadas por funções sociais. E mais que isso, as pressões sociais, operantes continuamente sobre a língua, não partem de algum ponto do passado, mas, como uma força social imanente, atuante no presente, como aponta Labov (2008 [1972], p. 21), opondo-se à abordagem histórica da língua.

Paiva e Duarte, em contribuição no posfácio da obra de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 133), afirmam que a percepção da variação como algo ordenado é o fator inovador da proposta sociolinguística. Isso porque, além de reconhecer a variação e a mudança linguística, como as escolas anteriores o fizeram, a Teoria Variacionista atribui-lhe um caráter sistemático, uma vez que a língua é considerada um sistema heterogêneo ordenado. Dessa forma, cabe ao linguista não só descrever essa sistematização, mas explicá-la, e ainda "depreender os padrões que a governam" (p. 133).

Nessa pesquisa, nos embasaremos nas postulações da literatura sociovariacionaista, uma vez que consideramos a língua como um sistema social. Sendo assim, as produções linguísticas são de alguma forma motivada pelos fatores sociais que a circundam. Utilizaremos como referencial teórico, as contribuições de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), Labov (2008 [1972], 2007, 2001), Guy e Zilles (2007), Tagliamonte (2009).

No estudo específico do processo de concordância nominal no sintagma nominal, utilizar-se-á a pesquisa de Scherre (1988) e Scherre e Naro (2006), acerca desse fenômeno na comunidade urbana do Rio de Janeiro/RJ, e ainda a pesquisa de Silva (2011), na zona urbana de Vitória/ES. Sobre esses dois últimos estudos falaremos a seguir.

3 ESTUDOS PIONEIROS E RELEVANTES ACERCA DO FENÔMENO DE CONCORDÂNCIA NOMINAL

A variação da concordância de número em sintagmas nominais é um tema amplamente discutido por sociolinguistas. Vários estudos já foram realizados sobre esse fenômeno, dentre esses Scherre (1988) cita alguns trabalhos relevantes: Braga (1977) – português do Triângulo Mineiro; Scherre (1978) – português do Rio de Janeiro; Poplack (1980) – espanhol de Porto Rico; Guy (1981) – português do Rio de Janeiro; Scherre (1988) – português do Rio de Janeiro. Em nossa capital – Vitória/ES – também foi realizada uma pesquisa recentemente acerca do tema, de Silva (2011).

Nota-se que o processo de variação da concordância nominal foi abordado por vários estudiosos, inclusive em zonas rurais. Scherre e Naro (2006) citam entre as pesquisas com amostras coletadas em área rural: Almeida (1997), Brandão (1994), no e Dias (1993). Contudo, entendemos que cada comunidade dispõe de características que lhes são próprias e que, por isso, particularizam sua linguagem. Além disso, é válida a realização de estudos que visem sistematizar um determinado fenômeno em diversas regiões, pois, assim, será possível perceber a regularidade desse em diferentes amostra. Daí nosso interesse em analisar o processo de concordância nominal no interior de nosso estado.

3.1. ANÁLISES DO FENÔMENO EM ZONAS URBANAS

Façamos agora um retrato do fenômeno da variação de número no sintagma nominal nas regiões do Rio de Janeiro/RJ e Vitória/ES, por meio das pesquisas de Scherre (1988), Scherre e Naro (2006) e Silva (2011). Sabemos da importância de todos os trabalhos citados anteriormente, entretanto, neste trabalho, faremos um estudo comparativo apenas entre nossos resultados e os apresentados por Scherre (1988), Scherre e Naro (2006) e Silva (2011), por isso, nesta seção, apresentaremos apenas as contribuições dessas autoras. Nossa intenção primeira era elaborar um estudo comparativo com outros estudos - como os citados por Scherre (1988) Braga (1977), Poplack (1980),

Guy (1981) - contudo, em decorrência do tempo exíguo do mestrado, ao longo de nossa pesquisa, percebemos a inviabilidade dessa proposta. Sendo assim, decidimos nos restringir às regiões citadas.

Entretanto, a escolha por efetuar a comparação de nossos resultados com os obtidos em Vitória/ES e no Rio de Janeiro/RJ se deu por mais que um mero recorte metodológico. A seleção dessas regiões foi motivada pela localização dessas cidades, ambas no Sudeste. Além disso, especificamente no caso da opção por Vitória/ES, temos o objetivo de perceber as riquezas linguísticas do Espírito Santo, observando as similaridades e discrepâncias existentes em nosso estado.

Outro ponto motivador foi o fato de as pesquisas nas regiões citadas terem se limitado à análise do fenômeno em zonas urbanas, o que nos proporcionará uma frutífera reflexão sobre a dicotomia urbana *vs* rural, uma vez que nossas entrevistas foram coletadas a partir da fala de informantes da zona rural do município de Santa Leopoldina. Faremos a seguir uma breve apresentação das pesquisas de Scherre (1988), Scherre e Naro (2006) e Silva (2011).

3.1.1. Estudo da Concordância Nominal no Rio de Janeiro/RJ, em 1980 e 2000, por Maria Marta Pereira Scherre e Anthony Julius Naro

Em 1988, a professora Maria Marta Pereira Scherre publica sua tese intitulada “Reanálise da concordância nominal em português”, sob orientação do professor Anthony Julius Naro. O termo “reanálise” justifica-se pelo fato de o tema da concordância nominal também ter sido objeto de estudo da dissertação de mestrado da professora, com o título “A regra de concordância de número no sintagma nominal em português”, defendida em 1978.

A tese de Scherre (1988) aborda a questão das marcas de número no processo de concordância, restringindo-se apenas aos sintagmas nominais. A linguista baseia-se nas contribuições da Teoria de Variação Linguística

Laboviana e da Teoria Funcionalista, de Kiparsky (1972), inserida no arcabouço teórico da gramática gerativa[10]. Com esse dialogar de áreas de estudo, a autora objetiva: (i) apresentar uma descrição de fatores linguísticos e não linguísticos que regem o processo da concordância nominal; (ii) evidenciar a importância de se considerarem motivações e princípios não estritamente gramaticais para determinação do uso linguístico; (iii) analisar a relação entre variação e mudança de forma a verificar qual o real estágio do processo de marcação de plural no português brasileiro; e (iv) perceber se a variação grupal é reflexo da variação individual, ou seja, se a variação é inerente ou apenas consequência do agrupamento de indivíduos de comportamento linguístico diferenciados.

Para isso, Scherre (1988) conta com uma amostra constituída por 64 horas de fala gravada a partir de 64 informantes radicados do Rio de Janeiro. As entrevistas foram realizadas com a colaboração de pesquisadores de diferentes universidades UFRJ, UFRRJ, UFF e UFJF, que participaram da equipe do Projeto Censo, hoje Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL). Os informantes foram estratificados da seguinte maneira: faixa etária – 7-14 anos, 15-25 anos; 26-49 anos; e maiores de 49 anos; sexo/gênero – feminino e masculino; escolaridade – um a quatro anos (antigo primário, atual fundamental 1); cinco a oito anos (antigo ginasial, atual fundamental 2); nove a onze anos (antigo colegial, atual ensino médio).

É importante mencionar que Scherre (1988) faz duas análises, uma (i) atomística – em que cada termo do sintagma é considerado um elemento a ser analisado; e outra (ii) não atomística – em que o sintagma é analisado como um todo. Neste trabalho, faremos referência apenas aos resultados da análise atomística obtidos pela pesquisadora, uma vez que apenas esses servirão de base comparativa com nossos resultados, haja vista que optamos pela apresentação de uma única análise, a atomística.

---

[10] É válido mencionar que, embora a Teoria Funcionalista, de Kiparsky (1972), seja inserida no arcabouço da gramática gerativa, o essencial para a pesquisa de Scherre (1988) foi o aspecto funcionalista da proposta de Kiparsky (1972).

As variáveis linguísticas analisadas, inicialmente, foram: (i) processos morfofonológicos de formação do plural; (ii) tonicidade dos itens lexicais singulares; (iii) número de sílabas dos itens lexicais singulares; (iv) posição linear do elemento no SN; (v) classe gramatical do elemento nominal; (vi) marcas precedentes ao elemento nominal analisado; (vii) contexto fonético/fonológico seguinte ao elemento nominal sob análise; (viii) função sintática do SN (codificada em cada um de seus constituintes); (ix) animacidade dos substantivos; (x) grau dos substantivos e dos adjetivos e (xi) formalidade dos substantivos e dos adjetivos. No decorrer de suas análises, contudo, Scherre (1988) percebeu a necessidade de incorporar outras variáveis. Além disso, algumas variáveis passaram a ser vista por uma nova percepção. Assim, no decorrer de seu trabalho, Scherre (1988) estabeleceu as seguintes variáveis linguísticas: (i) saliência fônica, com as suas dimensões Processos e Tonicidade; (ii) relação entre os elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN; (iii) marcas precedentes em função da posição; (iv) contexto fonético/fonológico seguinte; (v) função resumitiva do SN; (vi) formalidade dos substantivos e adjetivos; (vii) grau dos substantivos e adjetivos e (viii) animacidade dos substantivos.

Vale ressaltar ainda que a escolha das variáveis linguísticas analisadas em nossa pesquisa foi, em grande parte, motivada pelas variáveis propostas por Scherre (1988). Isso porque é notória a preocupação da linguista em expor uma minuciosa reflexão acerca do processo de marcação de plural no sintagma nominal, sendo essa também nossa intenção: expor detalhadamente como ocorre esse processo no português falado na zona rural de Santa Leopoldina. Dessa forma, algumas das variáveis elencadas acima serão retomadas no momento da análise de nossos dados, sendo então mais amplamente discutidas. Além disso, os resultados obtidos por Scherre (1988) serão evidenciados no momento em que apresentaremos a comparação entre esses e os resultados de Rio de Janeiro (1980), Vitória (2000) e de Santa Leopoldina (2011/13).

Aqui adiantamos algumas conclusões de Scherre (1988). Observe:

a) marcas precedentes – afirma-se que “marcas conduzem a marcas e zeros conduzem a zeros” (p. 511);

b) saliência fônica – os termos mais salientes tendem a receber mais marcas, ou seja, os itens não regulares têm mais chances de serem marcados. Esse efeito reflete-se também no sintagma como um todo, ou seja: “um SN que contenha pelo menos um constituinte não regular apresenta também mais chances de conter todas as marcas formais de plural” (p. 511);

c) posição linear e relativa – os elementos não nucleares antepostos são mais marcados do que os pospostos. Além disso, os elementos nucleares na primeira posição tendem a ser mais marcados também. Resumindo, os termos mais à esquerda, geralmente, são mais marcados;

d) classe gramatical – como variável isolada não tem grande influência, mas atua junto com a posição do elemento no SN;

e) formalidade e grau – os termos no diminutivo e no aumentativo tendem a desfavorecer a presença de marcas. Segundo Scherre (1988), uma explicação seria a atuação desses em contextos, geralmente, não formais;

f) animacidade dos substantivos – observou-se uma oposição entre elementos [+ humano] e [-humano], sendo os primeiros mais marcados;

g) contexto fonético/fonológico seguinte – não se notaram influências polarizadas entre os fatores analisados, o que se concluiu foi um favorecimento à presença de marcas quando o contexto seguinte é constituído por: pausa ou traços surdo, oral e velar;

Diante disso, a linguista conclui que:

> a variação que envolve a concordância de número no SN é, neste estágio do Português, um fenômeno pouco influenciado por razões fonológicas, sem fortes ligações com a queda do -S de natureza não morfêmica. A concordância nominal é um fenômeno essencialmente morfossintático, cujo funcionamento é explicado por forças alheias ao sistema lingüístico propriamente dito. (SCHERRE, 1988, p. 515)

A autora explica que os princípios que regem o processo de marcação de plural no português falado no Rio de Janeiro, na década de 1980, são de motivações externas como: (i) Princípio da Saliência – os termos mais salientes favorecem a presença de marcas; (ii) Princípio da Iconicidade – relação entre o vocábulo e

o elemento que ele nomeia ou determina; e (iii) Principio do Processamento com Paralelismo – a presença de marcas favorece a mais marcas, assim como a ausência de marcas favorece a manutenção de zeros nos termos seguintes. Como dito, no momento do estudo comparativo aprofundaremos nossas considerações sobre os resultados evidenciados por Scherre (1988). Passemos agora a algumas reflexões acerca dos resultados obtidos por Scherre e Naro (2006).

A amostra da pesquisa desenvolvida por Scherre e Naro (2006) foi constituída por falantes da mesma comunidade do Rio de Janeiro em que fora desenvolvido o estudo de Scherre (1988). As entrevistas foram coletadas entre 1999 e 2000, contando com 32 falantes estratificados da seguinte forma: (i) gênero: masculino e feminino; (ii) anos de escolarização: 1-4 anos, 5-8 anos, 9-11 anos de escolarização; (iii) faixa etária: 7-14 anos, 15-25 anos, 26- 49 anos, e mais de 49 anos de idade.

Comparando os resultados de 1980 com os obtidos na amostra de 2000, Scherre e Naro (2006) observaram um aumento de 18 pontos percentuais de marcação do plural na concordância nominal. Segundo os linguistas, esse aumento pode ser justificado pela maior exposição da comunidade ao ambiente escolar. Analisando então o efeito da variável *anos de escolarização*, nota-se uma diminuição dos índices de realização da concordância entre falantes menos escolarizados, como evidenciado pelos pesos relativos obtidos:

TABELA 01
Efeito da variável Escolaridade – no processo de marcação de plural nos dados do Rio de Janeiro, das décadas de 1980 e 2000

Fatores	**Rio de Janeiro/1980** (Scherre e Naro, 2006)		**Rio de Janeiro/2000** (Scherre e Naro, 2006)	
	Percentagem	**Peso relativo**	**Percentagem**	**Peso relativo**
1-4 anos	2965/4800= 62%	0,37	1976/2524= 78%	0,25
5-8 anos	3451/4847= 71%	0,46	2728/2921= 93%	0,67
9-11 anos	2840/3452= 82%	0,56	1597/1634= 98%	0,88

Segundo os autores, esses resultados mostram que o efeito estatístico da escola sobre o processo de concordância nominal se deu de formas diferentes no intervalo de 20 anos, entre 1980 e 2000. Nota-se que os pesos relativos obtidos na amostra de 2000 são bem mais polarizados que os na de 1980. De acordo com Scherre e Naro (2006), isso pode ser interpretado como uma diminuição do efeito do nível de escolarização de 1-4 anos. O aumento da concordância pelos falantes dos outros níveis de escolarização atesta a proposta de *fluxos e contrafluxos,* estabelecida por Naro, na década de 70.

Nas palavras de Scherre e Naro (2006):

> embora seus resultados *[de Naro 1981]* para uma amostra de falantes semi-escolarizados na década de 1970 indicassem perda de marcas de concordância, análises futuras poderiam apontar reversão da tendência, com aquisição de marcas de concordância plural explícita, em função da orientação cultural das pessoas em direção aos valores da classe média, entre os quais se inclui a presença explícita de concordância de número plural. Estes resultados corroboram mais uma vez as idéias de Naro (1981) de que a comunidade de fala brasileira apresenta direções diversas com relação aos fenômenos de concordância, idéia esta que foi denominada de "fluxos e contrafluxos" por Naro & Scherre, em texto de 1991. (p. 111)

Naro e Scherre (2007) remontam a ideia de fluxos e contrafluxos, e destacam que em uma comunidade de fala não existem compartimentos sociais exclusivos, ou seja, a realidade social é multidimensional, o que gera inevitáveis fluxos e contrafluxos. Isso atesta as diversas influências que atuam simultaneamente sobre os falantes.

A respeito da variável saliência fônica, os autores dividiram os dados entre [-salientes] e [+ salientes], e constataram que os termos mais salientes favorecem mais a marcação de plural. Vejamos os resultados das duas amostras:

TABELA 02
Efeito da variável Saliência Fônica – no processo de marcação de plural nos dados do Rio de Janeiro, das décadas de 1980 e 2000

Fator	**Rio de Janeiro/1980** (Scherre e Naro, 2006)		**Rio de Janeiro/2000** (Scherre e Naro, 2006)	
	Percentagem	**Peso relativo**	**Percentagem**	**Peso relativo**
+ saliente	779/818= 95%	0.83	1287/1528= 84%	0.83
- saliente	5522/6261= 88%	0.45	7969/11571= 69%	0.45

Note que, se compararmos os resultados de 1980 aos de 2000, veremos que não há grandes diferenças, uma vez que os pesos são exatamente os mesmos nas duas amostras, o que mudará é a frequência da marca. Diante disso, Scherre e Naro (2007) apontam que:

> A variação na concordância de número reflete bem o que denominamos metaforicamente de uma mudança sem mudança, no sentido de que é uma variação que não reflete mudança clara para todos os falantes nem reflete apenas uma linha de mudança. (p. 120)

E ainda defendem que:

> Até prova em contrário, o melhor modelo para dar conta da concordância de número no português brasileiro é o modelo de fluxos e contrafluxos, que apresenta a configuração de grupos e de indivíduos transitando por diversas vias sociais lingüisticamente bem estruturadas. Este modelo certamente se aplica a fenômenos sujeitos a estigma, mas solidamente estruturados. (p. 120)

Oportunamente, retomaremos os estudos realizados pelos professores Maria Marta Pereira Scherre e Anthony Julius Naro. No momento, as informações expostas acima nos parecem suficientes para situar nosso leitor a respeito do assunto aqui discutido. No capítulo sequente, apresentaremos a pesquisa realizada por Silva (2011), na capital capixaba, tendo com objeto de estudo a concordância nominal, sob orientação da professora Marta Scherre.

3.1.2. Estudo da Concordância Nominal, em Vitória/ES, nos anos 2000, por Janaína Biancardi da Silva

Na pesquisa “Uma reflexão sobre a concordância nominal na fala capixaba e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa”, trabalho de conclusão de curso, de Silva (2011), aborda-se a questão da variação no processo de concordância nominal em dados de moradores de Vitória/ES. Além disso, a linguista tece uma discussão sobre o livro “Por uma Vida Melhor”, de autoria da professora Heloísa Ramos, publicado em 2011, que tinha como público alvo os alunos do segmento EJA (Educação para Jovens e Adultos). O citado livro foi aprovado pelo MEC, contudo, por tratar abertamente do tema variação linguística, nos termos da Sociolinguística, recebeu muitas críticas pela mídia, ficando conhecido nacionalmente por ensinar a falar e a escrever errado, repercutindo negativamente no país. Na parte final de seu estudo, Silva (2011) reflete sobre o ensino da língua portuguesa, no ambiente da sala de aula, restringindo-se ao fenômeno de pluralização do sintagma nominal. A autora analisa como se processa a questão do preconceito linguístico, tendo como base as contribuições de Althusser (1985). Embora seja uma obra extremamente rica, neste momento, abordaremos apenas a primeira parte do trabalho de Silva (2011), por ser esse nosso interesse atual.

Silva (2011) deixa claro que se baseará nas contribuições de Labov (2008 [1972]) para analisar a fala dos moradores de Vitória. Sua amostra de estudo é constituída por 43 entrevistas tipicamente labovianas, obtidas por meio do Projeto Português Falado da Cidade de Vitória (YACOVENCO et. al., 2012), doravante Portvix[11], A linguista objetiva analisar o fenômeno da presença ou ausência de marca de número nos elementos do sintagma nominal. Para isso, analisa as seguintes variáveis: (i) linguísticas – posição linear e relativa do

---

[11] É válido mencionar que o Portvix foi um projeto realizado na Universidade Federal do Espírito Santo, com a colaboração de vários alunos da Iniciação Científica, iniciado no ano de 1999. O conjunto total da obra conta com um montante de 46 entrevistas. Contudo, no momento da pesquisa de Silva (2011) o projeto contava apenas com 43 entrevistas transcritas e prontas para codificação e análise, sendo essa a justificativa para o uso de parte do *corpus* total pela autora. Outras informações sobre o *corpus* são expostas em Yacovenco et. al. (2012).

elemento no sintagma nominal e grau de saliência fônica do item léxico em análise; e (ii) sociais – faixa etária, sexo/gênero e escolaridade.

Os informantes foram estratificados em quatro faixas etárias: 7 – 14 anos; 15 – 25 anos; 26 – 49 anos; e maiores de 49 anos. Entre essas, notou-se que as primeiras faixas etárias favoreciam o uso da concordância nominal, apontando para uma tendência à aquisição da concordância pelos moradores da capital capixaba. Os informantes foram também divididos quanto aos anos de escolarização que possuíam no momento da entrevista: 1 – 8 anos (ensino fundamental I e II); 9 – 11 anos (ensino médio); e mais de 11 anos (ensino superior). Silva (2011) observou que os falantes mais escolarizados – com mais de 11 anos de acesso a educação formal – favoreciam mais a presença da marca de plural.

Quanto ao gênero, a pesquisa de Silva (2011) aponta que as mulheres desfavorecem o uso da concordância, com um total de 0,432 de peso relativo, enquanto os homens favorecem a marca de plural com 0,582. A princípio, segundo a linguista, esperava-se que os falantes de Vitória seguissem a tendência observada por Scherre e Naro (1997), no Rio de Janeiro, em que as mulheres favoreciam o uso da concordância. Dessa forma, os dados de Vitória estariam alinhados ao postulado laboviano, o qual afirma que, em mudanças acima do nível da consciência social, as mulheres favorecem a forma de prestígio inovadora mais que os homens.

Quanto aos fatores linguísticos, no que tange à posição, Silva (2011) estabeleceu os seguintes fatores: antes do núcleo (mais à esquerda); núcleo na 1ª posição (mais à esquerda); núcleo na 2ª posição (mais à direita); núcleo na 3ª, 4ª e 5ª posição (mais à direita); depois do núcleo (mais à direita). Diante disso, observou-se que os itens posicionados mais à esquerda favoreciam a presença da marca de plural, alinhando-se aos resultados obtidos por Scherre (1988).

A respeito da saliência fônica, Silva (2011) optou por fazer uma estratificação binária em: mais salientes, como “os policiais”; e menos salientes, como “dos

planos”. Os resultados novamente alinharam-se aos observados por Scherre (1988), notando-se um favorecimento por parte dos termos mais salientes, em 0,615. Por fim, conclui-se que Vitória apresenta um índice de concordância nominal considerável, uma vez que dos 9.766 dados levantados, 89,5% receberam a marca de plural pelos informantes[12].

Antes de partirmos para análise de nossos resultados e o estudo comparativo com as obras de Scherre (1988), Scherre e Naro (2006), Silva (2011) e Silva e Scherre (2013), julgamos necessário fazer uma apresentação da comunidade de Santa Leopoldina que tão gentilmente nos recebeu para elaboração dessa pesquisa.

[12] Tanto os resultados de Scherre (1988) quanto os de Silva (2011) serão retomados no momento da comparação de nossos dados com esses, sendo feita então, uma apresentação mais detalhada dos trabalhos em referência.

4. A COMUNIDADE DE SANTA LEOPOLDINA

Segundo Alkmim (2011), “toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive” (p. 41). Baseados nessa postulação, julgamos necessário fazer uma explanação sobre o município de Santa Leopoldina, suas principais características, povos que a habitam, assim como fatos importantes que marcaram a história leopoldinense. Dessa forma, as linhas que se seguem são reservadas a esses temas.

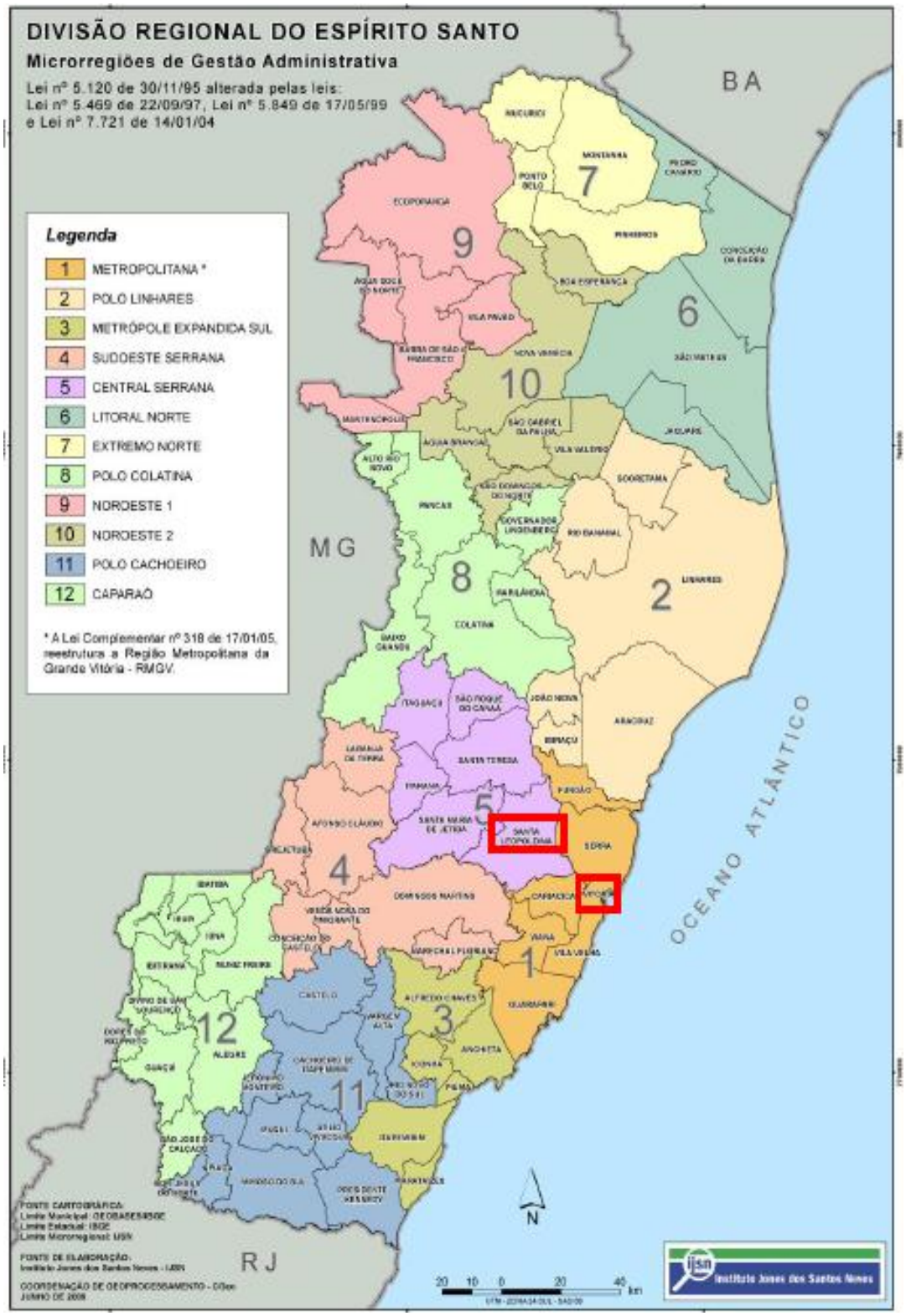
4.1. SOBRE SANTA LEOPOLDINA

Nesse capítulo, apresentaremos alguns dados estatísticos de Santa Leopoldina, os quais foram determinantes para a escolha desse município como objeto deste estudo. Passemos, portanto, a exposição de alguns dados relevantes.

4.1.1. **Dados estatísticos**

Santa Leopoldina é um dos municípios mais antigos do estado do Espírito Santo. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados no ano de 2010, a população é composta por um total de 12.240 habitantes, em uma área de 718,097 km², sendo a densidade demográfica, portanto, 17,04 hab/km². Segundo dados do Incaper (2011), o município de Santa Leopoldina encontra-se a 46 quilômetros da capital. Na figura 01, obtida junto ao Instituto Jones dos Santos Neves (ISJN), apresentamos o mapa do Espírito Santo. A partir desse, o leitor terá, ao menos, uma noção da distância territorial entre Santa Leopoldina e Vitória.

FIGURA 01:
Mapa do Espírito Santo – distância entre Santa Leopoldina e Vitória



(Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/Sitio/images/stories/FIGURA_1_DIVISAO-REGIONAL-DO-ESPIRITO-SANTO--MICRORREGIOES-ADMINISTRATIVAS.png. Acesso em: 23/09/14)

Entretanto, os aspectos físicos do município tornam o acesso um pouco difícil a algumas comunidades, o que foi constatado no momento da coleta de dados. Santa Leopoldina situa-se na região serrana do estado do Espírito Santo, como destaca Schmarz (1992), tendo uma área “muito montanhosa, coberta de densa vegetação cheia de vales apertados, havendo maiores planícies, na região próxima ao mar, em altitude baixa” (p. 15).

A Sede de Santa Leopoldina está ligada à capital por meio da rodovia ES – 080. A “malha rodoviária local é estimada em 900 km de estradas não pavimentas encravadas em um relevo predominantemente montanhoso, de declividade acentuada e de altitudes que variam de 20 a 1.055 metros” (Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural - INCAPER, 2011, p. 05).

Santa Leopoldina faz fronteira com outros seis municípios: Cariacica, Serra, Fundão, Santa Teresa, Santa Maria de Jetibá e Domingos Martins. A sede leopoldinense situa-se em um vale a 17 metros de altitude que é formado pela calha hidrológica do rio Santa Maria da Vitória que margeia a sede, conforme informação do site da prefeitura. Ainda segundo o site do município, às margens no percurso da sede, há aproximadamente 200 residências e 800 pessoas.

Segundo dados da prefeitura, a base da economia do município é composta por: 47,9%, agropecuária; 46,68%, comércio e serviços em geral; e 5,82%, outros setores, não citados. Esses números validam os dados do censo 2010, do IBGE, que classificam Santa Leopoldina como o município com maior número percentual de pessoas habitando a zona rural, como mostra a tabela 03, a seguir, fato motivador em nossa escolha por pesquisar o português falado em Santa Leopoldina. O censo atesta que 78,51% dos leopoldinenses habitam em zona rural, seguido por Domingos Martins e Brejetuba, com 75,68% e 71,34%, respectivamente, de habitantes em zona rural.

TABELA 03
Censo populacional IBGE/2010 – Santa Leopoldina

Município	Total da população rural	Percentagem
Santa Leopoldina	9.621	78,51%
Domingos Martins	24.083	75,68%
Brejetuba	8.504	71,34%

(Disponível em http://censo2010.ibge.gov.br. Acesso em 27/10/11 - adaptada)

Em nossa pesquisa, propomo-nos também a comparar os resultados obtidos na zona rural de Santa Leopoldina/ES com os já evidenciados em Vitória/ES, por Silva (2011). Essa opção metodológica foi motivada pelo fato de o município de Vitória ser a única região capixaba que possui 100% de sua população habitando em zona urbana, como atesta a tabela 04 abaixo:

TABELA 04
Dados do Censo IBGE/2010 – Vitória

Município	Total da população urbana	Percentagem
Vitória	325.453	100%
Vila Velha	412.402	99,51%
Serra	406.517	99,31%

(Disponível em http://censo2010.ibge.gov.br. Acesso em 27/10/11 - adaptada)

Em momento oportuno dissertaremos acerca das discrepâncias e similaridades entre Santa Leopoldina/ES e Vitória/ES. Passemos agora à apresentação de um breve percurso histórico do município de Santa Leopoldina. Em seguida, exporemos alguns índices econômicos da cidade e um pouco de nossa percepção acerca da vida dos leopoldinenses, constituída a partir de nosso contato com alguns moradores na fase da pesquisa em campo (entrevistas).

4.2. BREVE HISTÓRICO: DIAS DE GLÓRIA E DE ESQUECIMENTO DE SANTA LEOPOLDINA

Julgamos interessante apresentar ao nosso leitor alguns aspectos relevantes da comunidade de Santa Leopoldina, por serem esses imprescindíveis para constituição da atual comunidade rural leopoldinense. Schmarz (1992), cidadão leopoldinense, ao remontar eventos importantes para a formação de Santa Leopoldina, anteriormente Cachoeiro de Santa Leopoldina, evidencia a importância do município no período da colonização.

Antes do século XIX, apenas a parte baixa do município era colonizada, especialmente, por descendentes lusos, área anteriormente ocupada pelo elemento indígena. Em 1847, desembarcaram os primeiros colonos não lusitanos. Em 1867, com a necessidade de escoamento de mercadoria para as demais regiões da colônia, foi então criado o Porto de Cachoeiro:

> Com os primeiros ranchos de tropa, armazéns de carga e postos de abastecimento, surgiu o Porto de Cachoeiro que, em 1867, tornou-se a Sede Oficial da Colônia com a denominação de Cachoeiro de Santa Leopoldina. Deu-se o nome de Cachoeiro devido sua localização da Sede, que se encontrava no local onde o rio deixava de ser encachoeirado. E durante mais ou menos cinquenta anos, o movimento de exportação e importação foi firmemente mantido em animado ritmo. Cachoeiro de Santa Leopoldina chegou a ser a 3ª colônia mais populosa do império. O comércio intenso e o casario ao gosto neoclássico que se erguia fizeram com que, em 1882, a colônia se emancipasse. (Disponível em: http://www.santaleopoldina.es.gov.br/. Acesso em 12/09/13 - adaptado)

Esse prestígio do Porto de Cachoeiro deve-se, portanto, a sua localização próxima ao Rio Santa Maria, que durante muito tempo foi a única via de penetração em áreas do município. Em 1872, chegaram a Cachoeiro os primeiros colonos pomeranos, e, em 1875, italianos, além de luxemburgueses, holandeses e austríacos. Em 06 de junho de 1882, a colônia foi emancipada, sendo elevada a categoria de município, por meio da Lei nº 21, de 04 de abril de 1884. Com a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, assumiu o cargo de governador do Estado do Espírito Santo, Dr. Afonso Cláudio de Freitas Rosa, cidadão leopoldinense e político ativo do movimento republicano.

A importância econômica de Santa Leopoldina, nesse período, foi registrada por Graça Aranha, no romance “Canaã”, que tem como cenário as paisagens leopoldinenses. Vejamos trecho da obra, em que o autor descreve o Rio Santa Maria.

> O Santa Maria é um pequeno filho das alturas, ligeiro em seu começo, depois embaraçado longo trecho por pedras que o encachoeiram, e das quais se livra num terrível esforço, mugindo de dor, para alcançar afinal a sua velocidade ardente e alegre. Escapa-se então por entre uma floresta sem grandeza, insinua-se vivaz no seio de colinas torneadas e brandas, que parece entregarem-se complacentes àquela risonha e úmida loucura...
>
> (ARANHA, 2009, p. 11)

Até este momento, Cachoeiro de Santa Leopoldina, Santa Tereza, Afonso Cláudio, via de Pau Gigante (atual Ibiraçu), Santa Maria de Jetibá representavam um único município. A organização territorial de Cachoeiro foi alterada em 1895, com o desmembramento de Santa Tereza, posteriormente, em 1891, com a separação de Afonso Cláudio, via de Pau Gigante. E por fim, em 1988, o desligamento de Santa Maria de Jetibá. Atualmente, a área do município é pequena, como atesta Schmarz (1992), abrangendo os distritos de Santa Leopoldina – sede, Mangaraí e Djalma Coutinho, divisão mantida pela última divisão territorial, datada de 01 de junho de 1995, como destaca o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No anexo A, apresentamos um mapa, veiculado pelo Instituto Jones dos Santos Neves (ISJN), em que é possível perceber a divisão do município em distritos.

Santa Leopoldina esteve em plena evidência no período da colonização. Nota-se que apenas após onze anos da invenção do telefone, por Alexandre Graham Bell, esse aparelho já funcionava na cidade do Rio de Janeiro e em Santa Leopoldina também, como é destacado no site da prefeitura do município. Vê-se com esse fato a grande importância que Santa Leopoldina desempenhava para a colônia brasileira, como é frisado no seguinte trecho:

> Cachoeiro de Santa Leopoldina tornou-se o maior empório comercial do Espírito Santo. Grandes firmas da Europa despachavam seus viajantes diretamente ao Porto de Cachoeiro. Só depois que faziam esta praça é que visitavam Vitória, a Capital. O grande movimento

> assegurou uma posição social de relevo. Suas festas eram muito concorridas. Vinham pessoas até do Rio de Janeiro na época do Carnaval. As ruas ficavam multicoloridas de confetes e serpentinas. Brasil Acorda e Rosa do Sertão eram os blocos carnavalescos mais animados. (Disponível em: http://www.santaleopoldina.es.gov.br/. Acesso em 12/09/13)

Contudo, esses dias de resplendor e ascensão de Santa Leopoldina começaram a declinar com a abertura das estradas de rodagem. Movidos pelo desejo de minimizar os custos do escoamento da produção via fluvial, pelo Rio Santa Maria, e motivados pelas construções de outras estradas, os comerciantes de Cachoeiro de Santa Leopoldina começaram a abrir novas vias rodoviárias.

Nessa época, Cariacica estava ligada à capital por uma estrada de rodagem, dessa forma, todos começaram a cogitar a ideia de uma ligação terrestre entre Cariacica e Santa Leopoldina. Essa proposta foi aprovada pela Câmara Municipal leopoldinense, em 16 de janeiro de 1927, por unanimidade. Contudo, "tal providência deu um golpe de morte no transporte fluvial e pôs em ligação direta com a capital do Estado, toda a vasta interlândia, abalando dessa forma os alicerces do comércio local" (SCHMARZ, 1992, p. 26). Nota-se que toda produção da região interiorana do Estado, que dependia do Rio Santa Maria para ser escoada, passou a ter ligação direta com a capital. No site do município encontramos a seguinte referência a esse fato:

> Em 1930, foi inaugurada a rodovia que liga Santa Leopoldina a Cariacica. Ao contrário do que se imaginava, apagaram-se os dias de glória e esplendor, pois o esteio da economia era o Rio Santa Maria da Vitória e não a rodovia como se supunha. (Disponível em: http://www.santaleopoldina.es.gov.br/. Acesso em 12/09/13)

O IBGE destaca alguns decretos-lei destinados à alteração do nome do município. O último foi publicado em 1943, sob o registro nº 15.177, pelo qual Cachoeiro de Santa Leopoldina recebeu o atual nome de Santa Leopoldina. Ressaltamos, apenas em nível de curiosidade, que até hoje alguns moradores se referem à Santa Leopoldina como Cachoeiro, fato observado na fala de pessoas mais idosas no momento de nossas entrevistas.

Exemplo (03):

Inf - De tão bonzinho que ele era, ele era bonzinho.

E - Aham.

Inf - Só uma professora que tinha uma tal de dona E.... E.... de dona N. lá em Cachoeiro... que um dia bateu minha cabeça por causa de [inint], aí doeu heim...

(fem, fund 01, 66 anos)

4.2.1. A vida na zona rural leopoldinense

Segundo estatísticas do Incaper (2011), o setor primário sustenta 80% da economia de Santa Leopoldina. Sendo 73% da população colaboradora desse setor, é possível considerar que esse dado “corresponde a aproximadamente 70% dos domicílios do município, e destes 94% são compostos por minifúndios e pequenas propriedades” (p. 01).

Ainda de acordo com dados do Incaper, por meio do Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural (PRONATER/ 2011-2013), Santa Leopoldina tem um total de 2.605 propriedades, sendo dessas: 1.383, minifúndios; 1.067, pequenas; 143, médias; 12, grandes. Diante disso, observa-se que a estrutura fundiária de Santa Leopoldina é constituída predominantemente por pequenas propriedades, de base familiar, sendo os trabalhos produtivos realizados, portanto, pela própria família ou no sistema de parcerias agrícolas.

Santa Leopoldina possui uma produção diversificada de produtos agrícolas. Planta-se várias espécies de verduras, frutas e legumes. Entretanto, os produtos bases do comércio são banana e café, que ocupam juntos 5.545 hectares (ha) da área total de plantio 6.762 ha – sendo a banana ocupante de 1.215 ha; e café, de 4.330 ha. Os demais produtos dividem-se em: gengibre, inhame, laranja, feijão, etc. que são destinados ao consumo familiar ou a atividades comerciais menores.

No período que permanecemos na comunidade, pudemos comprovar a veracidade dos dados veiculados pelo Incaper. Em grande parte das entrevistas que fizemos, perguntávamos como era a rotina do entrevistado e da família. A divisão das tarefas, em quase todas as famílias entrevistadas, se faz da seguinte maneira: o pai trabalha arduamente na roça e é o responsável pela comercialização dos produtos na Central de Abastecimento do Espírito Santo (CEASA); a mãe trabalha na manutenção do lar, e algumas trabalham na roça nas épocas de colheitas, principalmente na do café, em que a quantidade de serviço aumenta consideravelmente; os filhos estudam em um período do dia (matutino ou vespertino), e, no outro período, ajudam a mãe nos afazeres domésticos, em especial, as meninas, ou auxiliam aos pais no plantio dos alimentos.

Ao serem questionados sobre a qualidade da vida que levavam e os planos para o futuro, grande parte dos entrevistados expôs que gosta de viver em Santa Leopoldina e que não pretendia deixar a zona rural do município. Área muito citada como precariedade do município foi a da saúde. Segundo nossos informantes, Santa Leopoldina conta com poucos médicos, por isso, os cidadãos precisam de longas horas de esperas nas filas de atendimento para consulta. Em algumas regiões interioranas, em que o acesso à Sede do município é mais difícil, há a visita mensal de um médico clínico geral para atender às necessidades mais essenciais, como aferir pressão, controle de diabetes, etc. Os moradores afirmam ainda que os postos de saúde, mesmo da Sede, considerada perímetro urbano da região, não contam com especialistas, como cardiologistas, psiquiatras, ortopedistas. Dessa forma, os pacientes têm que se deslocar até a Grande Vitória para atendimento de especialidades. É válido destacar que a prefeitura disponibiliza alguns carros de transporte para conduzir os pacientes aos hospitais da capital.

Quanto à educação, não tivemos muitas reclamações. Segundo nossos informantes, as crianças e jovens adultos têm acesso ao ensino fundamental 01 (1ª a 4ª série ou 1º ao 5º ano) ainda na zona rural. Conforme informação obtida junto ao site da Secretária de Educação (Sedu), a rede municipal oferece o ensino público pré-escolar e fundamental por meio de 27 escolas.

Dessas, 02 estão localizadas no perímetro urbano e são centros municipais de ensino infantil (CEMEI), as outras 25 estão localizadas no interior do município. A distribuição das escolas na zona rural é da seguinte forma: (i) 01 centro municipal de ensino infantil; (ii) 10 escolas unidocentes de ensino fundamental; (iii) 14 escolas pluridocentes de ensino fundamental, sendo que dessas 02 atendem até o segundo. Na esfera estadual, o município conta ainda com 02 escolas que recebem alunos do ensino fundamental e médio, uma situada em Holanda - na zona rural leopoldinense - e outra no Centro, ou seja, na Sede - na zona urbana.

Alguns jovens cursam o ensino médio na região de Santa Teresa, no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes – *Campus* Santa Teresa). Segundo informações de alguns pais de alunos, os discentes recebem auxílio do governo, em forma de hospedagem e alimentação. Para isso, devem manter boas notas e disciplina adequada aos padrões do regime interno do Ifes. O ensino médio é integrado a cursos técnicos, direcionados à agricultura, como técnico em meio ambiente integrado e técnico em agropecuária integrado. Os cursos pós-médio, que têm como público alvo pessoas que já concluíram o ensino médio, também são direcionados ao setor agrícola. Nessa modalidade, o Ifes oferta técnico em agroindústria, agropecuária, meio ambiente, segundo informações do site da instituição.

Quanto ao transporte rodoviário de passageiros, há apenas duas viações: Pretti e Lírio dos Vales. Os trechos atendidos são: Santa Leopoldina para Vitória; Santa Leopoldina para Santa Maria de Jetibá; e Santa Leopoldina para Santa Teresa. Os horários dos ônibus encontram-se expostos no site da prefeitura do município, juntamente com vários nomes e contatos de taxistas locais.

No relatório do PROATER (2011 – 2013) consta um diagnóstico elaborado conjuntamente por vários agricultores que identificaram como principais problemas do setor primário no município: dificuldade na comercialização dos produtos; falta da aplicação efetiva de linhas de crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF); falta de eventos técnicos relacionados ao meio rural, dificuldade no escoamento da produção; carência

de Selo de Inspeção Municipal; falta de estabilidade no preço dos produtos agrícolas, carência de técnicos na agricultura; falta de cooperativa de comércio de raízes; baixo incentivo ao turismo rural; falta de câmara de climatização em algumas comunidades; falta de disponibilidade de mudas de qualidade com preços subsidiados. Entre as potencialidades econômico-produtivas, têm-se: aperfeiçoamento dos produtores de mudas cítricas; criação do Polo de Citrus; implementação do Programa de Alimentação Escolar; aumento da produtividade agrícola; proximidade com o centro consumidor; cultivo de plantas resistentes a pragas e doenças.

Ao longo deste trabalho destacaremos, oportunamente, outras particularidades vivenciadas pelos moradores da zona rural de Santa Leopoldina.

5 METODOLOGIA

Para este estudo, foi necessária a constituição de uma amostra, a partir de gravações da fala dos leopoldinenses, por meio de entrevistas. Ressaltamos que essa fase do trabalho se deu em parceria com a mestranda Camila Candeias Föeger, orientanda da professora doutora Lilian Coutinho Yacovenco. Camila Candeias Föeger é cidadã leopoldinense, nascida e criada no município. Seus pais são lavradores e pessoas atuantes na comunidade, o que facilitou nosso contato com muitos de nossos informantes. Hoje, Camila reside na Grande Vitória, em decorrência de suas atividades acadêmicas, contudo retorna a Santa Leopoldina com frequência. Além disso, reafirma constantemente o orgulho que sente de sua terra e o sentimento de pertencimento a Santa Leopoldina.

Destacamos que a metodologia usada na constituição da amostra será tratada no subitem 5.1. Para seleção de nossos informantes, adotamos alguns critérios, o falante deveria ser natural de Santa Leopoldina e residente da zona rural do município. Além disso, não poderia ter se afastado da região por mais de um terço de sua vida, ter pais e cônjuges leopoldinenses[13] e não falar outra língua, além do português.

É necessário esclarecer ao nosso leitor que há uma pequena diferença entre a amostra utilizada no trabalho de Camila e a nesta pesquisa. Uma informante - do perfil sexo feminino, do ensino fundamental I, de 26-49 anos - é diferente. A princípio, foi feita uma entrevista com uma informante que não havia frequentado a escola, mas que sabia ler e escrever. Contudo, no momento da entrevista, a entrevistadora percebeu certo monitoramento da fala pela entrevistada. Assim, foi realizada nova entrevista com outra informante, a qual Camila utilizou em sua dissertação. Em nossa amostra, codificamos a primeira

---

[13] No decorrer de nossas entrevistas, contudo, percebemos que alguns de nossos informantes tinham pais e cônjuges nascidos em outros municípios da zona rural do estado do Espírito Santo, mas que já viviam em Santa Leopoldina há muito tempo. Sendo assim, diante da dificuldade de encontrar pessoas adequados ao perfil estabelecido previamente por nós – sexo/gênero, faixa etária e escolaridade – optamos por não descartar esses informantes.

entrevista realizada e optamos por permanecer com esta e, futuramente, incluir a fala da outra informante para, então, analisarmos se há alteração de resultado. É válido destacar que essa diferença entre as amostras não invalida um estudo compartilhado entre as duas pesquisas, uma vez que é apenas 01 informante em um conjunto de outros 32 falantes. Além disso, no fenômeno da marcação de plural, a entrevista dessa informante conta com 334 dados, diante de um universo de 6314 dados totais. Assim, entendemos que, mesmo que se tenha ocorrido monitoramento, esse fato não prejudica a veracidade do conjunto da amostra.

Após as entrevistas serem gravadas, a transcrição era feita de forma manual, ou seja, sem o auxílio de nenhum programa computacional para transcrição. Utilizamos em nossas transcrições apenas um programa de áudio – Media Player – e um de digitação – Microsoft Word. Em seguida, os dados eram submetidos à codificação com o auxílio do programa computacional GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), apropriado para análises de fenômenos variáveis. Segundo Scherre e Naro (2010, p. 74), esse programa fornece percentagens em relação, em nosso caso, à presença da concordância relacionada a cada uma das variáveis propostas. Posteriormente, apresenta frequência corrigida (pesos relativos) dessas variáveis e a significância que ela exerce sobre o fenômeno analisado. Elegemos como nossas variantes a presença e a ausência de marca de plural. Frisamos que nossa análise é de cunho atomístico, ou seja, analisamos cada elemento do sintagma como um item a ser estudado, como no excerto:

Exemplo (04):
Informante - [risos] eu fico fazendo bolinho.
Entrevistador - bolinho?
Inf - de terra.
E - ah... Como você faz?
Inf - eu faço um bolo redondo, e boto **umas florzinha** do lado e **o meus ano**...
E - hum...
Inf - **oito ano**
E - aí você come?

Inf - não.

E - uai!

Inf - é de terra.

E - uai, mas não é bolinho de aniversário? Tem que comer.

Inf - mas eu como de mentira.

(fem, fund 01, 08 anos)

Nesse caso temos três sintagmas: (i) umas florzinha; (ii) o meus ano; e (iii) oito ano. O primeiro com dois dados para análise – *umas* e *florzinha* – o segundo com três – *o*, *meus* e *ano,* e o terceiro com um – *ano*. Quanto às variáveis independentes, controlamos nossos dados a partir de variáveis: (i) sociais - gênero/sexo; faixa etária; escolaridade – e (ii) linguísticas - saliência fônica; posição linear e relativa dentro do SN, aliada a classe gramatical; marcas precedentes; animacidade dos substantivos; grau e formalidade dos substantivos e dos adjetivos. Apresentaremos cada uma dessas variáveis mais adiante.

Em outro momento de nossa pesquisa, no capítulo 07, faremos um estudo comparativo entre nossos resultados e os obtidos em pesquisas anteriores realizadas: no Rio de Janeiro, na década de 1980, (SCHERRE, 1988), e nos anos 2000, (SCHERRE e NARO, 2006 e 2010); e ainda, em Vitória, também nos anos 2000, (SILVA, 2011 e SILVA e SCHERRE, 2013).

5.1. CONSTITUIÇÃO DA AMOSTRA

A amostra de Santa Leopoldina foi coletada a partir da união de esforços das alunas mestrandas Camila Candeias Föeger e Lays de Oliveira Joel Lopes, sob respectivas orientações das professoras Lilian Coutinho Yacovenco e Maria Marta Pereira Scherre, como mencionado anteriormente. Vale destacar que nossos trabalhos são os primeiros de cunho sociolinguista variacionista, no nível de pós-graduação, realizados na zona rural Santa Leopoldina. A mestranda Camila Candeias Föeger pesquisa o comportamento das variantes *nós* e *a gente* no contexto de fala leopoldinense, por meio do trabalho intitulado

A Primeira Pessoa do Plural no Português Falado em Santa Leopoldina/ES. Nativa do município e filha de pais leopoldinenses, a presença de Camila em nossa missão facilitou muitíssimo nossa entrada na comunidade para coleta de dados.

Quanto à composição de uma amostra, Guy e Zilles (2007) afirmam que o ideal para se analisar uma comunidade é através de uma amostra aleatória. Cedemos a palavra aos autores que declaram:

> Uma das melhores maneiras de garantir a representatividade é usar uma amostra aleatória, construída de maneira a dar, a cada informante ou dado potencial existente na população total [,] igual probabilidade de serem incluídos na amostra (p. 22)

Os autores exemplificam que uma forma de se obter uma amostra desse tipo é selecionar os informantes por meio de uma lista de telefone, por exemplo, sugestão de inviável aplicabilidade no contexto de Santa Leopoldina, já que nem todas as pessoas contam com linha telefônica.

Contudo, embora de posse desses aconselhamentos, a constituição de uma amostra aleatória não foi possível em Santa Leopoldina. Atribuímos esse fato às dificuldades de encontrarmos informantes que se enquadrassem nas características determinadas por nós. Citamos como perfil de difícil acesso pessoas maiores de 49 anos que tenham cursado o ensino fundamental 02, ou mesmo, informantes com idade entre 15 e 26 anos que tivessem apenas o ensino fundamental 01. Justificamos esse impasse por meio do discurso de nossos próprios informantes. Segundo eles, as pessoas atualmente na faixa etária de 49 anos não tiveram grandes oportunidades de estudo em sua infância e adolescência, quando a presença do ensino regular na roça ainda era escassa. Em contrapartida, hoje, já se têm algumas facilidades que incentivam o estudo dos jovens da zona rural, como transporte, disponibilizado pela prefeitura do município, para locomoção desses alunos no translado para escola. Compartilhemos da fala de alguns de nossos informantes:

Exemplo (05):

Entrevistador – uhum... foi uma coisa... e porque que você não continuou estudando?

Informante – porque eu estudava em Santa Leopoldina... dava uma hora a pé... aí tinha que sair cinco e quarenta da manhã de casa e:: estudar e retornar... e naquela época existia rigor em casa também... é:: eu tinha que trabalhar depois [...]

(masc, fund 01, 40 anos)

Exemplo (06):

Entrevistador - É como que era lá, como que eram... a professora::: A escola mesmo, a estrutura.. como que era..

Informante - ah, a professora pra mim era boa..

E - Uhum...

Inf - era boa, e escola pra mim também era boa... era boa... que eu estudei lá, só que depois eu saí cedo, né... porque meus pai e minha mãe era... hoje... os pai… era aluno medroso nas estrada,eu tinha muito medo de gado, que vinha aquelas boiada de nino... ah... dois três mil boi..

E - Nóh.

Inf - Então eu tinha medo de ir para escola, então eu fiquei aqui.. aí depois... a professora me expulsou.

E - Aham.

Inf - Me expulsou que eu não ia para escola com medo dos boi, então eu fui expulso..é porque tem que falar a verdade, né... que eu... foi só isso também...

(masc, fund 01, 73 anos)

A coleta de nossa amostra encontrou ainda outra dificuldade, as pessoas adequadas aos perfis elencados por nós deveriam demonstrar interesse em serem entrevistado, o que nem sempre ocorria. Além disso, encontramos a resistência de alguns leopoldinenses quando ao final da entrevista solicitávamos a assinatura do termo de compromisso (anexo E), o que muitas vezes foi amenizado pela presença de Camila e de nossos guias, por serem esses leopoldinenses.

Assim, para constituição de nossa amostra, utilizamos um meio um pouco menos ortodoxo - “os conhecidos” ou “amigo do amigo”. Em ocasiões, nossos guias nos indicavam algumas pessoas que possivelmente se enquadrariam nos perfis estabelecidos. Ao final dessas entrevistas, nossos informantes sugeriam outras pessoas que talvez pudessem se adequar aos perfis restantes e, então, seguíamos a orientação dos próprios moradores.

Adotamos como traço comum entre os entrevistados o fato de serem naturais de Santa Leopoldina, residirem e trabalharem na zona rural do município, não terem se afastado da região por mais de um terço de suas vidas e não falarem outra língua, além do português. Nossa amostra está estratificada da seguinte maneira:

QUADRO 01

Fatores sociais analisados e distribuição dos informantes em células

(idade)	07-14		15-25		26-49		>49		**TOTAL**
(sexo)	F	M	F	M	F	M	F	M	
Ensino Fundamental I	2	2	2	1	2	2	2	2	= 15
Ensino Fundamental II	2	2	2	3	2	2	2	2	= 17
	Número total de informantes entrevistados								= 32

Note que nossos informantes são estratificados a partir de três variáveis sociais: gênero/sexo – masculino e feminino; escolaridade – ensino fundamental I e II – composta por pessoas que possuam de 1 a 5 anos de escolarização ou que, ao menos, sejam letradas, no primeiro grupo, e de 6 a 9 anos, no segundo grupo; e quatro faixas etárias – 07-14, 15-25, 26-49 e 50 anos ou mais. No anexo F, dispomos um quadro de informantes, obtido na formação de banco de dados da fala, em que se tem alguns dados sociais de nossos informantes. No referido quadro, é possível observar que nossos informantes são de diferentes comunidades de Santa Leopoldina. Diante disso, julgamos interessante apresentar ao nosso leitor alguns mapas do município, obtido também junto ao IJSN, para facilitar a localização de Santa Leopoldina no território espiritossantense, como disposto no anexo A e B, cita-se “mapa da

infraestrutura de transporte – municípios adjacentes à Santa Leopoldina/ES – limite territorial" e "mapa dos limites administrativos de Santa Leopoldina/ES – divisão territorial do município", respectivamente.

Nossa ideia inicial era produzir uma amostra que contasse com 02 informantes por perfil estabelecido. Contudo, até o momento, encontramos apenas 01 falante da segunda faixa etária (15 - 25 anos) com apenas o ensino fundamental 01. Atribuímos a maior escolarização dos informantes de 15-25 anos às novas escolas de ensino médio e supletivo criadas na roça, com funcionamento, inclusive, à noite. Diante disso, para que tivéssemos um total de 08 informantes da faixa etária de 15 – 25 anos, tal como as demais faixas etárias, julgamos interessante inserir 03 informantes com ensino fundamental II. É válido destacar que essa postura não afetou a distribuição de nossa amostra. Podemos confirmar essa afirmação ao observamos o gráfico 05. Vemos que não há grande diferença entre os informantes do sexo masculino de 15 a 25 anos em função da escolaridade. Mesmo diante desses fatos, no futuro, pretendemos rever a atual configuração de nossa amostra e, se possível, inserir novos informantes.

Ressaltamos que nossa amostra é constituída por entrevistas tipicamente labovianas, que tem entre 50-60 minutos. É válido destacar que nossas entrevistas não seguem, exatamente, os moldes das promovidas por Labov (2008 [1972]), em Marta Vineyard ou nas lojas de departamento da cidade de Nova Iorque, por exemplo. Nossas entrevistas são tipicamente labovianas no sentido de conter entrevistador e entrevistado, em que este tenha conhecimento da gravação. Além disso, outra similaridade é a busca pelo vernáculo.

Em próximas produções, pretendemos integrar dados de informantes do ensino médio, o que não foi possível no curso de nosso mestrado, em decorrência do tempo exíguo desse. Nosso acervo já conta com algumas entrevistas desse terceiro nível de escolarização. Contudo, essas estão ainda em fase de transcrição. Além disso, há alguns perfis do ensino médio que não foram encontrados na comunidade até o momento, são os da quarta faixa etária.

Como dito, isso é devido ao fato de essas pessoas não terem tido acesso à educação na época de sua infância e adolescência e, hoje, são poucos os que se dispõem a retornar à sala de aula.

5.1.1 Entrevista

Labov (2008 [1972]) adverte que toda pessoa que começa a estudar a língua em seu contexto social se depara com a questão de como analisar a linguagem de um individuo em interação cotidiana, sem a interferência de algo diferente externo. Isso porque a mera presença do sociolinguista no ambiente de interação cotidiana já seria uma interferência, o que configura o *paradoxo do observador:* "deve-se descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática" (LABOV, 2008 [1972], p. 244).

Dessa forma, nos termos de Labov (2008 [1972]):

> a fala da entrevista é fala formal – não por qualquer medida absoluta, mas em comparação com o vernáculo da vida cotidiana. Em seu conjunto, a entrevista é uma fala pública – monitorada e controlada em resposta à presença de um observador externo. (p. 63)

Hoffnagel[14] (2005) afirma que, considerando gênero como um evento comunicativo, se pode pensar em *entrevista* como uma constelação de eventos possíveis que se realizam como gêneros ou subgêneros diversos. Isso porque o gênero entrevista abarca uma série de modalidades diferentes: jornalística, médica, científica. Costa (2009) em definição do gênero entrevista afirma que: "Trata-se, em qualquer caso, de um gênero formal de troca/busca de informações, em que o entrevistador deve estar seguro sobre o que vai perguntar a fim de obter informações relevantes" (p. 103). O que podemos afirmar é que todas as modalidades de entrevista têm em comum o modelo de

---

[14] Aqui, citamos o artigo "Entrevista: uma conversa controlada", publicada no livro **Gêneros Textuais & Ensino**, de organização de Dionísio, Machado & Bezerra (2005).

perguntas e respostas, ou seja, um questionário que norteia essa conversa controlada, nos termos de Hoffnagel (2005).

Em nossa interação com o informante, tentávamos romper com o modelo de perguntas e respostas. Conduzíamos a entrevista como se fosse uma conversa o mais informal possível. Por isso, o método de pergunta e resposta era bem mais flexível para nós. O informante é que, na verdade, orientava nossas discussões, como veremos em linhas à frente. Nossas entrevistas sempre se iniciavam com algumas perguntas do tipo: idade, escolaridade, origem e profissão dos pais, dentre outras, para preenchimento da ficha social. Em seguida, já partíamos para a entrevista. Muitas amostras, como as do PortVix e Projeto Censo, com as quais faremos nosso estudo comparativo, optam por dois encontros. No primeiro, faz-se o preenchimento dessa ficha social e, algumas vezes, perguntas básicas que nortearão o questionário a ser formulado para a entrevista propriamente dita, que será realizada no segundo encontro.

Contudo, em nossa amostra, devido ao fato de nossos informantes morarem em localidades de difícil acesso, optamos em fazer a entrevista logo no primeiro encontro. Frisamos que nossos informantes são de diversas regiões do município (Luxemburgo, Santo Antônio, Meia Légua, Retiro, Cabeceira de Santa Lúcia, Rio do Meio, Suíça, Fumaça, Ribeirão dos Pardos e Holandinha), o que dificultaria um possível reencontro. Além disso, nossas entrevistas ficaram restritas aos finais de semana, pois nossos guias tinham apenas esse tempo livre para nos orientar.

Acerca de nossos guias, é importante ressaltar que esses são pessoas ativas na comunidade, que conheciam uma gama de pessoas, o que facilitou muito o acesso aos nossos informantes. Em muitas de nossas entrevistas, fomos acompanhadas pelo senhor Luciano Föeger, pai de Camila, lavrador e comerciante da CEASA. Seu Luciano é o responsável por levar para CEASA seus produtos e de alguns companheiros que não dispõem de transporte (serviço pelo qual cobra uma pequena taxa, sendo muito querido pelos moradores e respeitado por todos). E ainda, a senhora Júlia Candeias Föeger,

mãe de Camila, leopoldinense e agricultora, que nos conduziu a comunidade em que nasceu, além de nos receber com muita hospitalidade, e preparar maravilhosos quitutes para nossas saídas sem hora marcada de regresso. Outros guias fundamentais foram: Anderson Föeger, leopoldinense e taxista da região; Patrícia Gonoring, professora de matemática de uma das escolas de Ensino Fundamental e Médio da comunidade; Ângelo Raimundo Maciel, leopoldinense, e hoje morador de Vitória, em decorrência de estudos acadêmicos; senhor Armando Barth, agricultor leopoldinense. Ressaltamos que essas pessoas foram essenciais em nossas buscas pelos perfis adequados, sem elas, provavelmente, nosso trabalho tornar-se-ia inviável.

Outro fato importante considerado foi a disponibilidade de nossos informantes. Nossos entrevistados, no decorrer da semana, estavam sempre impedidos de nos atender, devido à rotina exaustiva da vida campestre. Grande parte deles acorda entre 04 e 05 horas da manhã, trabalha na roça até as 16 ou 17 horas e, quando retorna para casa, faz uma refeição e deita-se para descanso por volta das 20 horas.

Em nossas entrevistas, tínhamos o auxílio de um gravador, que possibilitou uma transcrição não instantânea de nossas conversas. Em todo momento, buscávamos minimizar o quanto possível nossa interferência, deixando que o próprio informante conduzisse a entrevista. Além disso, optávamos por uma linguagem mais coloquial, para deixar nosso informante com mais liberdade, a fim de motivar o uso do vernáculo. Observe esse artifício no trecho abaixo:

Exemplo (07):
Entrevistador – é::.. então a senhora:: não pretende sair daqui não?...
Informante – não... não... pretendo não... pretendo ficar aqui até::.. Deus me dê/me dê coisa né?... já sou aposentada quinze ano né? .. eu me aposentei com::... em noventa e se::te... aí:: eu fiquei trabalhando um ano na esco::la aí mesmo porque eles perderam meus papel em Santa Leopoldina na enchen::te eles perderam meus papel lá:: e:: fiquei mais um ano trabalhando na esco::la servindo de merenda pros alu::no .. eu servia meren::da botava os prato na me::sa né? ajuda a lavar os pra::to ... ficava servindo ao/...

E – a senhora já fez de tudo também [nessa vida já né?...

Inf – [fiz de tu::do tudo tudo tudo que existir na vi::da ... e a mulher:: ainda virou eu falei com ela que eu trabalhava disse “na::o ... vai se descansar” e nem descansei até hoje nem descansei porque em casa a gente não descansa né?

(fem, fund 02, 72 anos)

Note que nossa pergunta inicial se referia à estadia da informante na comunidade. Em nosso roteiro de pergunta, o próximo questionamento seria sobre como é a vida em Santa Leopoldina, por exemplo, se ela gosta de viver ali, ou qualquer outra coisa do gênero. Contudo, a entrevistada começa a falar de sua vida trabalhista, e nós seguimos a conversa nesse sentido. Além disso, a todo o momento mostrava-nos interessados pelas anedotas contadas, experiência de vida, receitas, modo de cultivo de algumas plantas, dentre outros novos assuntos que surgiam a cada entrevista. Diante disso, dizemos que nossa entrevista é do tipo semi-monitorada ou semi-formal. Temos a impressão de que, em muitos momentos, conseguimos tecer um nível de proximidade com nossos informantes, e eles chegaram a se esquecer de nosso gravador – como sugere o excerto abaixo:

Exemplo (08)*:*

Informante - Qual é seu nome?

Entrevistador - Meu nome é Lays.

Inf - Lays? [demonstra decepção]

E - É... Num gostou?

Inf - Era pra ser Princesa.

E - Ah!

Inf - O nome da princesa é qual? O mais bonito...

E - Tem a Cinderela... É princesa num é? Depois ele casa com príncipe..

Inf - Já sei... Branca de Neve.

E - Você que tinha quer ser a Branca de Neve. Você é branquinha, loirinha...

Inf - A mamãe era pra botar meu nome Branca de Neve.

E - Aí, mamãe! [risos - falando com a mãe da menina]

Inf - Aí eu ia casar com um príncipe. E era aquele menino [referindo-se a um namoradinho, ao qual ela citara em outro trecho]. (fem, fund 01, 08 anos)

Algumas vezes, até nós mesmas esquecíamos do gravador:

Exemplo (09)*:*

Inf – chuchu:: melão conhece chuchu japonês que eles fala?... aquele chuchu de ven::to que eles bota carne den::tro?...

E – não como que faz::?...

Inf- ela num conhece não [falando com o esposo]... cê fura ele um buraquinho em ci::ma e enfia carne gelada pronta den::tro cê bota pra cozinhar menina é uma delí::cia ...

E – coloca car::ne?...

Inf – carne dentro abre um buraquinho miudinho em ci::ma...

[...]

Inf – eu também gos::to mas eu gosto mais do chuchu melão:: ...

E – é? vou procurar::...

Inf – eu gosto de::sse... chuchu japonês... cê fala chuchu japonês::...

E – chuchu japonês ...

Inf – é:: japonês... lembra do japonês que você.. [[risos]]

E – lá em casa tem problema que o meu marido não gos::ta ..

Inf – ah não::?... verdura não?...

E – hum hum... de jeito nenhum ...

Inf – e seu marido é de on::de?...

E - ele é de lá debai::xô também::...

Inf – ah é la debai::xô né? ... não é do outros estado ele não né?...

E – não é lá de baixo também...

(fem, fund 02, 72 anos)

Observe que, em alguns momentos, os papéis de entrevistador e entrevistado eram invertidos, e passávamos a ser os informantes. Em outro momento, pretendemos perceber se, nesses trechos de menor formalidade, houve alteração da percentagem de marcação de plural, comparando com outras partes em que essa proximidade entre os interlocutores não é tão nítida.

Concluímos que o período de campo foi maravilhoso, aprendemos muito com os habitantes da zona rural de Santa Leopoldina. Os leopoldinenses são pessoas encantadoras, com uma cultura muito vasta. As lendas contadas, as receitas ensinadas, as experiências de vida compartilhadas nunca serão esquecidas por nós. Consideramos que Santa Leopoldina abriga um povo pelo qual é impossível não se apaixonar.

5.2 OBJETIVOS: GERAL E ESPECÍFICOS

Nosso objetivo maior é analisar o processo de concordância nominal no português falado de Santa Leopoldina, a fim de percebermos as particularidades desse fenômeno, em especial, por tratar-se de zona rural. Pretendemos, ainda, identificar a influência das variáveis linguísticas e extralinguísticas no processo de marcação do plural no que tange ao sintagma nominal. Além disso, buscaremos comparar nossos resultados aos obtidos em investigações da fala dos capixabas (SILVA e SCHERRE, 2013) e dos cariocas (SCHERRE, 1988; SCHERRE e NARO, 2006 e 2010).

Nossa hipótese inicial é que possíveis diferenças existentes entre o português falado em Santa Leopoldina (2012/13), Vitória (2012) e Rio de Janeiro (1980 e 2000) sejam mais de ordem quantitativa do que qualitativa. Ou seja, imaginamos que as variáveis que atuam no processo de concordância nominal nessas três regiões sejam as mesmas, contudo, com intensidades diferentes. Nesse ponto nos embasamos na seguinte postulação de Scherre (1988), ao dissertar acerca das diferenças de resultados entre os três níveis de escolaridade por ela estudados – primário, ginasial e colegial: “Em verdade, as diferenças no comportamento lingüístico dos falantes com respeito ao fenômeno estudado são mais quantitativas do que qualitativas, principalmente com respeito à influência do tipo sintagmático do SN” (p. 306).

Ressaltamos que Santa Leopoldina é um município de história e contexto situacional bem particular. Além disso, nossa proposta é apontar as diferenças

entre o português falado na zona rural e urbana, por meio do contraste entre nossa amostra e os resultados do Rio de Janeiro e de Vitória, que são capitais.

5.3 VARIÁVEL DEPENDENTE E VARIÁVEIS INDEPENDENTES

A língua é um sistema amplamente rico que nos dá “a opção de dizer ‘a mesma coisa’ de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilísticas” (LABOV, 2008 [1972], p. 313). Diante disso, podemos entender por *variantes,* formas diferentes, contudo, com mesmo valor semântico, disponíveis à escolha do falante. As variantes devem ser analisadas de forma que o pesquisador possa determinar a sistematização dessas, dentro do sistema linguístico.

De acordo com Labov (2008 [1972], p. 215), a Teoria Variacionista adota técnicas quantitativas para determinar as diferenças entre os falantes de uma comunidade de fala, associadas a fatores extralinguísticos (sexo/gênero, escolaridade, faixa etária). Entende-se que a escolha de cada falante pode variar, mas, dentro do padrão geral, haverá uma regularidade entre os indivíduos do grupo. Além disso, o linguista deixa clara a necessidade de se observar traços linguísticos para que se possa perceber o ambiente linguístico em que determinada variante ocorre com maior frequência.

No processo de marcação de plural no sintagma nominal operam vários fatores externos e internos ao sistema da língua, acerca disso dissertaremos a seguir.

5.3.1 Variável dependente – o fenômeno

Este trabalho estabelece como variável dependente *a presença ou a ausência da marca de plural dentro do sintagma nominal*, como evidenciado nos exemplos abaixo, extraídos de nossa amostra:

Exemplo (10):

Entrevistador - [...] E você ajuda seus pais?

Informante - Tem vez eu ajudo na limpada da casa um pouquinho.

E - É? Você faz o quê?

Inf - Varro um pouquinho, limpo **os móvel**.

E - E você sabe varre, ou senão a mãe quando chega tem que varrer tudo de novo?

Inf - Eu sei.

E - Você sabe direitinho!? E o que mais você faz para ajudar sua mãe?

Inf - Limpo **os móveis**.

(fem, fund 01, 08 anos)

Note que a não realização da concordância não é prejudicial para o entendimento da informação transmitida pela menina. Além disso, a criança alterna entre a estrutura não padrão - “os móvel” – e a padrão da língua - “os móveis” – sem prejuízo ou alteração semântica da sentença. Isso converge com o pressuposto laboviano, citado anteriormente, de que as variantes são formas diferentes de dizer a mesma coisa. Essa alternância feita pelos falantes será analisada aqui, em função de sua relação com variáveis sociais e linguísticas, das quais falaremos no capítulo sequente.

Bortoni-Ricardo (1998) defende a existência de três *continua* importantes para o entendimento do português brasileiro: rural-urbano, oralidade-letramento e monitoração estilística. Esses se relacionam no momento do uso linguístico. Contudo, em virtude dos objetivos traçados para esta pesquisa, optamos por restringir nossa reflexão ao primeiro *continuum*.

Segundo a linguista, ao longo do *continuum* rural-ubano, temos duas regras variáveis:

> regras que definem uma estratificação “descontínua” e que caracterizam as variedades regionais e sociais isoladas, recebendo maior grau de estigmatização na sociedade urbana hegemônica, e regras graduais, que definem uma estratificação contínua e estão presentes no repertório de praticamente todos os brasileiros, dependendo apenas do grau de formalidade que conferem a fala (p. 102)

A partir desses esclarecimentos, percebemos que o fenômeno aqui analisado se situa em um ponto de interseção das duas regras propostas por Bortoni-Ricardo (1998). Em termos sociais, o processo de concordância nominal pode ser considerado como uma estratificação descontínua, uma vez que a ausência do plural é rejeitada pela sociedade.

Por outro lado, esse processo pode ser interpretado como uma regra gradual, já que se encontra presente na fala dos brasileiros como um todo, a depender do grau de formalidade e outras variáveis extralinguísticas, como veremos em linhas a seguir. Diante disso, frisamos que esperamos encontrar diferenças quantitativas no processo de marcação do plural em Santa Leopoldina, em relação ao do Rio de Janeiro e de Vitória, e não qualitativas.

Bortoni-Ricardo (1998) afirma ainda à influência do grau de isolamento da comunidade, de natureza geográfica ou social, deve ser considerado na análise do fenômeno. Quanto a isso, podemos afirmar que Santa Leopoldina tem uma natureza geográfica de difícil acesso, por ser situada na região montanhosa de nosso estado. Algumas comunidades leopoldinenses ainda têm o agravante de sofrerem com o isolamento em períodos de intensas chuvas. O percurso de Santa Leopoldina para outras regiões, como Vitória, Santa Maria de Jetibá e Santa Teresa, contam com o auxílio de ônibus. Contudo, o horário das conduções tem grandes intervalos de tempo, de Santa Leopoldina para Vitória e, também, de Santa Leopoldina para Santa Maria de Jetibá, o espaçamento é de até 03 horas entre um ônibus e outro. Na linha Santa Leopoldina para Santa Teresa, há apenas 03 ônibus, gerando intervalos de até 05 horas.

Quanto à ordem social, dizemos que a comunidade leopoldinense é diferente das capitais com as quais realizaremos nosso estudo comparativo, justamente por ser uma comunidade rural de economia basicamente agrícola. Além disso, os habitantes da região não se deslocam para Vitória com frequência, apenas em casos específicos, como para atendimento de médico especialista. O translado para Vitória é feito com maior frequência pelos homens que comercializam produtos na CEASA, cerca de duas vezes na semana.

Observamos que a grande maioria de nossos informantes sente orgulho de serem leopoldinenses e não demonstram interesse em sair da região.

A partir das particularidades do município de Santa Leopoldina, nossa hipótese é que o índice de marcação do plural na zona rural leopoldinense seja inferior aos encontrados nas zonas urbanas do Rio de Janeiro e de Vitória. Essa afirmação é baseada nos dados de Dias (1993). A autora analisou o processo de marcação de número no português falado na zona urbana e também na rural de Brasília. Os entrevistados tinham entre 10 e 15 anos. Notou-se que os falantes da região urbana aplicavam a marcação do plural em 73 % dos casos, enquanto os da zona rural em 46% das ocorrências.

Na descrição de seus informantes, Dias (1993) expõe que os falantes da zona rural, habitantes da comunidade Fazenda Boa Vista, vivem em chácaras agregadas por seus pais, em que o acesso à informação pelos meios de comunicação de massa é limitado. Os falantes da zona urbana são, em geral, filhos de professores, profissionais autônomos e comerciantes. Residem próximos ao centro de ensino em que estudam, praticam atividades esportivas, participam de passeios a *shoppings,* zoológicos e clubes e chácaras nas proximidades de Brasília.

Acerca do contato com a mídia, Naro e Scherre (2009) analisam o uso da concordância verbal relacionado ao acesso do falante aos meios de comunicação. Os autores destacam que essa proposta foi motivada pelo estudo de Naro (1981) com falantes do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral). Naro (1981 *apud* NARO e SCHERRE, 2009) observaram que alguns falantes, mesmo sem saber ler e escrever, apresentavam considerável sensibilidade à marcação da concordância verbal. O autor observou que os informantes com elevadas taxas de concordância tinham maior acesso aos meios de comunicação, como novelas de televisão.

Contudo, Naro e Scherre (2009) constataram, nos dados da década de 1980 e 2000, que o efeito da mídia no processo de concordância verbal cede lugar às variáveis *faixa etária* e *escolaridade*. Em Santa Leopoldina, mesmo na região

rural, diferente dos informantes do Mobral, a população, em geral, tem acesso à televisão. Entretanto, são raras as residências que contam com acesso à internet, algo comum no ambiente da capital capixaba. Alguns informantes em idade escolar contam com internet em ambiente escolar, mas nem sempre esse serviço funciona com eficiência. A veracidade dessas informações pode ser comprovada através da fala de alguns de nossos informantes:

Exemplo (11):

E: Uhum... e os seus professores passam trabalho para fazer em casa em grupo?

Inf: Sim... tem uns que passa... tem uns que num passa porque sabe que é difícil... tem uns que têm internet... outros que não têm...

E: Uhum...

Inf: Aí... tem uns que não vão...mas tem gente que passa também...

E: E como que você faz para fazer seus trabalhos?

Inf: Eu... como eu tenho internet... eu consigo fazer

E: Aham.

Inf: Aqueles que não têm... quando é do meu grupo... eu tento ajudar o máximo .... aqueles que não têm... se pedir ajuda eu tento ajudar também... não dou a resposta igual ao meu... mas tento ajudar... com a internet no caso...

(fem, fund 02, 12anos)

Exemplo (12):

E – E internet?

Inf – Ih internet eu não tenho.

E – Hum.

Inf – Pai resolveu… pai falou que ia botar [inint] Que ia botar mais não ia dar certo por causa que tá enrolando demais... O homem da internet ainda não botou.

E – Esse povo sempre enrola.

Inf – Uhum.

E – [risos]

Inf – Aí vai lá eu… daqui… vai… aqui quem vai usar é Roberta… lá da casa de Raquel… Nanda… e a gente… Só.

[interferência do pai]
Inf – Demora demais… enrola demais…

(fem, fund 02, 11anos)

Assim, esperamos que essas particularidades da região rural de Santa Leopoldina proporcionem uma configuração de marcação de número nominal diferente das de Vitória e Rio de Janeiro, com taxas inferiores de marcação.

5.3.2. Variáveis independentes

As variáveis independentes são aquelas que de certa forma podem influenciar a escolha das variantes. Nos termos de Mollica (2010) tem-se:

> Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural. Assim, as variáveis independentes ou grupos de fatores podem ser de natureza interna [linguística] ou externa à língua [social] e podem exercer pressão sobre os usos, aumentando ou diminuindo sua freqüência de ocorrência. (p. 11)

Note que cabe ao linguista a sensibilidade de perceber quais fatores linguísticos e extralinguísticos funcionam como condicionadores de determinado fenômeno. Com a análise quantitativa adequada é possível medir a regularidade da alternância de variantes dentro do sistema linguístico, de forma a sistematizar a influência de fatores internos e externos à estrutura linguística. Para codificação e análise de dados, utilizamos o programa computacional GoldVarb X, elaborado por Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005), acerca do qual teceremos algumas considerações no item 6.1.

5.3.2.1. Variáveis sociais

Paiva e Duarte (2006 - posfácio) afirmam que “uma mudança não envolve apenas motivações estruturais, [...] mas igualmente motivações sociais, ou seja, uma mudança é ‘mudança no comportamento’” (p. 144). Podemos aplicar

esse conceito ao processo de variação, ou seja, para entendermos as regularidades desse fenômeno, é válido transpassar o nível estritamente estrutural da língua e analisar o contexto social e suas possíveis motivações.

Dessa forma, em análises linguísticas, cabe considerar o efeito dos fatores sociais que circundam os indivíduos e a comunidade. Em nossos dados, analisamos a influência de três variáveis sociais: (i) sexo/gênero, (ii) faixa etária, (iii) escolaridade.

a) Sexo/gênero

Segundo Labov (2001), o efeito do gênero aparece de diferentes formas a depender da natureza do fenômeno em análise, ou seja, se esse é considerado com um processo estável, sem ou com consciência social. O autor estabelece três princípios:

> (i) para a variação sociolinguística estável, as mulheres apresentam menor taxa de uso das variantes estigmatizadas e maior taxa para variante de prestígio do que os homens [...] (ii) na mudança lingüística acima do nível da consciência (*change from above*), as mulheres adotam a variante de prestígio com maior taxa que os homens [...] (iii) na mudança abaixo do nível da consciência social (*change from below*), a tendência é que as mulheres avancem. (p. 266-279 - adaptado) [15]

Assim, quando a variação é estável, a expectativa é a de que as mulheres apresentam um baixo uso das variantes estigmatizadas, utilizando mais que os homens a variante prestigiada. Da mesma forma, quando a mudança ocorre com consciência social, as mulheres adotam mais a variante prestigiada que o sexo oposto. Em contrapartida, quando a mudança ocorre sem consciência social, as mulheres tendem a inovação. Essa configuração, encontrada em

---

[15] (i) for stable sociolinguistic variables, women show a lower rate of stigmazed variants and a highter rate of prestige variants than men [...] (ii) In linguistic change from above, woman adopt prestige at a higher rate than men [...] (iii) In change from bellow, the major tendency: women in advance. (p. 266 – 279 – adaptado)

diversas pesquisas de cunho sociolinguista variacionista, é nomeada *gender paradox.*

Buscando esclarecer esse paradoxo, Labov (2001, p. 367) utiliza os termos *conforming* e *nonconforming*. Afirma que, na variação estável, as mulheres tendem a ser conservadoras, ou seja, apresentam comportamento em conformidade com as normas explicitamente estabelecidas; em mudança com consciência social, as mulheres tendem a ser progressistas e, mais uma vez, demonstram conformidade com as normas estabelecidas; já em mudanças sem consciência social, as mulheres são progressistas, mas afastam-se das normas estabelecidas, sendo assim, sem conformidade.

Scherre e Yacovenco (2011) destacam que é válido pensar no efeito do gênero em conjunto com o Princípio da Marcação, e formulam duas generalizações iniciais: (i) em configurações menos marcadas, mas não necessariamente prestigiadas, as mulheres estão à frente na variação ou na mudança; e (ii) em estruturas mais marcadas, e não necessariamente menos prestigiadas, os homens é que estão à frente do processo de variação ou mudança. Sabendo que a ausência de marca de plural é estigmatizada, principalmente em contextos formais de comunicação, esperamos que as mulheres apresentem maiores taxas de marcação de plural. O que podemos concluir, definitivamente, é que há diferenças entre as escolhas femininas e masculinas, observar essas tendências é um de nossos objetivos.

Podemos considerar nosso contato com os informantes semi-formal ou semi-monitorado, uma vez que tínhamos a missão de romper com o *paradoxo do observador*, como destaca Labov (2008 [1972]). Além disso, devemos considerar que a entrevista, maneira escolhida para coleta de dados, era, muitas das vezes, uma interação entre interlocutores desconhecidos. Assim, momento da entrevista é que se dava o primeiro contato entre entrevistador e informante. Essa metodologia é diferente da adotada na constituição da amostra do PortViX, em que se realizava ao menos um encontro anterior à entrevista. É válido destacar que quando os informantes eram conhecidos de Camila, esses eram entrevistados por mim. Esse cuidado foi tomado para que

houvesse uma homogeneidade na maneira como as entrevistas eram realizadas. Quando os informantes eram de comunidades mais distantes, não sendo conhecidos de Camila, a coleta de dados era feita tanto por mim quanto por Camila.

Tentativas de inibição da tendência ao monitoramento eram adotadas, como um roteiro de perguntas altamente flexível, voltado para o cotidiano do informante. Além disso, em nossa fala, optávamos por um falar menos rebuscado. Nossa intenção era promover um meio de aproximação entre nós e nossos informantes, geralmente, pessoas humildes e de pouco estudo.

b) Faixa etária

Outra variável amplamente observada em diversos estudos sociolinguísticos, e também nos que abordam o processo de concordância nominal, é a faixa etária (SCHERRE [1988], SILVA [2011]). O estudo dessa foi motivado pela necessidade de se vislumbrar como a mudança ou a variação linguística processam-se ao longo do tempo. Segundo Meyerhoff (2006, p. 126), a observância de fatores sociais, como *tempo, gênero* e *classe social,* é importante para que o linguista possa formular princípios gerais da variação e, ainda, fazer possíveis projeções da direção da mudança linguística.

A autora destaca duas formas de análise da variável tempo: *real time* (tempo real) e *apparent time* (tempo aparente). Na primeira, analisa-se a fala de pessoas, a partir de dois pontos diferentes do tempo. Um exemplo dessa pesquisa, com dados do português brasileiro, é o já citado estudo de Scherre e Naro (2006) e Naro e Scherre (2010). Nesses trabalhos, os linguistas analisam dados de duas amostras do Projeto PEUL (Programa de Estudo do Uso da Língua), coletadas nas décadas de 1980 e 2000. A comparação dos dados dessas amostras permitiu aos linguistas perceberem as mudanças ocorridas nessa comunidade em tempo real.

Naro e Scherre (2010, p. 79) destacam que a análise dos dados também se deu por meio do *tempo aparente*, uma vez que a variável faixa etária foi controlada. Meyerhoff (2006, p. 126) explica que esse modo de pesquisa observa a passagem aparente do tempo, por meio da comparação de dados obtidos com informantes de diferentes idades em uma mesma comunidade de fala. A autora afirma que essa noção de tempo é mais abstrata, uma vez que envolve falantes de diferentes idades, contudo, de um mesmo ponto do tempo.

Meyerhoff (2006) ressalta que:

> Tempo aparente é uma forma de simulação e modelagem de mudanças em tempo real usando dados sincrônicos, quando os *corpora* diacrônicos [...] não estão disponíveis para pesquisadores ou quando os pesquisadores não têm tempo ou dinheiro para construir o seu próprio *corpus* em tempo real[16]. (p. 133)

Essa modalidade de análise, ainda nos termos de Meyerhoff (2006, p. 134), é válida, quando se acredita que um fenômeno esteja ocorrendo em um determinado grupo de pessoas. Assim, quando não se têm dados em tempo real, a opção é analisar a fala de pessoas que nasceram em épocas diferentes. Isso porque, segundo a autora:

> como as noções básicas de sistema fonológico de um falante foram estabelecidas em sua juventude, quando ouvimos falantes que têm 75 anos de idade hoje, temos uma idéia sobre como as normas da comunidade eram quando eles eram crianças (70 anos atrás). Da mesma forma, quando ouvimos falantes que têm 45 anos de idade hoje, temos uma idéia sobre como as normas da comunidade eram quando eles eram crianças (40 anos atrás). E assim por diante[17]. (p.134)

---

[16] No original: "Apparent time is a way of simulating and modellind real time change using synchronic data, when the diachronic corpora wue discussed inthe previous section are not available to researchers or when researchers do not have the time or money to construct their own real time corpus" (MEYERHOFF, 2006, p. 133).

[17] No original: "because the basics of a speaker's phonological system have been laid down in their youth, when we listen to speakers who are 75 years ols today we get an idea about what the community norms werw when they werw children (70 years ago). Similarly, when we listen to speakers who are 45 years old today, we get an idea about what the community norms were when they werw children (40 yares ago). And so on" (MEYERHOFF, 2006, p. 134).

Dessa forma, há como se fazer uma projeção, como dito, da fala em um momento de tempo anterior ao da realização do estudo. Embasados nessas postulações, consideramos relevante o controle da variável faixa etária.

É válido destacar que, em Santa Leopoldina, esperamos um resultado similar aos encontrados em outros estudos acerca do processo de marcação de plural. Nossa expectativa é que a fala leopoldinense esteja vivenciando um processo de aquisição de concordância, tal como observado por Silva (2011), para os dados de Vitória/ES. Essa hipótese encontra-se embasada nas postulações de Naro e Scherre (2010) que retomam as reflexões propostas por Naro, na década de 1980, sobre um possível movimento de fluxos e contrafluxos operantes no português brasileiro.

Segundo Naro e Scherre (2010), a comunidade de fala brasileira é composta por diferentes grupos sociais que “se movimentam por vias diacrônicas às vezes conflitantes, tais como a perda, a restauração, e a estabilidade, com ou sem mudança durante a vida do falante” (p. 87). Os linguistas destacam que como os falantes são pertencentes a diversos grupos sociais ocorrem conflitos dentro da comunidade, ou até mesmo dentro do indivíduo, em especial, quando se trata de fenômenos estigmatizados socialmente, como é o caso do processo de marcação de plural.

c) Escolaridade

Sabe-se que o grau de letramento do falante é importante variável que deve ser considerada em análises linguísticas, em especial nas que estudam variantes estigmatizadas, visto que é um dos componentes de classe social. Entendemos que o letramento se dá a partir de diferentes meios, tais como leitura, contato com a mídia, ensino regular. Contudo, nesse estudo, nos restringiremos a abordar o efeito da variável escolaridade.

Nossa hipótese é que quanto mais elevado for o nível de escolarização dos falantes leopoldinenses mais marcas de plural produzirá. Isso porque não

devemos negar o fato de a ausência de concordância ser estigmatizada à luz da gramática tradicional e do senso comum – ao menos em situações não informais, como é o caso de nossas entrevistas.

O efeito dessa variável foi constatado por Scherre e Naro (2006), a partir da análise dos dados de 1980 e 2000, como exposto anteriormente. Os linguistas notaram que os falantes mais escolarizados produziam, sistematicamente, mais marcas no que tange a concordância nominal. Nossa intenção aqui é analisar a influência dessa variável na comunidade de Santa Leopoldina e perceber se nossos resultados seguirão a mesma tendência dos obtidos por Scherre e Naro (2006).

5.3.2.2. Variáveis linguísticas

A Teoria Variacionista defende que existem regularidades em meio ao aparente caos do uso linguístico. Para determinar essas regularidades, que circundam um determinado fenômeno, é necessário entender o contexto linguístico em que a variação ocorre. Para entendimento de nosso fenômeno elegemos cinco variáveis[18]: (i) saliência fônica, (ii) posição linear e relativa no sintagma nominal, aliada a classe gramatical; (iii) marcas precedentes; (iv) animacidade dos substantivos; (v) grau e formalidade dos substantivos e dos adjetivos. Posteriormente, a partir das rodadas realizadas, percebemos a necessidade de amalgamar as variáveis *animacidade dos substantivos* e *grau e formalidade dos substantivos,* pois havia sobreposição entre elas, oportunamente, na seção de apresentação dos resultados, exporemos a metodologia adotada nesse processo. Passemos, então, as particularidades de cada uma dessas variáveis:

[18] A escolha dessas variáveis foi motivada pela leitura de pesquisas anteriores, como o de Scherre (1988), Scherre e Naro (2006), Silva (2011) e Dias (1993), nas quais essas se mostraram relevantes.

a) Saliência Fônica

Scherre (1989) destaca que o Princípio da Saliência foi elaborado por Lemle e Naro (1976) com aplicação na concordância verbal. Esse princípio estabelece que os termos mais salientes tendam a ser mais marcados, ou seja, aqueles que na passagem do singular para o plural apresentam alterações mais perceptíveis. Em 1976, Scherre e Braga, ainda segundo Scherre (1989), buscaram observar a aplicação desse princípio no processo de concordância nominal, o que serviu de inspiração para as pesquisas de Braga (1977), Scherre (1978), Ponte (1979) e Carvalho Nina (1980), entre outras.

Em 1981, de acordo com Scherre (1989), Naro retoma o estudo acerca da concordância verbal, agregando à noção de saliência a tonicidade do termo em análise. Guy (1981) aborda esses fatores sob nova perspectiva, ao considerá-los como variáveis distintas. Diferentemente, Scherre (1988) analisa *os processos morfofonológicos de formação de plural* e *a tonicidade* do termo como duas dimensões da saliência fônica[19]. Nesse estudo, Scherre (1988) defende ser o grau de saliência do vocábulo em análise relevante para a aplicação da regra de concordância nominal padrão. Observe o exemplo abaixo:

Exemplo (13):
Entrevistador: o que vocês plantam lá?
Informante: ah assim... Nós num... Antes plantava mais... Mas agora num planta mais não... Lá só tem **umas banana**... aipim pra poder levar para Ceasa mesmo.[...]
E: e a sua escola faz algum passeio assim...?
Inf: faz principalmente [inint]... Nós vamo pro museu... Nós vamo pra fábrica Garoto... Nós sempre [inint] sair bastante... A diretora gosta que a gente sai pra conhecer **novos lugares**... aí sim....

(fem, fund 02, 12 anos)

---

[19] Em nosso trabalho, embasados em Scherre (1988), adotaremos *processos morfofonológico de formação de plural* e *tonicidade* como dimensões da variável saliência fônica, como poderá ser observado mais adiante.

Os termos em destaque - *banana* e *lugar* – apresentam diferenças na passagem para o plural: (i) no primeiro, ocorre apenas o acréscimo de um –s, enquanto, (ii) no último, o acréscimo de –es. Dizemos assim que *lugar* é mais saliente que *banana*, pois a alteração fônica é mais perceptível naquele. A proposta de Scherre (1988) em unir a variável *processos morfofonológico de formação de plural* e à *tonicidade* foi motivada pela própria análise dos dados.

A autora observou que, quando essas variáveis eram analisadas separadamente, ocorria sobreposição entre elas, ou seja, uma interferia demasiadamente nos resultados gerados pela outra. Além disso, os dados de Scherre (1988) apontam que os termos regulares oxítonos favorecem mais a marcação de plural. Na concepção da autora, esse favorecimento dos oxítonos é devido ao fato de ser a sílaba tônica a que receberá a marca de número, o que torna a passagem de singular para plural mais perceptível aos ouvidos dos interlocutores. Diante disso, tal como Scherre (1988), propomos a seguinte análise:

QUADRO 02
Variável Saliência Fônica - na amostra de Santa Leopoldina (2012/13)

Fatores analisados	**Exemplos**
Duplos[20] (paroxítonos[21])	os **ovinhos** e (fem, fund1, 08 anos) os **preguiçoso** (masc, fund2, 22 anos)
-l (oxítono ou paroxítono);	das **principais** causas (fem, fund2, 53 anos) meus **papel** em (fem, fund1, 72 anos)
-ão (oxítono irregulares)[22];	algumas **exceções** (masc, fund1, 52 anos) nas **televisão** né? (fem, fund1, 72 anos)
-R (oxítono ou paroxítono[23]);	trabalhava nos **motores** (fem, fund2, 55 anos) as banda **melhor** né? (masc, fund1, 23 anos)
-S (oxítono);	que os **portugueses** (masc, fund2, 12 anos) uns três **mês** (masc, fund1, 12 anos)
Regular oxítono	e três **irmãs** (fem, fund2, 16anos) ele tá lá nos **café** (fem, fund1, 8anos)
Regular proparoxítono	**péssimas** lembrança (masc, fund1, 40 anos) os **república**... (fem, fund2, 45 anos)
Regular paroxítono	as **novelas** (fem, fund2, 27 anos) pros **campo** lá... (fem, fund2, 22 anos)

Nossa expectativa é que o português leopoldinense atenda ao princípio da saliência, assemelhando-se a outras regiões, como Rio de Janeiro 1980 e 2000 (SCHERRE, 1988 E SCHERRE E NARO, 2006) e, ainda, os de Vitória 2000 (SILVA, 2011). Assim, nossa hipótese é que os termos mais salientes, no falar leopoldinense, favoreçam mais a aplicação da marcação plural.

---

[20] Entende-se por duplo (ou plural metafônico), o termo que na passagem de singular para plural tenha inserção de –s e também sofra alteração de abertura vocálica, como em (ovo/óvus), como explica Scherre (1988).

[21] Nos dados de Scherre (1988) foram encontrados duplos oxítonos e paroxítonos. Em nossos dados, contudo, não obtivemos nenhum termo oxítono duplo. Assim, os duplos aqui analisados resumem-se a *duplos paroxítonos*.

[22] Esclarecemos que os itens regulares em –ão, do tipo mão/mãos, foram agrupados aos regulares oxítonos.

[23] Ainda não obtemos dados de paroxítonos terminados em R, mas, também esperamos encontrá-los nas demais entrevistas a serem codificadas.

b) Posição Linear e Relativa no Sintagma Nominal aliada à classe gramatical

Neste ponto, vale relembrar que nossa análise será apenas de cunho atomístico, ou seja, consideraremos cada um dos termos do sintagma nominal como um elemento a ser analisado, nos termos de Scherre (1988, p. 62). A partir do efeito desta variável, pretendemos perceber em que medida a posição ocupada pelo vocábulo dentro do SN é determinante para sua marcação.

Scherre (1988), inicialmente, analisa essa variável com base no posicionamento linear do elemento dentro do SN, ou seja, primeira, segunda, e assim por diante. Contudo, no desenvolvimento de suas análises, a linguista percebeu uma relação entre a posição relativa ao núcleo. Assim, instaura-se uma nova variável que observa a relação entre o posicionamento linear e relativo do elemento em análise.

Scherre (1989) afirma que: “Em síntese, a posição mais à esquerda favorece mais variante explícita de plural e a posição mais à direita favorece mais a zero de plural” (p. 166). Em nossas primeiras rodadas, como será observado no momento da apresentação de nossos resultados, exploramos a variável *posição linear e relativa* desvencilhada da classe gramatical. Citemos alguns exemplos dessa primeira configuração de nossos dados:

QUADRO 03

Variável Posição Linear e Relativa - na amostra de Santa Leopoldina (2012/13)

Fatores analisados	**Exemplos**
Antes do núcleo na 1ª Posição	**os** bebezinho (fem, fund1, 8 anos) **do** meus olhos... (fem, fund1, 72 anos)
Antes do núcleo na 2ª e nas demais posições	as **minhas** irmãs fizeram (fem, fund2, 16 anos) debaixo das **minha** coberta (fem, fund1, 8anos)
núcleo na 1ª posição	**comidas** típicas (fem, fund2, 16 anos) **professores** bons (masc, fund1, 52 anos)
núcleo na 2ª posição	as **pessoas** lá (fem, fund2, 45 anos) uns **problema** de (fem, fund1, 8 anos)
núcleo na 3ª e nas demais posições	todos os **dias**... (masc, fund1, 40 anos) as minhas **filha** (masc, fund1, 40 anos)
Depois do núcleo na 2ª posição	juros **acessíveis** né? (fem, fund2, 53 anos) coisas **boa** (fem, fund1, 72 anos)
Depois do núcleo na 3ª posição	as coisas **ruins** né? (fem, fund2, 53 anos) duas igreja **crente** (fem, fund1, 72 anos)
Depois do núcleo na 4ª e nas demais posições	uns jogos mais **importantes** (fem, fund2, 53 anos) uns dois saco **pilado** (masc, fund1, 12 anos)

Nossa expectativa é que os dados coletados em Santa Leopoldina atestem a proposta de Scherre (1989). Nossa hipótese, portanto, é que os elementos anteriores ao núcleo favoreçam a aplicação da marca de plural, assim como os termos nucleares mais à esquerda, na primeira posição. Esperamos que os elementos mais à direita desfavoreçam a aplicação da marca, por ter sido esta, possivelmente, já explicitada nos elementos que lhes são internamente anteriores no sintagma.

Neste trabalho, exploraremos ainda a classe gramatical aliada à posição ocupada pelo elemento no sintagma, em relação ao núcleo. Assim, constituiremos uma nova variável P*osição Linear e Relativa no Sintagma Nominal aliada à classe gramatical,* inspirados nas considerações de Scherre

(1988). Segundo a autora, como dissertaremos oportunamente no capítulo 06, uma análise que não considere essas duas variáveis em conjunto não é satisfatória perante a magnitude do fenômeno de variação dentro dos elementos do sintagma nominal. Vejamos a metodologia adotada para o controle da regularidade desses dados:

QUADRO 04
Variável Posição Linear e Relativa aliada à Classe Gramatical - na amostra de Santa Leopoldina (2012/13)

Fatores analisados	**Exemplos**
Determinantes antepostos ao núcleo na 1ª posição	ele tá lá **nos** café (fem, fund1, 8 anos) **pro** nossos filho.. (masc, fund2, 12 anos)
Determinantes antepostos ao núcleo na 2ª posição	todos **os** livros (fem, fund2, 16 anos) das **minha** coberta... (fem, fund1, 8 anos)
Adjetivo anteposto ao núcleo	**boas** lembranças .. (fem, fund2, 53 anos) as **famosa** tropa né? (masc, fund1, >49anos)
Substantivo como núcleo na 2ª posição	cinco **minutos** (fem, fund2, 16 anos) os **bebezinho** (fem, fund1, 8 anos)
Substantivo como núcleo na 3ª posição	pro meus **filho**... (fem, fund1, 48 anos) as minhas **irmãs** (fem, fund2, 16 anos)
Categoria substantivada como núcleo na 2ª posição	as **maiores** (fem, fund2, 12 anos) dos **outro** (fem, fund1, 72 anos)
Categoria substantivada como núcleo na 3ª posição	as minha **melhores**... (fem, fund2, 12 anos) os mais **velho** (masc, fund2, 22 anos)
Determinantes pospostos ao núcleo	as duas **minha** (masc, fund1, 40 anos) essas mordomia **toda** (fem, fund2, 55 anos)
Adjetivo posposto ao núcleo na 2ª posição	juros **acessíveis** (fem, fund2, 53 anos) professores **contratado** (fem, fund2, 45 anos)
Adjetivo posposto ao núcleo nas demais posições	as comidas **típicas** (fem, fund2, 16 anos) umas banda **boa** (fem, fund2, 53 anos)

Nossa intenção é perceber o funcionamento da classe gramatical a depender de sua posição dentro do sintagma nominal. Reconhecemos a expectativa de

que as classes antepostas ao núcleo sejam mais marcadas. Contudo, esperamos perceber diferenças de marcação a depender da classe em análise.

c) Marcas Precedentes

Poplack (1980), em pesquisa sobre o processo de concordância nominal no espanhol de Porto Rico, afirma que a presença de marcas de plural favorece a marcação em elementos do SN, assim como a ausência de marca precedente, ou seja, os zeros, conduzem a mais zeros subsequentes, conclusão reafirmada por Scherre (1988).

Baseados em Scherre (1988), estabelecemos os seguintes fatores para este grupo:

(i) ausência: quando o elemento analisado ocupa a primeira posição dentro do SN[24];
(ii) zeros[25]: quando o elemento analisado se encontra na segunda[26] ou demais posições do SN, sendo precedido de zero em todas as posições que lhes são anteriores;
(iii) sintagma preposicionado: o elemento analisado é precedido de um sintagma preposicionado superior, como exemplificaremos no quadro que se segue;
(iv) numeral precedente: o vocábulo em análise é antecedido por um numeral;
(v) apenas uma marca precedente (em –s): a palavra analisada é precedida por marca formal de plural;

---

[24] Esse fator foi transformado em *não se aplica* (/). Adotamos essa decisão metodológica por perceber que esses elementos já estavam sendo controlados nos *elementos na primeira posição do SN não nucleares*, fator da variável *posição linear e relativa*. No momento da apresentação de nossos dados, exporemos os percentuais desses fatores, estabelecendo um paralelo entre eles.

[25] Posteriormente, esse fator foi retirado de nossa análise, por termos poucos dados – apenas seis ocorrências,

[26] Scherre (1988) destaca que sua análise considera os termos na segunda posição antecedidos de zero. Em nossos dados, encontramos um dado de elemento na terceira posição do sintagma, sendo esse "o terceiro **anos**"

(vi) duas ou mais marcas precedentes (em –ss): o termo analisado é precedido por duas ou mais marcas formais de plural;

(vii) mistura de marcas: o termo analisado é precedido por marcas de diferentes naturezas, por exemplo, uma marca formal e um numeral. Neste caso, se o sintagma dispuser de zeros ou modificadores, é imprescindível que o termo imediatamente anterior não seja um zero;

(viii) antagonicamente a esse perfil anterior, temos o fator que analisa a presença de zero imediatamente precedente: o termo imediatamente anterior não pode conter marca de plural, mesmo que no sintagma haja marcas explícitas, numerais ou modificadores, ou seja, deve haver, necessariamente, ao menos, um zero anterior ao termo em análise.

Essas classificações ficarão mais claras após a leitura dos exemplos a seguir:

QUADRO 05
Variável Marcas Precedentes - na amostra de Santa Leopoldina (2012/13)

Fatores analisados	Exemplos
1. Ausência	**pros** meus filhos (fem, fund2, 33anos) **do** meus parente (fem, fund1, 15 anos)
2. Zero precedente na 1ª posição	a **minhas** atividades (fem, fund2, 11anos) o terceiro **anos** (masc, fund1, 52 anos)
3. Sintagma preposicionado	uma porção de **fotos** (fem, fund1, 23 anos) um monte de **galho** aí (fem, fund2, 33 anos)
4. Numeral precedente	cinco **horas** da... (masc, fund1, 40 anos) só dois **ferro** assim (fem, fund1, 66 anos)
5. Apenas uma marca (em –s) precedente	juntar as **amigas** (fem, fund2, 12anos) as **mata** aí (fem fund2 19 anos)
6. Duas ou mais marcas (em –s) precedentes	pros meus **pais**... (masc fund1 40 anos) as minhas **amiga** (fem fund2 12anos)
7. Mistura de marcas precedentes	pras oito **horas**... (fem, fund1, 8anos) uns cinco **ano** (fem, fund1, 66 anos)
8. Zero imediatamente precedente	as minha **melhores** (fem, fund2, 12anos) uns menino **bagunceiro** (fem, fund1, 15 anos)

Nossa hipótese é que os itens pertencentes a sintagmas nominais com marcas de plural favoreçam a presença de marca de plural, assim como declara Scherre (1988). Em contrapartida, os vocábulos constantes em sintagmas com presença de zeros favoreçam a ausência de marcação.

d) Grau e Formalidade dos Substantivos e dos Adjetivos

Embasados nos pressupostos de Scherre (1988, p. 268), decidimos estabelecer uma classificação binária para formalidade. Nossos substantivos e adjetivos foram codificados como: menos informais e mais informais Nas palavras da autora:

> A divisão binária ocorreu pela inexistência de critérios precisos e não tendenciosos para se estabelecer uma escala mais detalhada da informalidade léxica. Estamos assumindo que a informalidade léxica determina a ausência de marcas de plural no SN. Todavia, não é impossível de se imaginar que a ausência de marcas possa ser um indicativo de não formalidade discursiva. (SCHERRE, 1988, p. 268)

Segundo nossa visão, o agrupamento de *formalidade léxica* ao *grau de substantivos e adjetivos* foi motivado pelas normatizações gramaticais vigentes, que consideram os termos aumentativos e diminutivos como possíveis marcadores de pejoratividade. Segundo os gramáticos, "tanto o aumentativo quanto o diminutivo podem conter carga emotiva de depreciação ou de carinho, como em *garotão, meninão, jornaleco, maninha*, etc." (CARVALHO, 2007, p. 179). Segundo Scherre (1988), esses traços são perfeitamente coerentes com o traço de informalidade.

Destacamos que os termos em grau normal, como *cara, coisa, merda, negócio (negoço)*, foram codificadas como *mais informais*, uma vez que palavras usadas, *a priori*, em contextos informais ou de pouca formalidade. Neste sentido, nos orientamos pelos pressupostos de Scherre (1988, p. 268), que considerou vocábulos dessa natureza como termos tipicamente usados como gírias. E, ainda baseados Scherre (1988), consideramos como informais, os termos *coisa e negócio,* em emprego resumitivo ou com caráter genérico, como exposto no exemplo citado a seguir. E ainda, estruturas como *um montão de* e *uma porção de,* tal como Scherre (1988), por entendermos que essas estruturas são típicas de contextos informais.

As demais palavras de grau normal foram classificadas como *menos informais,* justamente pela ausência de critérios precisos para estabelecermos uma classificação mais cuidada, como destaca Scherre (1988). É válido esclarecer que essa classificação não considera essas palavras como *informais,* mas ao mesmo tempo não as considera *formais.* São, na verdade, vocábulos que podem ser usados em contextos de diferentes níveis de formalidade, como *lares, quilômetros, lugares, flores, casa*, entre outros. Exposto esse recorte

metodológico, passemos a apresentação de alguns exemplos, no quadro 06, retirados de nossa amostra:

QUADRO 06
Variável Grau e Formalidade dos Substantivos e dos Adjetivos - na amostra de Santa Leopoldina (2012/13)

Fatores analisados	**Exemplos**
1. Diminutivo/aumentativo mais informal	nesses **morrão** aí.. (fem, fund2, 55 anos) nasce os **pintinho**... (masc, fund2 12anos)
2. Grau normal – mais informal	essas **coisas** assim... (fem, fund1, 39 anos) esses **negócio** assim... (fem, fund2, 12 anos)
3. Grau normal – menos informal	mesmo nos **lares**... (masc, fund1, 40 anos) uns doze **quilômetro** (masc, fund1, 12 anos)

Em nossa concepção, os termos no diminutivo/aumentativo aparecem, geralmente, em contextos tipicamente informais. Diante disso, imaginamos que esses itens desfavoreçam a presença de marcas. Por outro lado, seguindo essa linha de análise, esperamos que os itens mais informais de grau normal sejam mais sensíveis à marcação do plural do que os menos formais de grau normal, uma vez que estes são comuns em contextos de menor pressão social.

e) Animacidade dos Substantivos

A divisão dos fatores dessa variável, tal como Scherre (1988, p. 271), estabeleceu-se da seguinte maneira: [- humano] e [- animado], [+ humano] e [+ animado], [+ humano] e [- coletivo] e, por fim, [+ humano] e [+ coletivo].

A categoria de [+ humano] e [+ coletivo] foi proposta por Scherre (1988) para controlar os casos a princípio tratados como [– humano], mas que a partir do contexto se podia perceber que se referiam a um grupo de pessoas, como no exemplo seguinte.

Exemplo (14):

Informante – não... assim que eu casei eu fui crente então na religião crente... hoje eu não sei porque hoje eu sou católica né? mas naquele tempo a igreja crente tinha os seus **grupo** *de criança*... *de jovem*... tudo assim...

(fem, fund 01, 72 anos)

Nesse exemplo, percebe-se nitidamente que o termo “grupo” pode ser caracterizado semanticamente por [+ humano] por designar um ajuntamento de crianças ou jovens. Adiantamos obtivemos apenas 11 ocorrências desse tipo. Além disso, esses foram categoricamente não marcados. Assim, retiramos a categoria [+ humano] e [+ coletivo] de nossa análise qualitativa, no capítulo 06, retomaremos essa questão. Observe nossa estratificação deste grupo de fator:

QUADRO 07
Variável Animacidade dos Substantivos - na amostra de Santa Leopoldina (2012/13)

Fatores analisados	**Exemplos**
1. [– humano] e [– animado]	os **carros** (fem, fund2, 53anos) começa a murchar as **folha** (masc, fund1, 12 anos)
2. [-humano] e [+ animado]	eu tenho quatro **cachorros** (fem, fund1, 23 anos) os **porco** é a meia com o (fem, fund1, 72 anos)
3. [+ humano] e [– coletivo]	na casa do dos **pais** dela (fem, fund2, 27anos) eles eram.... cinco **irmão** (masc, fund1, 12 anos)

Não imaginamos que Santa Leopoldina se distancie do observado por Scherre (1988). Frisamos que nossas expectativas se estabelecem em torno de diferenças quantitativas e não qualitativas. Assim, esperamos que as variáveis operantes no processo de marcação de plural sejam as mesmas conhecidas para o português do Rio de Janeiro/1988 e 2000 e Vitória/2000, o que esperamos apenas alterações no efeito dessas variáveis em Santa Leopoldina. Por isso, nossa hipótese é que a saliência do caráter [+ humano] seja igualmente aplicada na zona rural leopoldinense, gerando resultados favorecedores desse traço para marcação de plural.

6. ANÁLISE DOS DADOS EM TERMOS DE FREQUÊNCIA ABSOLUTA E RELATIVA

Neste capítulo, faremos alguns apontamentos sobre o programa GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE E SMITH, 2005), utilizado para codificação das entrevistas e análise de dados. Em seguida, apresentaremos os resultados obtidos e teceremos algumas reflexões de motivação desses.

6.1. PROGRAMA COMPUTACIONAL GOLDVARB X: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Para codificação de nossos dados utilizamos o programa estatístico computacional GoldVarb X, elaborado por Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005). Scherre & Naro (2010) destacam que GoldVarb X é uma versão dos programas *Varbrul* para o ambiente Windows. Cedemos a palavra aos autores que esclarecem alguns mecanismos do programa: “[...] este programa tem como objetivo final medir o efeito de cada variável independente estipulada na análise, bem como verificar a significância estatística das variáveis em jogo” (SCHERRE & NARO, 2010, p. 74).

Em algumas de nossas etapas de análise, o programa apresentou a mensagem “no convergence at iteration”, assim, em nossos resultados iniciais não obtivemos convergência.

Guy e Zilles (2007) esclarecem que

> A rotina matemática do Varbrul que calcula os pesos relativos é baseada num algoritmo que faz ciclos (iterações) de ajuste nos valores dos pesos, procurando um resultado otimizado (‘best fit’) entre o modelo matemático e os dados observados. Quando ela obtém tal resultado, pára de calcular; isso se chama “obter convergência”. (p. 238)

Os autores afirmam que em algumas situações a obtenção da convergência é impossível, por exemplo, em análises muito complexas. Isso não invalida os resultados. Os linguistas esclarecem que: “Esses números, obtidos sem

convergência, podem ser usados como resultado de análise, mas o pesquisador deve relatar que houve falta de convergência" (GUY e ZILLES, 2007, p. 238).

Por meio da realização de alguns testes e análise de dados, percebemos que ao amalgamarmos as variáveis *animacidade dos substantivos* e *grau e formalidade léxica dos substantivos e adjetivos,* a convergência era obtida na melhor rodada. A este respeito, dissertaremos mais detalhadamente, na seção 6.2. Nossa rodada geral, então, apresenta convergência. Diante disso, decidimos refazer todas as demais rodadas específicas. Contudo, algumas rodadas ainda permaneceram sem convergência, essas serão devidamente sinalizadas ao leitor, no momento de suas respectivas apresentações.

A ausência de convergência pode estar condicionada à sobreposição de variáveis. Em um momento futuro dessa pesquisa, pretendemos nos dedicar à reanálise das rodadas ainda sem convergência, para entendermos o motivo da "não convergência". Nossa intenção é realizar novos testes, a fim de perceber se há variáveis sobrepostas nessas rodadas e, se possível, obter resultados convergentes.

Vale ressaltar que peso relativo é um valor gerado pelo programa entre zero e um. Guy e Zilles (2007) afirmam que esse "peso é 'relativo' ao nível geral de ocorrência da variante" (p. 239), ou seja, o *input.* O *input*, a grosso modo, representa o valor total de uso da variável dependente analisada, sendo responsável pela correção de quaisquer desequilíbrios quantitativos da amostra. Assim, o peso relativo não é necessariamente equivalente à probabilidade. Os pesos são, na verdade, frequências corrigidas pelo programa, considerando todas as variáveis informadas pelo pesquisador. Por outro lado, ainda segundo Guy e Zilles (2007), o *input* representa a média global corrigida de ocorrência das variantes, sendo referência para o cálculo dos pesos relativos.

Sankoff (1988) declara que, na análise de pesos relativos, o melhor é considerar o efeito dos fatores em função de suas diferenças, pois os valores

absolutos podem ser alterados a depender do programa matemático utilizado. Por isso, em nossas análises, procuramos observar a ordenança dos pesos de determinada variável. E, assim, perceber os fatores desfavorecedores e favorecedores a aplicação da regra e, também, aqueles que se encontram em um ponto intermediário de marcação do plural dentro do SN.

6.2. ANÁLISE DE RESULTADOS - FATORES SOCIAIS E LINGUÍSTICOS

Em níveis gerais, obtivemos um total de 6313 ocorrências no português falado na zona rural de Santa Leopoldina, das quais 3873 foram devidamente marcadas pelos falantes. Percentualmente, nossos informantes obtiveram um total de 61.3% de taxa de marcação. Esses números são retomados no estudo comparativo entre Rio de Janeiro, Vitória e Santa Leopoldina, no capítulo 07.

Em nossa rodada todos os grupos de fatores foram considerados estatisticamente significantes. A ordem de seleção foi a seguinte: (1) posição linear e relativa aliada à classe; (2) saliência fônica; (3) marcas precedentes; (4) faixa etária; (5) animacidade amalgamada com grau e formalidade dos substantivos; (6) sexo/gênero; e, por fim, (7) escolaridade. Observemos os resultados obtidos. Nossos resultados serão apresentados em dois subtópicos: (i) fatores sociais e (ii) fatores linguísticos.

6.2.1. Fatores Sociais

a) Faixa etária

A quarta variável selecionada, pelo programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), foi a faixa etária, primeira na ordem de seleção das sociais. Vejamos os resultados obtidos:

TABELA 05

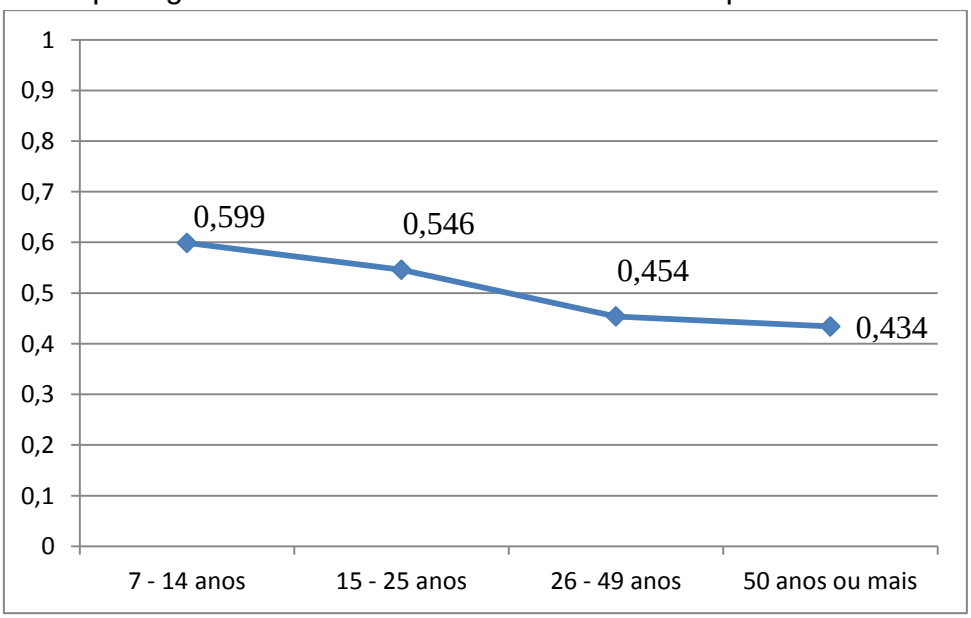
Efeito da Variável Faixa Etária - no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES

Faixa etária	**Percentagem**	**Peso relativo**
7 - 14 anos	872/1355 = 64,4 %	0,594
15 - 25 anos	933/1432 = 65,2 %	0,547
26 - 49 anos	958/1618 = 59,2 %	0,451
50 anos ou mais	1110/1908 = 58,2 %	0,439
TOTAL	**3873/6313= 61.3%**	
RANGE	**15**	

Observa-se que a marcação do plural, na região rural de Santa Leopoldina, é mais presente na fala dos mais jovens. Diante disso, concluímos que os leopoldinenses estão vivenciando um processo de aquisição da concordância no sintagma nominal. Organizamos nossos resultados em forma de gráfico para que esse fenômeno pudesse ser mais perceptível aos olhos de nosso leitor.

GRÁFICO 01

Efeito da Variável Faixa Etária - no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES



Neste ponto é válido mencionar que a força de restrição de um grupo de fatores[27] é determinada pelo *range.* Tagliamonte (2009) destaca que:

> A força é medida pelo *range, q*ue é então comparado com os intervalos dos outros grupos fatores significativos. O *range* é calculado subtraindo-se o menor peso do fator de maior peso. Quando estes números são comparados em cada um dos grupos de fatores de uma análise, os números mais elevados identificam a restrição mais forte. (p. 242)[28]

Ao calcularmos o *range* dessa variável, obtemos um valor 15 pontos, o que indica que a faixa etária é efeito mais forte entre os grupos de fatores sociais[29]. Entretanto, embora o *range* seja o mais elevado entre as variáveis sociais, esse ainda é menor que o das linguísticas. Isso indica que, em Santa Leopoldina, as variáveis linguísticas são mais determinantes para presença ou ausência de marca de plural no sintagma nominal do que as sociais. O efeito das variáveis sociais é mais robusto quando fazemos cruzamentos entre essas, os quais serão apresentados em linhas à frente. Retomaremos esses resultados ao dissertar sobre o efeito do *gênero/sexo* e da *escolaridade* para o fenômeno em análise.

Nota-se que em Vitória/ES, Silva (2011) também constatou um processo de aquisição da concordância nominal, em função da faixa etária, o que, por certo, necessitará de uma análise mais apurada em outro momento. No capítulo 07, em que traçamos um paralelo entre Vitória, Santa Leopoldina e Rio de Janeiro resgataremos essa questão.

---

[27] Utilizaremos as terminologias “grupo de fatores” e “variáveis independentes” como termos sinônimos.

[28] No original: “Strenght is measured by the ‘range’, which is then compared with the ranges of the other significant factor groups. The range is calculated by subtracting the lowest weight from highest factor weight. When these numbers are compared for each of the factor groups in an analysis, the highest (i.e range) numbers identifies the strongest constraint” (Tagliamonte, 2009, p. 242).

[29] Veremos que os *ranges* das variáveis escolaridade e gênero/sexo são de 07..

b) Sexo/gênero

Quanto ao fator social gênero/sexo, notamos que as mulheres favorecem mais o uso da marcação de plural padrão, alinhando-se com o primeiro princípio laboviano, acerca do paradoxo do gênero, como discutido em linhas anteriores. Observe a tabela, quanto à presença da concordância:

TABELA 06
Efeito da Variável Gênero/Sexo - no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES

Gênero	**Percentagem**	**Peso relativo**
Feminino	2223/3472= 64%	0,535
Masculino	1650/2841= 58,1%	0,457
TOTAL	3873/6313= 61,3%	
RANGE	07	

Baseados nos *ranges* observados em outras variáveis, podemos concluir que a variável gênero/sexo não possui uma força de restrição muito elevada no processo de concordância nominal no português falado na zona rural de Santa Leopoldina. Observaremos mais adiante que o *range* dessa variável é igual ao da escolaridade, sendo esses os mais baixos entre nossas variáveis sociais e também linguística.

O peso relativo de 0,537, para o gênero/sexo feminino, e 0,457, para o masculino, diante desses resultados, concluímos que as mulheres favorecem a aplicação da regra em relação aos homens. Essa tendência reflete-se nos índices percentuais, os quais indicam que as mulheres, com 64% de taxa de marcação, concordam mais que os homens, com 58,1%. Além disso, as falantes do sexo feminino apresentam percentagens superiores às taxas globais de marcação, de 61,3%. Entretanto, consideramos essas discrepâncias, relativamente, pequenas, sendo medidas em 2,7% e 3,2%, para mulheres e homens, respectivamente, em relação à percentagem global.

Tendo em vista essas questões, e sabendo que na zona rural leopoldinense os papéis femininos e masculinos são bem delimitados, realizamos alguns cruzamentos entre as variáveis sociais. Esses serão apresentados nessa mesma seção, no subtópico d.

c) Escolaridade

A *Escolaridade* foi o sétimo grupo de fatores na ordem de seleção das variáveis, sendo, portanto, o último a ser selecionado pelo programa. Isso deve-se ao *range* de 07 pontos obtido por esse grupo. Notamos que a força de restrição da escolaridade é semelhante à verificada na variável gênero/sexo – a qual obteve o mesmo valor de *range,* 07 pontos.

Veja os resultados obtidos para essa variável, a partir dos dados da tabela 07:

TABELA 07
Efeito da Variável Escolaridade no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES

Escolarização	**Percentagem**	**Peso relativo**
Ensino Fundamental I	1727/2934 = 58,9 %	0,460
Ensino Fundamental II	2146/3379 = 63.5 %	0,534
TOTAL	**3873/6313= 61.3%**	
RANGE	**07**	

Frisamos que nossa expectativa era que o aumento da presença de marca na fala dos informantes fosse igualmente proporcional ao aumento dos anos de escolarização. Assim, como esperado, os informantes do ensino fundamental II utilizam um pouco mais a concordância do que os do fundamental I. Contudo, essa diferença não é tão evidente em termos percentuais e de peso relativo. Sendo os pesos 0,460 e 0,534, para ensino fundamental I e II, poderíamos afirmar que ambos têm semelhante sensibilidade à aplicação da regra.

É válido destacar que, a princípio, esses resultados são inquietantes, visto que a aparente simetria entre os resultados dos falantes do ensino fundamental I e II não inviabilizou a seleção da escolaridade como significante à marcação do plural. Temos conhecimento que, futuramente, após a inserção dos falantes do Ensino Médio em nossa amostra, talvez, essa atual configuração se altere. Mas, neste momento, devemos buscar explicações para os atuais resultados.

Sabendo que o *range* de 07 pontos fora observado na variável sexo/gênero, e que isso também não inviabilizou a seleção do grupo, pelo programa, como significante à marcação do plural, julgamos interessante promover alguns cruzamentos entre as variáveis sociais. Ao nosso ver, as particularidades da comunidade de Santa Leopoldina serão evidenciadas por meio de uma minuciosa observação dos efeitos das variáveis sociais. Afinal, a organização da comunidade rural leopoldinense difere da de Vitória. Esses dados serão imprescindíveis para delimitar as diferenças entre essas regiões, sendo esse um dos objetivos dessa pesquisa. A partir dessas ponderações, apresentaremos, no ponto sequente, alguns cruzamentos entre as variáveis sociais.

d) *Cruzamentos das variáveis sociais*

Como dito, o tempo que permanecemos em pesquisa de campo, nos permitiu observar uma nítida distinção entre os papéis sociais exercidos por homens e mulheres na comunidade rural leopoldinense. Diante disso, julgamos interessante o cruzamento entre as variáveis sociais analisadas em nossa amostra.

Essa proposta foi motivada pela seleção das variáveis sexo/gênero e, também, da escolaridade, como significantes mesmo diante de um *range* relativamente baixo, de apenas 07 pontos, como já mencionado. Além disso, notamos ainda que entre as variáveis sociais, a faixa etária obteve maior peso relativo, de 15

pontos, contudo ainda mais baixo que grande parte das nossas variáveis linguísticas.

Dessa forma, em nossa concepção, a observância das particularidades linguísticas em solo leopoldinense perpassa pela análise conjunta das variáveis sociais. Para o primeiro cruzamento, elegemos as variáveis gênero/sexo e faixa etária. Observemos:

TABELA 08

Cruzamento das Variáveis Gênero/Sexo e Faixa Etária - no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES

Fatores analisados	**Percentagem**	**Peso relativo**
Feminino – 7-14 anos	537/762 = 70,5%	0,720
Feminino – 15-25 anos	675/900 = 75 %	0,717
Feminino – 26-49 anos	532/890 = 59,8 %	0,459
Feminino – > 49 anos	479/920 = 52,1%	0,288
Masculino – 7-14 anos	335/593 = 56,5%	0,458
Masculino – 15-25 anos	258/532 = 48.5%	0,207
Masculino – 26-49 anos	426/728 = 58.5%	0,480
Masculino – > 49 anos	631/988 = 63,9%	0,573
TOTAL	**3873/6313 = 61,3%**	
RANGE	**51**	

Quando promovemos o cruzamento gênero/sexo e faixa etária, percebemos que o *range* é elevado consideravelmente. Concluímos, portanto, que a associação entre essas variáveis ganha mais força de restrição. O efeito observado é de 51 pontos, superior até ao observado em algumas variáveis linguísticas, como *animacidade* e *formalidade léxica dos substantivos*.

Os resultados dispostos na tabela 08 são provenientes de uma rodada sem convergência. No processo de análise de dados, realizamos duas rodadas: a

primeira (i) com animacidade e formalidade codificadas como variáveis distintas; e a outra (ii) com animacidade e formalidade amalgamadas. Ambas não apresentaram convergência. Ao comparar as rodadas não constatamos grandes alterações de resultados. Assim, visando a uniformidade dos resultados, decidimos utilizar a rodada (ii), uma vez que seguiu os moldes da rodada geral base para este trabalho. Futuramente, pretendemos retornar a essas rodadas no intuito de obter convergência.

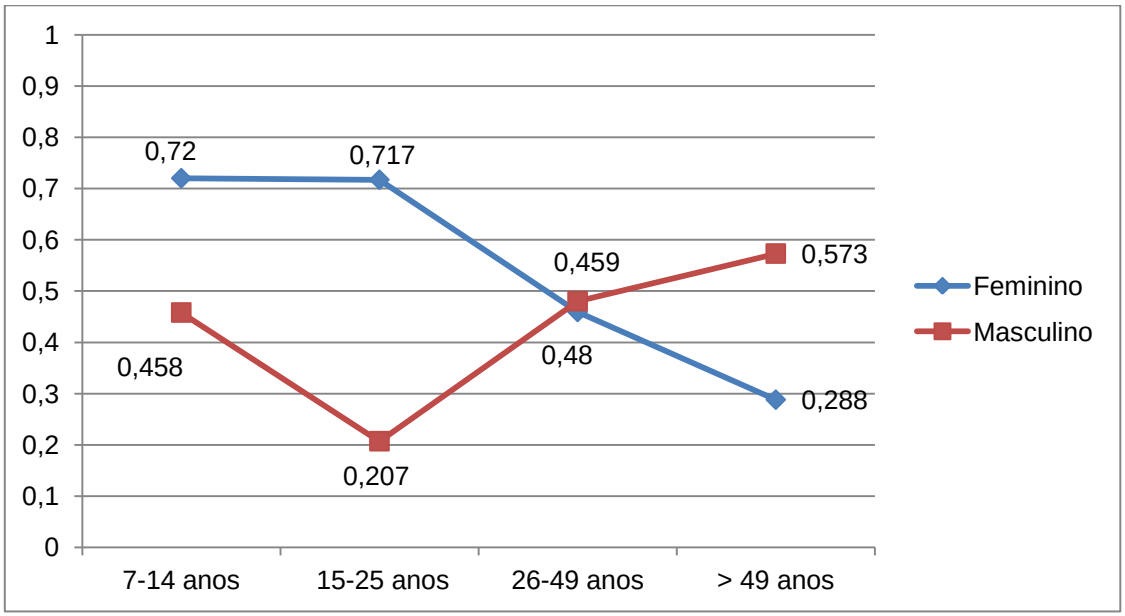
A presente configuração de resultados permite-nos concluir que, em geral, no que tange às percentagens, as mulheres marcam mais o plural dentro do sintagma nominal que os homens, com exceção para os falantes da última faixa etária. Esse resultado reafirma o observado na análise individual da variável *sexo/gênero,* na qual as mulheres apresentaram índices superiores à média global de concordância. Observamos ainda, que o nível de marcação das mulheres é mais variável em função da faixa etária que o dos homens. Diante disso, concluímos que o gênero/sexo feminino é mais sensível ao efeito da faixa etária que o masculino.

No grupo dos homens, não há tanta diferença entre os mais jovens e mais velhos. Notamos, contudo, que a segunda faixa etária utiliza menos marcas de plural. A percentagem aumenta na terceira e quarta faixas etárias. Atribuímos esse aumento ao contato com a capital e inserção do leopoldinense no mercado de trabalho, tendo em vista que são os informantes da terceira faixa etária que comercializam os produtos agrícolas na CEASA.

Esse movimento de aquisição da concordância dos mais idosos é também observado no peso relativo, sendo apenas a última faixa etária favorecedora a aplicação da regra de plural, com 0,573. Ainda em se tratando de peso relativo, observamos que a segunda faixa etária desfavorece a aplicação da regra, enquanto a primeira e a terceira se situam em um nível intermediário de marcação. Dessa forma, concluímos que os idosos leopoldinenses do sexo masculino são mais conservadores, no que tange à preservação da norma padrão de marcação do plural.

O mesmo não ocorre com as mulheres. Distribuímos nossos resultados, anteriormente dispostos na tabela 08, em forma de gráfico para tornar nossas considerações mais claras ao leitor. Vejamos:

GRÁFICO 02
Cruzamento das Variáveis Gênero/Sexo e Faixa Etária - no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES



Diante do gráfico exposto, podemos concluir que são as mulheres as maiores influenciadoras do efeito observado na variável faixa etária, que apontou para aquisição da marcação de plural pelos mais jovens. Parece-nos que, em Santa Leopoldina, são as mulheres das duas primeiras faixas etárias, as líderes do processo de aquisição da concordância. Ou seja, são as informantes mais jovens do sexo feminino as que mais favorecem a aplicação da marca de plural.

No período em que permanecemos em Santa Leopoldina para coleta de dados, percebemos que as mulheres têm mais acesso à mídia. Os meninos, por volta de seus 10 a 12 anos de idade, vão para a roça trabalhar com o pai, no contraturno escolar. As meninas, por outro lado, têm uma rotina restrita ao ambiente doméstico, em que têm acesso com maior facilidade ao rádio e à televisão. É comum em Santa Leopoldina ter um pequeno rádio na cozinha. As mulheres fazem seus afazeres domésticos ao som das emissoras de rádio.

Nossa hipótese é que esse contato com a mídia esteja motivando os atuais resultados, efeito previsto por Naro e Scherre (2009).

É válido mencionar que as duas primeiras faixas etárias ainda estão em idade escolar, o que também pode justificar o peso relativo mais elevado entre as falantes mais jovens, se comparado ao peso das duas faixas mais velhas. Ou seja, ao nosso ver, o comportamento das mulheres mais jovens pode ser resultado do efeito do acesso à mídia aliado ao contato com o ensino regular. Percebemos, ainda, que a configuração de nossos resultados está em consonância ao proposto laboviano que aponta as mulheres como mais suscetíveis a uma aproximação da regra padrão em fenômenos estigmatizados.

Vemos que as mulheres tendem a utilizar mais a norma não padrão em função do avanço de idade. Esse efeito é inverso ao observado entre os homens, que tendem a aumentar o uso da concordância, em termos de percentagem, e a favorecê-lo, em termos de peso relativo, à medida que se tornam mais velhos. Neste ponto, temos de considerar que, em Santa Leopoldina, a rotina da mulher, em especial a da terceira e quarta faixas etárias, é mais restrita ao ambiente rural que a dos homens, uma vez que são eles os responsáveis por comercializar os produtos na capital. As mulheres, por outro lado, cuidam da manutenção do lar e alguns serviços rurais. Sendo assim, entendemos que o efeito da inserção no mercado de trabalho é, consideravelmente, reduzido entre as mulheres, o que pode motivar esses resultados.

Outra hipótese é fato de a grande maioria dessas mulheres já ter concluído os estudos há muito tempo, ou seja, a influência do ensino regular é mais suavizada se comparada às demais faixas etárias. É válido destacar que o esperado seria que todas as faixas etárias demonstrassem peso relativo superior em função do avanço da escolaridade.

Sendo a faixa etária, a variável com índices mais robustos entre as sociais, propomos o cruzamento entre faixa etária e escolaridade, tal como fizemos com sexo/gênero e faixa etária. Esse novo cruzamento obteve convergência ao

controlarmos *animacidade* e *formalidade léxica dos substantivos* amalgamadas, o que não foi possível quando essas foram codificadas como variáveis distintas. Isso nos instiga ainda mais a entender a razão da ausência da convergência no cruzamento entre sexo/gênero e faixa etária.

TABELA 09
Cruzamento das Variáveis Escolaridade e Faixa Etária - no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES

Fatores analisados	**Percentagem**	**Peso relativo**
Ens. Fund. 1 – 7-14 anos	319/640= 49,8%	0,339
Ens. Fund. 1 – 15-25 anos	233/343= 67,9%	0,635
Ens. Fund. 1 – 26-49 anos	680/1102= 61,7%	0,494
Ens. Fund. 1 – > 49 anos	495/849= 58,3%	0,400
Ens. Fund. 2 – 7-14 anos	553/715= 77,3%	0,760
Ens. Fund. 2 – 15-25 anos	700/1089= 64,3%	0,552
Ens. Fund. 2 – 26-49 anos	278/516= 53,9%	0,328
Ens. Fund. 2 – > 49 anos	615/1059= 58,1%	0,483
TOTAL	**3873/6313= 61,3%**	
RANGE	**43**	

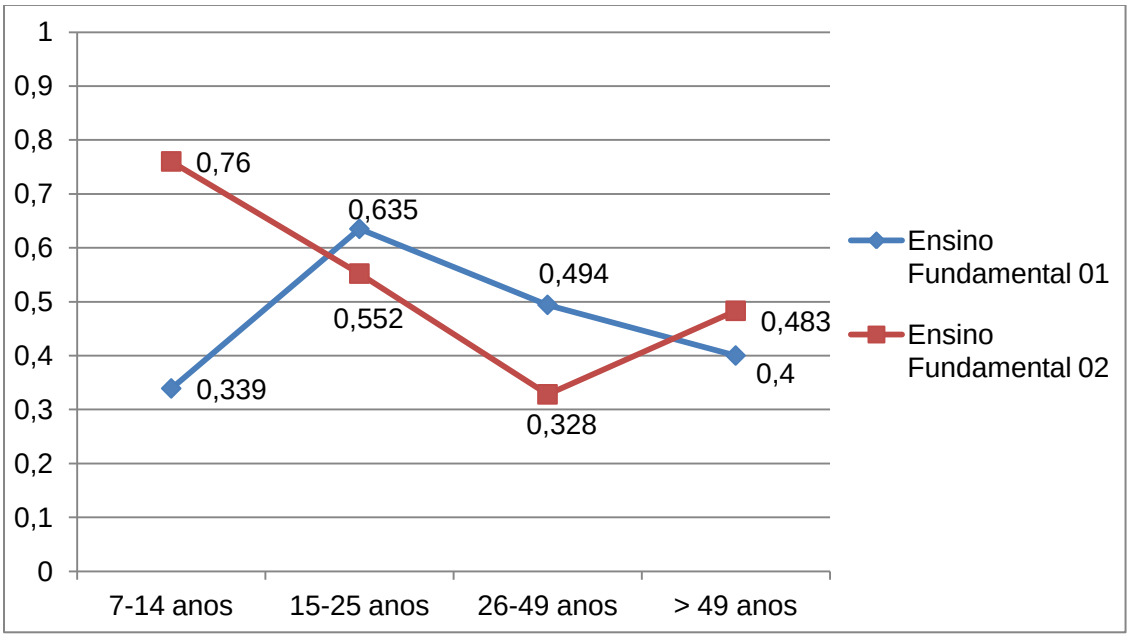
O *range* dessa amalgamação é menor que o observado entre faixa etária e gênero, em que se obteve 53 pontos. Ainda assim, podemos afirmar que uma variável com 43 pontos de *range*, como obtido nessa última rodada, aponta para uma força de restrição a ser considerada.

Notamos que os únicos grupos de falantes que favorecem a aplicação da marca de plural são os informantes da segunda faixa etária com ensino fundamental 01 e os da primeira faixa com fundamental 02. Dessa forma, observamos que esses entrevistados, em específico, motivam a configuração da faixa etária, que aponta para a aquisição da presença da marca de número pelos informantes das faixas etárias mais jovens. Por outro lado, a escolaridade

não parece ter muito efeito sobre as faixas etárias mais velhas, uma vez que esses falantes desfavorecem ou se encontram em um ponto intermediário de marcação, independente de seu nível de escolaridade. Esse resultado reafirma o observado na rodada de amalgamação entre variáveis sociais, exposta no gráfico 03 e 04.

Para melhor visualização de nossos resultados, elaboramos o gráfico 03, contendo as informações dessa última rodada:

GRÁFICO 03
Cruzamento das Variáveis Escolaridade e Faixa Etária - no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES



As linhas expostas no gráfico sugerem que os falantes do ensino fundamental 01 estão em um processo de variação estável, uma vez que há uma consonância entre os pesos da primeira e última faixas etárias. Os falantes do ensino fundamental 02, por outro lado, estão em um processo de aquisição de concordância. Podemos fazer essa inferência pelo fato de os pesos relativos das primeiras faixas etárias serem superiores aos das demais.

Sabendo que a idade de inserção da criança no ensino regular é a partir dos 07 anos, atribuímos a esse contato com o novo, o baixo peso relativo dos informantes de 07-14 anos do primeiro ciclo escolar. Em nossa amostra, dos

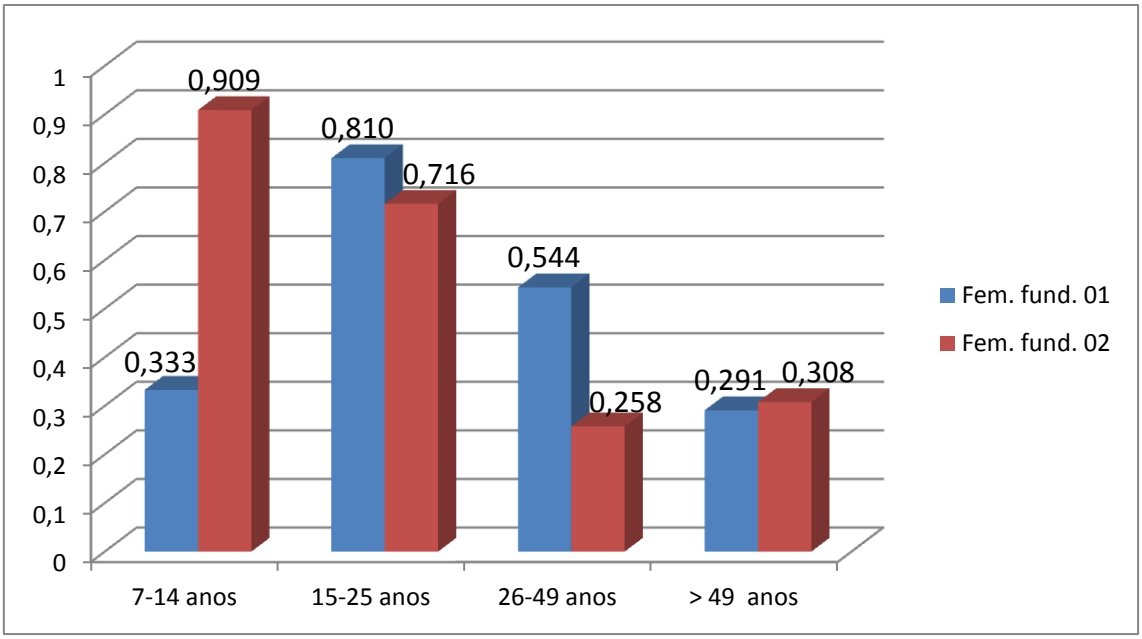
quatro informantes desse perfil, três ainda frequentam a escola, sendo esse o primeiro contato desses com o ensino regular.

Por outro lado, os falantes da primeira faixa etária do segundo ciclo escolar indicam favorecimento a aplicação da regra, com 0,759. Devemos considerar que esses informantes já estão habituados ao ambiente escolar, uma vez que se encontram no fundamental 02. Todos nossos quatro informantes desse perfil ainda frequentam a escola. Assim, esses indivíduos têm contato quase diário com a norma padrão da língua. Isso somado a familiaridade com o ensino regular, devido ao contato recorrente com esse, provavelmente, interfere no modo de utilização da língua,

Os falantes das duas últimas faixas etárias já não têm mais o contato com o ambiente escolar, alguns de nossos informantes já pararam de estudar há muito tempo. Nossa hipótese é que a falta de contato com o ensino regular proporcione um distanciamento entre esses informantes e a norma padrão. Sabemos que o letramento não se dá apenas via escola, mas devemos reconhecer que esse é o meio institucionalmente reconhecido nesse processo, sendo preponderante no domínio da norma padrão pelo falante. Esse fato pode motivar a tendência desses informantes, de ambos os níveis de escolarização, ao desfavorecimento ou a situar-se em um ponto intermediário de aplicação da regra.

Com o objetivo de validar essa consideração, decidimos fazer um novo cruzamento, agrupando as três variáveis sociais. Estamos cientes de que dispomos de poucos informantes por célula e que nossos cruzamentos, talvez, façam emergir as particularidades dos falantes e não da comunidade, mas ainda assim julgamos interessante esses procedimentos. Ressaltamos que, na rodada que se segue, não foi possível obter convergência. Os resultados são apresentados no gráfico 04, para as mulheres, e no 04, para os homens. Como realizamos o cruzamento dos gêneros feminino e masculino com a faixa etária e a escolaridade em uma mesma rodada, os resultados dispostos nesses gráficos, 03 e 04, são diretamente comparáveis. Vejamos:

GRÁFICO 04
Cruzamento das variáveis sociais *faixa etária* e *escolaridade* para o *gênero feminino*



Observe que as informantes mais jovens, de 7-14 anos, são bem sensíveis à influência da escolaridade, uma vez que há um considerável aumento do peso relativo dessas em função do avanço de séries escolares. Na segunda faixa etária, embora haja um decréscimo no peso relativo das informantes do ensino fundamental 01 para o 02, ambas favorecem a aplicação da regra. Há um quase um equilíbrio entre essas informantes.

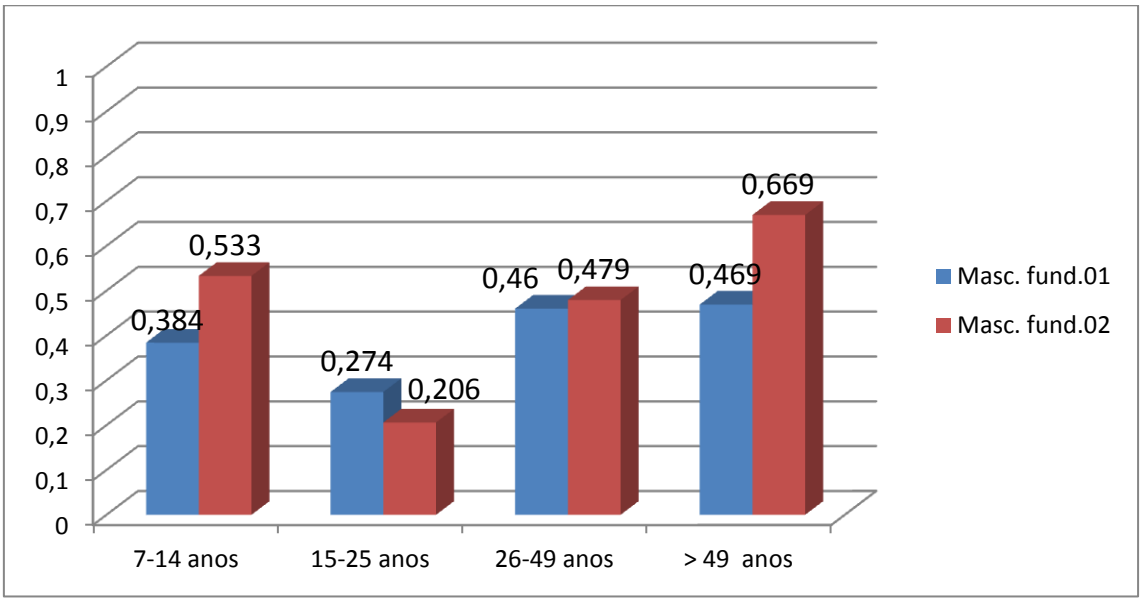
Na terceira faixa, as mulheres do ensino fundamental 01 estabelecem-se em um nível intermediário de aplicação da regra, enquanto as informantes dessa faixa do ensino fundamental 02 desfavorecem a aplicação da regra. E as informantes da última faixa etária desfavorecem a aplicação da regra, independentemente da escolaridade. Notamos, então, uma menor influência da escolaridade em função do avanço da idade da falante.

Notamos, como apresentaremos mais detalhadamente em tópico específico, que o efeito, entre as mulheres mais velhas, tendente a não aplicação da regra de marcação de plural, segue o observado em Vitória, onde as mulheres desfavorecem a concordância, com 0,432 de peso relativo. No estudo de Silva

(2011), na capital capixaba, não foram realizados cruzamentos, o que inviabiliza um paralelo mais preciso entre essas regiões.

Vejamos o cruzamento das variáveis sociais para os falantes do sexo/gênero masculino:

GRÁFICO 05
Cruzamento das variáveis sociais faixa etária e escolaridade para o gênero masculino



Esses resultados são bem próximos ao esperado. Os falantes de 7-14 anos do sexo/gênero masculino apresentam um aumento no peso relativo em função dos anos de escolarização. É válido frisar que isso também fora observado entre as mulheres, embora com um aclive mais acentuado entre as falantes do sexo feminino.

Os de 26-49 e com mais de 49 anos não apresentam grandes diferenças de peso relativo em função da escolaridade. Exceção ao esperado são os informantes da segunda faixa etária, os quais apresentam um declive, embora não acentuado, em função do aumento da escolaridade. Para melhor entendimento desses resultados e também dos das mulheres, julgamos necessário um retorno à comunidade, o que poderá ser feito em um momento futuro.

No capítulo 07, apresentaremos nossos resultados em paralelo ao observado nas capitais capixaba e carioca, a fim de percebermos se zona urbana e rural seguem a mesma tendência, no que tange ao processo de marcação de plural. Contudo, antes de passarmos ao estudo comparativo, apresentaremos os resultados obtidos a partir das variáveis linguísticas em análise.

6.2.2. Fatores linguísticos

a) Posição linear e relativa aliada à classe gramatical

O primeiro fator a ser selecionado, em nossa rodada geral, foi *posição linear e relativa*, o que é validado pelo *range* de 88, como será explicitado a seguir. Na concepção de Scherre (1998): “Em síntese, a posição mais à esquerda favorece mais a variante explícita de plural e a posição mais à direita favorece mais variante zero de plural” (p. 166).

Na rodada dos pesos relativos, retiramos os núcleos na primeira posição, por ter esse fator efeito categoricamente marcado em nossa amostra. Obtivemos um total de 38 dados, sendo que todos esses foram flexionados no plural por nossos informantes. Vejamos, então, a configuração de nossos resultados:

TABELA 10
Efeito da Variável Posição Linear e Relativa no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES

Fatores analisados	**Exemplos**	**Percentagem**	**Peso relativo**
Antes do núcleo na 1ª posição	**os** bebezinho (fem, fund1, 8anos)	2694/2716 = 99,2%	0,955
Antes do núcleo na 2ª e demais posições	as **minhas** irmãs fizeram (fem, fund2, 16 anos)	110/127 = 86,6%	0,561
Núcleo na 2ª posição	os **peixinho** (fem, fund1, 8anos)	925/2984 = 31%	0,084
Núcleo na 3ª e nas demais posições	encarar todos os **dias**... (masc, fund1, 40 anos)	92/305= 30,2%	0,067
Depois do núcleo na 2ª posição	juros **acessíveis** né? (fem, fund2, 53anos)	22/36= 61,1%	0,171
Depois do núcleo na 3ª posição	as coisas **ruins** né? (fem, fund2, 53anos)	24/117= 20,5%	0,086
Depois do núcleo na 4ª e demais posições	dar uns dois saco **pilado** (masc, fund1, 12 anos)	5/23= 17,9%	0,180
TOTAL		**3873/6313= 61,3%**	
RANGE		**88**	

Notamos que a diferença entre o maior e o menor peso relativo é de 88 pontos, o *range* mais elevado entre nossas variáveis, o que certamente foi determinante para seleção desse grupo de fatores anterior aos demais. Isso indica que, no falar leopoldinense, a ordenação dos termos no interior do sintagma é imprescindível para presença ou ausência da marca de plural.

Nossos resultados corroboram com a proposta de Scherre (1998) – que reitera o que dissera em 1988. Segundo a linguista, os termos mais à esquerda, ou seja, antes do núcleo são mais sensíveis ao uso da marca de plural. Em nossa amostra, comprovamos essa afirmação, uma vez que são os termos anteriores ao núcleo os que apresentam pesos relativos mais altos, se compararmos com os demais itens.

É válido frisar que os núcleos na primeira posição são categoricamente marcados, o que apresenta consonância com a proposta de Scherre (1988). Por outro lado, os núcleos na segunda e na terceira posição do SN desfavorecem, consideravelmente, a presença da marca com 0,084 e 0,067, respectivamente. Da mesma forma, os termos posicionados à direita do núcleo, também, desfavorecem a marcação, com: 0,171, na segunda posição depois do núcleo, ou seja, imediatamente posterior; 0,086, na terceira posição; e 0,180, na quarta e demais posições após o núcleo.

Entretanto, entendemos, baseados nas postulações de Scherre (1998), que uma análise da variável posição linear e relativa, desvencilhada da classe gramatical do elemento, é limitada perante a magnitude do fenômeno de marcação de plural. Scherre (1998) retoma os dados coletados no Rio de Janeiro, na década de 1980, e analisa o efeito das variáveis posição e classe gramatical como interdependentes no processo da concordância nominal, a partir dos dados de todos os seus falantes – crianças e adultos[30].

A autora destaca que uma análise em que essas variáveis sejam percebidas como restrições independentes não reflete toda a regularidade dos dados em análise. É certo que os termos antes do núcleo na primeira posição são, em sua maioria, determinantes. Contudo, não podemos desconsiderar as demais classes candidatas a ocupar esse lugar no sintagma – como os adjetivos. Nossa intenção é perceber se, tal como Scherre (1988):

> qualquer classe gramatical anteposta ou qualquer classe gramatical posposta ao núcleo do SN apresenta, respectivamente, mais ou menos chances de conter marcas formais de plural. A simples afirmação de que a primeira posição do SN é a mais marcada também não é, portanto, adequada. O elemento nominal não nuclear pode estar até na terceira posição, mas, se estiver anteposto ao núcleo, apresenta também mais chances de ser marcado do que o posposto. (p. 220)

---

[30] Em 1988, Maria Marta Pereira Scherre trabalha com indíviduos crianças e adultos como grupos de falantes distintos. Em 1998, a autora retoma esses dados fazendo o agrupamento dos falantes.

Assim, buscaremos inferir se há regularidade entre as classes que ocupam determinadas posições no SN ou se a presença/ausência de marca independe da classe. Baseados nessas postulações, decidimos controlar a influência nessas variáveis, a partir de seu cruzamento.

Nesta rodada, tendo em vista que a rodada geral da variável posição, ou seja, aquela que apresenta os dados dessa variável isolados da classe gramatical, conta com a influência da animacidade e da formalidade amalgamadas, decidimos manter essa mesma codificação. Analisemos os resultados gerados.

TABELA 11
Efeito da nova variável posição e classe gramatical amalgamadas no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES

Fatores analisados	**Percentagem**	**Peso relativo**
Determinante anteposto ao núcleo na 1ª posição	2676/2698= 99,2%	0,926
Determinante anteposto ao núcleo na 2ª posição	97/112= 86,6%	0,668
Adjetivo anteposto ao núcleo	31/02= 93,9%	0,764
Substantivo como núcleo na 2ª posição	882/2869= 30,7%	0,116
Substantivo como núcleo na 3ª posição	83/288= 28,8%	0,099
Categoria substantivada como núcleo na 2ª posição	44/115= 38,3%	0,147
Categoria substantivada como núcleo na 3ª posição	09/17= 52,9%	0,270
Determinante posposto ao núcleo	3/18= 16,7%	0,162
Adjetivo posposto ao núcleo na 2ª posição	21/35= 60%	0,232
Adjetivo posposto ao núcleo nas demais posições	27/128= 21,1%	0,168
TOTAL	**3873/6313= 61,3%**	
RANGE	**84**	

Diante da atual configuração dos resultados, observamos que os dados mais à esquerda do núcleo, independente da classe, favorecem a concordância. Podemos notar que os dados antepostos ao núcleo do sintagma nominal são, em sua maioria, determinantes: artigos, pronomes e quantificadores. Contudo, percebemos que há diferença a depender da posição anterior ao núcleo ocupada pelo determinante. Vemos que quando esses se encontram na segunda posição, o peso relativo diminui, embora continuem a favorecer a marcação de número do vocábulo em análise. Essa tendência de marcação dos termos mais à esquerda é compartilhada pelos adjetivos, com 0,764 de peso relativo.

Entre os elementos nucleares, como dito, observamos que os substantivos, na posição de núcleo mais à esquerda, são categoricamente marcados. Por outro lado, os substantivos mais à direita desfavorecem a aplicação da regra. Os vocábulos de outras classes gramaticais – pronomes, adjetivos – exercendo a função de núcleo do sintagma nominal, são, ligeiramente, mais marcados na terceira do que na segunda posição. Contudo, não podemos afirmar que essa diferença é estatisticamente significante, com base no programa usado nessa pesquisa, pois esse não nos fornece automaticamente o teste de significância. Sabemos que em nível de tendência, não há alteração, ou seja, as categorias substantivadas, ocupando a segunda ou terceira posição do sintagma, desfavorecem a aplicação da regra.

Dentre os vocábulos pospostos, a classe dos adjetivos apresenta-se em maior número, encontramos 163 casos de vocábulos desses pospostos ao núcleo. Entre os determinantes, foram observados apenas 18 dados. Vejamos:

1. muito amigas **minhas**
2. os coleguinha **meu**... do
3. que uns colega **meu** eles...
4. muitos colega **meu** tomou
5. duas tia **minha** e::
6. dois colegas **meus** que
7. dois colega **meu** só
8. as professora **minha** era
9. as duas **minha** quando
10. as professoras **minhas** foram

11. é as leis **nossa**...
12. os dois irmão **meu**
13. as duas filha **minha**
14. os dois aluno **meu** ...
15. os ingrediente **todinho**
16. degradaram as áreas **toda**...
17. com essas mordomia **toda**
18. aquelas carga **toda**

Tomamos nota dos itens encontrados para que nosso leitor possa verificar que a mesma estrutura observada em Scherre (1988), para os determinantes pospostos, é também encontrada nos dados de Santa Leopoldina: núcleo + pronome possessivo, em sua maioria. Dessa forma, podemos afirmar que, no que tange a variável posição e classe, as diferenças entre o português falado em Santa Leopoldina e Rio de Janeiro/1980 são de ordem quantitativa e não qualitativa. Isso significa que o ambiente linguístico em que a variação ocorre é similar nessas duas regiões. Retomaremos essas e outras questões em linhas à frente, na seção de elaboração do estudo comparativo dos dados.

b) Saliência fônica

Quanto à saliência fônica temos a seguinte configuração:

TABELA 12
Efeito da Variável Saliência Fônica no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES

Fatores analisados	**Percentagem**	**Peso relativo**
Duplos (paroxítonos) – *ovinho/ovinhos*	17/42=40,5%	0,659
-l (oxítono ou paroxítono) – *principal/principais*	43/84=51,2%	0,765
-ão (oxítono) – *exceção/exceções*	12/42=28,6%	0,539
-R (oxítono ou paroxítono) – *lugar/lugares*	51/127=40,2%	0,604
-S (oxítono)– *português/portugueses*	26/56= 46,4%	0.688
Vez em “as vezes”	124/211= 58,8%	0.724
Vez nas demais expressões	60/106= 56,6%	0.697
Regular oxítono – *café/cafés*	204/285=71,6%	0,615
Regular proparoxítono– *república/repúblicas*	42/118=35,6%	0,511
Regular paroxítono – *campo/campos*	3294/5242=62,8%	0,469
TOTAL	**3873/6313=61,3%**	
RANGE	**29**	

Observe que, nessa codificação inicial, contávamos com: (i) um fator para os itens em –s, (ii) outro para o termo *vez* na expressão *às vezes*, e, ainda, (iii) um outro para o termo *vez* nas demais expressões. Vejamos o exemplo:

Exemplo (15):

Entrevistador: ah... mas é bom... né?
Informante: é... teve um ano aí que foi muita gente aí... a gente passa vergonha **às vezes**... muita gente ri da gente...mas se diverte bastante..
E: e quem foi o seu par... da sua sala mesmo..?

Inf: foi não... eu dancei **poucas vezes** com um menino da sétima série... ele me chamou para dançar... eu dancei... a... agora... é A. M. ... A. M. o nome dele... é conhecido como M. ... aí dancei com ele...

(fem, fund 02, 12anos)

Adotamos essa postura para termos o real efeito dos termos em –*s* e do item *vez*, separadamente. Isso porque em pesquisas anteriores, como a de Guy (1981), essa mesma perspectiva metodológica fora usada, em decorrência da alta variabilidade de "às vezes". Em virtude da instabilidade no uso dessa expressão nos dados de Scherre (1988, p. 74), a linguista optou por desconsiderar o termo *vez*, na expressão *às vezes*. Dessa forma, decidimos partir de uma codificação mais ampla para percebermos o comportamento desse item lexical.

Essa codificação mostrou um comportamento similar entre (i) os termos em –s, (ii) o item *vez,* na expressão "às vezes", e (iii) o item *vez,* nas demais expressões. Observe que, em termo de percentagem, há uma ligeira diferença: 46,4%, 58,8% e 56,6%, respectivamente. Os itens em –s têm menos probabilidade de serem marcados no português falado em Santa Leopoldina. Contudo, quando analisamos esses fatores por meio dos pesos relativos gerados pelo programa, notamos que seguem a mesma tendência, favorecendo o processo de marcação do plural, com 0,688, 0,724 e 0,697 de peso relativo, respectivamente.

Dessa forma, optamos por unir esses fatores em nova rodada, a qual nos proporcionou os seguintes resultados:

TABELA 13
Efeito da Variável Saliência Fônica no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES

Fatores analisados	**Percentagem**	**Peso relativo**
Duplos (paroxítonos) – *ovinho/ovinhos*	17/42=40,5%	0,659
-l (oxítono ou paroxítono) – *principal/principais*	43/84=51,2%	0,765
-ão (oxítono) – *exceção/exceções*	12/42=28,6%	0,540
-R (oxítono ou paroxítono) – *lugar/lugares*	51/127=40,2%	0,604
-S (oxítono)– *português/portugueses*	210/373=56,3%	0,702
Regular oxítono – *café/cafés*	204/284=71,6%	0,615
Regular proparoxítono– *república/repúblicas*	42/118=35,6%	0,511
Regular paroxítono – *campo/campos*	3294/5242=62,8%	0,469
TOTAL	**3873/6313=61,3%**	
RANGE	**29**	

Observamos que os itens em –s, como esperado, ainda continuam como favorecedores da presença da marcação de plural. Acerca do Princípio da Saliência, Scherre (1988), retomando o postulado de Lemle e Naro (1976), esclarece que esse “consiste em estabelecer que as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes” (p. 64). Dessa forma, podemos afirmar, nos termos de Scherre (1988), que os vocábulos mais salientes são aqueles que sofrem grandes alterações fônicas na passagem do singular para o plural (principal/principais, por exemplo), e os menos salientes, aqueles que sofrem pouca alteração no material fônico (casa/casas).

Observe que o comportamento dos vocábulos irregulares - os metafônicos (ou duplos) e os terminados em –l, -r e –s - segue a mesma tendência, ou seja, esses itens são favorecedores da marcação de plural. O que chama nossa

atenção é o peso relativo dos vocábulos terminados em –ão, de 0,540. Esses termos são, *a priori,* irregulares sendo assim, seguindo essa lógica, seu comportamento deveria se assemelhar ao dos demais termos dessa categoria.

Além disso, se tivermos em mente o conceito de Scherre (1988), podemos cogitar a ideia de que esses termos são duplamente salientes, pois são oxítonos. Scherre (1988) defende que a pluralidade dos termos oxítonos é mais perceptível que a dos proparoxítonos e paroxítonos, por ser a sílaba tônica que recebe a marcação – ao expor essa proposição, a linguista refere-se aos termos regulares, contudo, consideramos possível estender essa postulação aos irregulares em –ão, mesmo que a título de hipótese.

Sendo assim, os termos em –ão deveriam ser mais marcados, por serem, em sua totalidade, oxítonos e sofrerem grandes alterações silábicas, no caso dos irregulares. Entretanto, entre os irregulares, esses vocábulos são os que apresentam o peso relativo mais baixo. Façamos uma lista com todas nossas ocorrências de itens em –ão, esclarecemos que os sintagmas dispostos de 01 à 12 apresentam apenas vocábulos marcados, enquanto os de 13 à 42, os não marcados:

1. das últimas **traduções** que
2. levei muitas **atenções**
3. as **mansões**
4. e as **orações** né?
5. as **condições** financeiras iguais
6. aquelas **regiões** assim
7. mas... a **condições** que
8. as **informações** com
9. de algumas **exceções** de
10. várias **posições**..
11. nas **celebrações** ho::je
12. muitas **opções** né?

13. os **leão** vez e vão

14. dá um montão de **lição**
15. em cima dos **caminhão** com
16. um monte de **poluição**
17. por causa das **confusão**
18. fala nas **reunião**....
19. um monte de **injeção**
20. as **visão** pra
21. eu vi muitas **situação**...
22. o nordeste aqueles **região**...
23. primeiro as **obrigação**
24. os **limão**::
25. com as outra **religião**
26. as outra **religião** não
27. as **televisão**
28. eu sempre todas as **reunião** raramente
29. procuro tá nas **reunião**...
30. hoje muitas **religião** que
31. tem muitas **religião** que
32. tem muitas **religião** que (2ª ocorrência)
33. nas **televisão** né?
34. nesses **alemão** aí..
35. cima desses **alemão**:::
36. aí os **peão** bebia
37. dos **peão**... eles
38. fazia os **pão**
39. dentro dos **padrão** né?
40. nas **reunião**
41. nas **reunião** (2ª ocorrência)
42. nesses **morrão** aí..

Scherre (1988) afirma que isso pode ser justificado pelas várias formas de marcação do plural aceita pelos termos em –ão: *avião/aviões, pão/pães*, e ainda, o regular, *irmão/irmãos*. A linguista aponta ainda que alguns itens podem receber as três marcações, como no caso de: *anciãos/anciões/anciães*. Dessa

forma, em decorrência da incerteza de qual terminação usar, o falante opta pela não aplicação da regra. Scherre (1988) ressalta que se pode “imaginar que esteja ocorrendo um processo de regularização, e, uma vez que os itens são regularizados, eles são pouco marcados, como todo e qualquer regular” (p. 124).

No caso dos regulares, observamos o favorecimento da regra por parte dos oxítonos, alinhando-se a postulação de Scherre (1988), que aponta para saliência dos oxítonos, em virtude da tonicidade. Nessa linha, poderíamos pensar que as palavras paroxítonas seriam mais marcadas do que as proparoxítonas, pois a sílaba que receberá a marcação de plural é imediatamente posterior à tônica. A princípio, nossos resultados apontam para essa tendência, note que, percentualmente, os termos paroxítonos (62,8%) são mais marcados que os proparoxítonos (35,6%). Contudo, os pesos relativos dessas ocorrências demonstram que os termos paroxítonos e proparoxítonos recebem marcação em mesmo nível pelos falantes, em 0,469 e 0,511.

Scherre (1988) destaca que os proparoxítonos e oxítonos têm característica comum de serem mais marcados, pois se apresentam em menor número na língua, que contém, predominantemente, palavras paroxítonas. Isso é observado quantitativamente em nossos dados, uma vez que nossa amostra conta com 6313 ocorrências, sendo que dessas 5242 são paroxítonas regulares, 284 são oxítonas regulares, e apenas, 118 são proparoxítonas. Contudo, essa tendência de marcação não é observada entre os proparoxítonos.

Paralelamente a essa noção de saliência, motivada pela frequência de determinados vocábulos na língua, como no caso dos oxítonos, em nossos dados, decidimos investigar a aplicabilidade dessa tendência entre os termos em –l e o item léxico *Real*. Nossa hipótese inicial era de que, sendo a palavra *real* parte do cotidiano do falante, por ser a designação de nossa moeda nacional, seria, portanto, menos marcada, assim como os paroxítonos, em termos de tonicidade.

Para formulação dessa hipótese, nos baseamos nas postulações de Bybee (2003), que analisa a frequência como um elemento a ser considerado no processo de gramaticalização. A linguista afirma que o estudo do papel da frequência em processos de gramaticalização deve ser cuidadosamente observado, pois ora a frequência seria condicionante para preservação de formas canônicas, em fenômenos morfossintáticos; ora seria um fator preponderante para o surgimento de novas formas, em processos fonológicos.

É válido esclarecer que não percebemos o processo de variação de marcação de plural como uma mudança em curso no português falado na zona rural de Santa Leopoldina. E ainda, não vislumbramos esse fenômeno como relacionável ao processo de gramaticalização. Entretanto, consideramos que algumas das postulações de Bybee (2003) podem ser aplicadas a este estudo. Além disso, julgamos interessante situar o nosso leitor da teoria à que nos referimos.

Segundo a linguista:

> Este levantamento das mudanças que ocorrem na gramaticalização revelou que a repetição afeta a semântica e a fonologia [do vocábulo], promovendo a mudança, em particular, a mudança redutora, e a repetição afeta a morfossintaxe [da palavra], garantindo a retenção de característica mais antigas (p. 621 – tradução nossa [adaptado])[31]

Bybee (2003), ao dissertar sobre a redução fonológica, retoma os postulados instaurados por Fowler e Housum (1987), os quais defendem que a primeira realização de uma palavra em um discurso é feita pausadamente. As demais ocorrências são proferidas com maior agilidade e dinamismo, pois se espera que o leitor relacione essa nova realização do vocábulo com a anterior. Dessa forma, o falante pode ser menos explícito quanto à articulação da palavra.

---

[31] Texto original: "This survey of the changes that occur in gramaticalization has revealed that repetition affects semantics and phonology by promoting change, in particular, reductive change, and that repetition affects morphosyntax by ensuring the retention of older characteristic" (p. 621).

Na fase de coleta de dados, motivávamos o aparecimento de situações propícias para que o vocábulo *real* emergisse. Vejamos esse artifício nos excertos a seguir:

Exemplo (16):

Entrevistador - mas duzentos pés não é muito não?

Informante - não.

E - é pouquinho?

Inf - pouquinho nem muito, é mais ou meno. Esse ano vai dar uns dois saco pilado, vai dar **uns seiscentos real**.

E - nossa, mas é muito.

Inf - mas aí quando carregar, quando tudo carregar, mas agora não, esse ano vai dar **uns cento e oitenta real**, que só tá carregando esse daqui, e aquele lá em baixo um pouquinho, aí aquele lá ano que vem vai carregar bastante, aí daqui dois ano... aquele lá do outro lado... café novo que vai carregar também.

(masc, fund 01, 12 anos)

Exemplo (17):

E - e aí... você vende isso que você faz ? Tem um lugar ..ou...

Inf - olha tem é... até mesmo as toalhinha ..assim...toalhinha pequenininha ...

E - uhum..

Inf - que é as... faz o nome direitinho... faz o ponto em cruz... vende... Vende **a dez reais**...

(fem, fund 02, 22 anos)

Pudemos comprovar nossa hipótese a partir de uma nova rodada de nossos dados, na qual controlamos o item *real* isolado dos demais termos em –l. Observamos os seguintes resultados, expostos na tabela 14:

TABELA 14
Efeito da Variável Saliência Fônica no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES – codificação do item léxico *real* separado dos demais termos terminados em -l

Fatores analisados	**Percentagem**	**Peso relativo**
Duplos (paroxítonos) – *ovinho/ovinhos*	17/42= 40,5%	0,663
Item léxico *real*	14/30= 46,7%	0,672
-l (oxítono ou paroxítono) – *principal/principais*	29/54= 53,7%	0,826
-ão (oxítono) – *exceção/exceções*	12/42= 28,6%	0,542
-R (oxítono ou paroxítono) – *lugar/lugares*	51/127= 40,2%	0,604
-S (oxítono)– *português/portugueses*	210/373= 56,3%	0,701
Regular oxítono – *café/cafés*	204/285= 71,6%	0,615
Regular proparoxítono– *república/repúblicas*	42/118= 35,6%	0,512
Regular paroxítono – *campo/campos*	3292/5242= 62,8%	0,469
TOTAL	**3873/6313= 61,3%**	
RANGE	**36**	

Comparando esses resultados aos obtidos anteriormente, percebemos que não houve grande alteração nos pesos relativos dos demais fatores. Quanto aos termos em –l, notamos um ligeiro aumento no peso relativo 0,829. Por outro lado, o item léxico *real*, embora favoreça a aplicação da regra, tem uma frequência corrigida menor que a dos vocábulos em –l, 0,672. Frisamos que, a nosso ver, essa configuração de resultados é motivada pela frequência de ocorrência do vocábulo *real* na língua ou, ao menos, por ser um elemento do cotidiano dos brasileiros, em geral, e, no caso dos leopoldinenses, em especial, aqueles que comercializam seus produtos na CEASA.

c) Marcas Precedentes

Outra variável analisada, como exposto anteriormente, foi *marcas precedentes*, que se mostrou muito relevante na tentativa de sistematizar o processo de marcação de plural em pesquisas anteriores, como Scherre (1988). Observemos o efeito dessa variável no português falado na zona rural de Santa Leopoldina:

TABELA 15
Efeito da Variável Marcas Precedentes no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES

Fatores analisados	**Exemplos**	**Percentagem**	**Peso relativo**
1. Sintagma preposicionado precedente	uma porção de **fotos** (fem, fund1, 23 anos) um monte de **galho** aí (fem, fund2, 33 anos)	03/67= 4,5 %	0,134
2. Numeral precedente	cinco **horas** da (masc, fund1, 40 anos) só dois **ferro** assim (fem, fund1, 66 anos)	189/581= 32,5%	0,526
3. Apenas uma marca (em –s) precedente à 1ª posição	juntar as **amigas** (fem, fund2, 12 anos) as **menina** que (fem, fund2, 22 anos)	861/2494= 34,5%	0,526
4. Duas ou mais marcas (em –s) precedentes às 2ª,3ª e 4ª posições	pros meus **pais**... (masc, fund1, 40 anos) as minhas **amiga** (fem, fund2, 12anos)	70/130= 53,8%	0,784
5. Mistura de marcas precedentes às 2ª, 3ª e 4ª posições	pras oito **horas**... (fem, fund1, 8anos) uns cinco **ano** (fem, fund1, 66 anos)	52/210= 24,8%	0,484
6. Zero imediatamente precedente às 3ª e 4ª posições	as minha **melhores** (fem, fund2, 12anos) uns menino **bagunceiro** (fem, fund1, 15 anos)	04/115= 3,5%	0,047
TOTAL		**1179/3597= 32,8%**	
RANGE		**74**	

O *range* dessa variável é bem elevado, 74 pontos, se comparado ao das demais, o que nos possibilita afirmar que o contexto de marcas em que o elemento analisado se encontra inserido, é importante para determinar se esse vocábulo receberá ou não a marca pelos leopoldinenses. Observe que o

número total de dados dessa variável é inferior ao das rodadas anteriores. Justificamos esse fato por termos substituído o fator *ausência*, que contava com 2716 dados, pelo fator *não se aplica* (*/*). Dessa forma, esses itens não foram contabilizados na análise dessa variável. Lembramos que *ausência* se refere aos elementos na primeira posição não antecedidos por marcas fora do sintagma nominal.

Essa postura foi adotada por percebermos que esses elementos já estavam sendo controlados na variável *posição linear e relativa*, por meio do fator "elementos na primeira posição do sintagma nominal não nuclear". Com esse recorte metodológico evitamos a sobreposição desses fatores e suas respectivas variáveis. Observe a contabilidade desses fatores, *ausência* e *elementos na primeira posição do sintagma nominal não nuclear*, na análise quantitativa inicial:

TABELA 16
Paralelo entre os fatores *ausência* e *elemento na primeira posição anterior ao núcleo*

Fatores analisados	**Variáveis analisadas**	**Total de ocorrências**
Ausência	Marcas precedentes	2694/2716= 99.2%
Elemento na primeira posição do SN não nuclear	Posição linear e relativa	2694/2716= 99.2%

Note que as percentagens apontam para um efeito semi-categórico, em que a grande maioria dos elementos na primeira posição é marcada. Além disso, retiramos os casos do fator *zero*, ou seja, os de elementos precedidos apenas por zeros no SN. Esses foram eliminados de nossa análise por estarem em número reduzido. Encontramos um total de 12 (doze) dados, sendo apenas 01 (um) não pluralizado. Vejamos:

1. o **terceiro** anos... (masc, fund 01, 52 anos)
2. o terceiro **anos**... (masc, fund 01, 52 anos)
3. o **meus** ano (fem, fund 01, 8anos)
4. a **minhas** atividades (fem, fund 02, 11 anos)

5. pro **nossos** filho (masc, fund 02, 12 anos)
6. do **meus** parente (fem, fund 01, 15 anos)
7. boa pro **meus** filho (fem, fund 01, 48 anos)
8. dedicada pro **meus** filho (fem, fund 01, 48 anos)
9. na **minhas** mão (fem, fund 01, 48 anos)
10. do **meus** olhos (fem, fund 01, 72 anos)
11. do **meus** pai (fem, fund 01, 72 anos)
12. pro **meus** filho (fem, fund 01, 72 anos)

Como é possível observar nos itens relatados acima, encontramos apenas um item na terceira posição antecedido por zero nas duas posições anteriores, ou seja, a marca ocorreu apenas no item analisado. Os demais termos têm a mesma estrutura, são possessivos na segunda posição antecedidos por zero e marcados quanto à pluralidade. Essa, como relatado anteriormente, foi uma regularidade também observada por Scherre (1988).

Quanto aos dados dispostos na tabela 16, nossos resultados alinham-se ao observado na pesquisa de Scherre (1988), em que os dados de crianças e adultos foram codificados separadamente, e também na de Scherre (1998), em que todos os falantes foram agrupados. Neste capítulo, nos limitaremos a expor as regularidades observadas em nossa amostra, trataremos da correlação com os dados de Scherre (1988 e 1998) em seção específica, no capítulo 07.

Nossos resultados apontam que, para o falante leopoldinense, não há diferença entre marca morfológica em um elemento precedente ou numeral, uma vez que esses itens apresentam o mesmo peso relativo de 0,526. Além disso, a percentagem de marcação entre esses fatores é similar, tendo diferença de apenas 2%.

Quando o elemento analisado é antecedido por mais de uma marca morfológica de plural, o peso relativo é elevado para 0,784. Na escala de nossos resultados, vemos que esse é o fator mais favorecedor a aplicação da regra. Diante disso, podemos afirmar, assim como em Poplack (1980), que

marcas favorecem a marcas no sintagma nominal. Em estruturas em que há a mistura de marcas, por exemplo, a presença de um numeral e uma marca regular de plural, o peso relativo decai para 0,484. Esses elementos situam-se, portanto, em um nível intermediário de marcação de plural, tomando como base os demais fatores.

Quanto aos sintagmas preposicionados, vale mencionar que, em Scherre (1988 e 1998), esses dados foram divididos em dois fatores: (i) núcleo do sintagma mais alto com marca formal de plural ou seguido por elemento marcado, como em "milhões de *coisa"*[32], e (ii) núcleo nominal sem marca ou acompanhado de elemento não marcado, como "um grupo de criança *abandonada".* Em nossos casos, essa subdivisão não foi possível, em virtude da pouca quantidade de dados que obtivemos, contabilizamos um total de 67 sintagmas preposicionados. Além disso, não encontramos sintagmas preposicionados com marca formal de plural no sintagma mais alto, do tipo "milhões de coisa".

Em nossa amostra, as estruturas comuns dos Spreps são do tipo: *um grupo de, uma porção de, um monte de*. Encontramos três casos um pouco diferentes, esses são elencados abaixo:

1. **Aqueles monte de** cara (fem, fund 02, 19 anos)
2. **Uns monte de** cantor (fem, fund 02, 28 anos)
3. **Os seus grupo de** criança (fem, fund 01, 72 anos)

Observe que esses casos de marcação se diferem dos obtidos por Scherre (1988). Em sua pesquisa, a linguista obteve estruturas como "milhões de coisa", em que os termos componentes do sintagma preposicionado possuíam a marcação. Em nossos dados, são os adjuntos do sintagma nominal que recebem a marca. Note que os elementos marcados são *não nucleares antepostos*, ou seja, seguem a tendência dos termos nessa posição. Esses elementos foram agrupados aos demais em decorrência de sua pouca quantidade, o que não nos permite dissertar sobre quaisquer regularidades.

---

[32] Neste trecho, usamos os exemplos citamos em Scherre (1988).

Obtivemos uma ocorrência em que o elemento posterior ao sintagma mais alto era um numeral, assemelhando-se a estrutura “um grupo de crianças abandonada”, pelo fato de possuir marca de plural no elemento sequente ao Sprep. Essa estrutura, Sprep + elemento nominal marcado, foi agrupada por Scherre (1988) aos sintagmas mais altos marcados. Vejamos:

1. um grupo de **sete** pessoa (fem, fund 02, 54 anos)

Pelo fato de termos encontrado apenas um dado com essa estrutura, optamos por analisá-lo junto aos demais. A nível de informação complementar, apresentamos os 03 (três) vocábulos marcados no sintagma preposicionado, de um total de 67 (sessenta e sete) ocorrências. Vejamos:

1. uma porção de **fotos** (fem, fund 01, 23 anos)
2. grupo de **amigos** (fem, fund 02, 54 anos)
3. grupo de **pessoas** (masc, fund 01, 52 anos)

A seguir, estabelecemos uma breve[33] reflexão desse fator, considerando os dados de Scherre (1988):

TABELA 17
Breve comparação dados do Rio de Janeiro/80 e Santa Leopoldina/12-13

Fatores analisados	**Rio de Janeiro/1980** (Scherre, 1988)				**Santa Leopoldina**	
	Adultos		**Crianças**		**Todos os falantes**	
	(%)	**PR**	**(%)**	**PR**	**(%)**	**PR**
Sprep com marca	11/16= 69%	0,71	1/1= 100%	----	----	----
Sprep sem marca	68/177= 38%	0,34	14/80=17%	0,28	03/67=4,5%	0,13

Scherre (1988) destaca que no sintagma preposicionado com marca, os adultos favorecem a aplicação da regra, com 0,71, e as crianças contam com

[33] Dizemos “breve”, pois esses dados serão retomados em maior detalhe no capítulo 08, o qual é destinado ao estudo comparativo entre Santa Leopoldina, Rio de Janeiro e Vitória.

apenas um elemento, sendo esse marcado. Nos sintagmas preposicionados sem marca, adultos e crianças seguem a mesma tendência de desfavorecimento a aplicação da regra com valor 0,34 e 0,28, respectivamente. Assim, como observado em Scherre (1988), nossos dados também apontam para o desfavorecimento da marcação em sintagmas preposicionados sem marca, visto que esse fator obteve 0,134 de peso relativo.

Em análise dos Spreps com e sem marca, Scherre (1988, p. 207) conclui que "não é simplesmente o Sprep que desfavorece a aplicação da regra [...], mas sim o Sprep0(0)", ou seja, aqueles sem marca. Por enquanto, a atual configuração de nossos dados não nos permite dissertar acerca dessa diferenciação, uma vez que não contamos com Spreps marcados ou com elemento posterior com marca em número razoável para serem sistematizados.

Até o presente momento, nossos resultados corroboram com a hipótese de Poplack (1980), de a presença de zeros no SN levar a outros zeros. Essa tendência é reafirmada pelas percentagens e probabilidades obtidos através do fator *zero imediatamente precedente às 3ª e 4ª posições*. Esses dados são desfavorecedores a aplicação da regra, com peso relativo de 0,047. Vemos que de 115 dados apenas 04 são marcados, o que configura uma percentagem de 3,5%. No capítulo destinado ao estudo comparativo entre Santa Leopoldina, Vitória e Rio de Janeiro, retomaremos esses resultados ao efetuarmos um paralelo com a capital carioca. É válido lembrar que a pesquisa de Silva (2011), com dados de Vitória, não controlou essa variável.

d) Grau de Formalidade dos Substantivos

A quinta variável selecionada foi a formada a partir da amalgamação de duas variáveis *animacidade dos substantivos* e *grau e formalidade dos substantivos e adjetivos.* Inicialmente, orientamos nossa análise a partir do observado por outros estudiosos, como Scherre (1988), ou seja, a princípio, codificamos essas variáveis em separado. Contudo, nossos dados produziam rodadas sem

convergência, inclusive a rodada geral. Percebemos, por fim, que se retirássemos uma das variáveis citadas, a convergência era obtida. Dessa forma, concluímos que havia sobreposição, em algum grau, entre essas variáveis. Assim, amalgamamos essas em um grupo maior. Apresentaremos, a seguir: (i) os primeiros resultados obtidos, anteriores à amalgamação, e, (ii) posteriormente, mostraremos os obtidos com a união das dessas variáveis.

Quanto ao *grau e a formalidade dos substantivos e adjetivos*, Scherre (1988) destaca que os termos com menor formalidade léxica aparecem em situações de menor pressão social. Dessa maneira, imagina-se que esses itens sejam menos marcados. Lembramos que nossos dados foram divididos em: (i) grau diminutivo ou aumentativo – mais informais; (ii) grau normal – mais informais (iii) grau normal – menos informais. Vale ressaltar que a nomenclatura proposta para o grupo 03, não visa estabelecer um contraponto entre formalidade e informalidade, ou seja, esses itens não são necessariamente formais. Afirmamos apenas que eles não são, a princípio, informais. Vejamos alguns novos exemplos desses itens para facilitar o entendimento dessas definições ao nosso leitor:

Exemplo (18) - *grau diminutivo ou aumentativo (mais informais):*
Entrevistador - Uh... Mais o quê?
Informante - Torta, tem vez. Quando vai umas **festinhas**, quando tem festinha.
E - Festinha de quê que tem lá?
Inf - Quando é... quando nós dança quadrilha... aí tem merenda.
E - Ah. E me fale mais da quadrilha.

(fem, fund 01, 08 anos)

Exemplo (19) - *grau normal (mais informais):*
Entrevistador: então tá... O que vocês cultivam lá na sua casa?
Informante: ah... Assim meu pai ele vai para Ceasa... então ele pega... é... Aipim... Banana dos **outros**... pra poder ir para CEASA lá...
[...]
Inf: antes tinha... agora como construíram outras **coisas**... assim... agora tem pouco espaço.

E: é... construíram o quê lá?

Inf: é... como foi... Eles reformaram na verdade... é... construíram um... esqueci a palavra agora... garagem... aí construíram outra garagem....

E: maior...

Inf: é... [inint] melhor... maior...melhor tanto faz assim....as **coisas**...é ..aonde... um galinheiro... sabe... É... Um galinheiro, sabe? Pegaram [inint] e trocaram de lugar... aí era um espaço menorzinho pra poder [inint] .....

(fem, fund 02, 12 anos)

Exemplo (20) - *grau normal (menos informais):*

Informante: sim... eu acho que **serviço** esforçado... não... **mulher** não faz **serviço** esforçado...

Entrevistador: uhum..

Inf: pra mim... pra mim... essas coisa são dividido... **mulheres** faz as coisa leves... e os **homens** as coisa mais pesada.

E: aham..

Inf: igual trabalhar na roça... pra **homem**... e trabalhar em **casa** assim pra **mulheres**...

(masc, fund 02, 12anos)

Nossos resultados seguem a mesma tendência dos obtidos por Scherre (1988), os itens mais informais têm peso relativo inferior aos que menos informais. Vejamos:

TABELA 18
Efeito da Variável Grau e Formalidade dos Substantivos e Adjetivos no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES

Fatores analisados	**Percentagem**	**Peso relativo**
1. Grau diminutivo ou aumentativo – mais informal	23/155= 14,8%	0.317
2. Grau normal – mais informal	98/495= 19,8%	0.411
3. Grau normal – menos informal	782/2494= 31,4%	0.530
TOTAL	**903/3144= 28,7%**	
RANGE	**21**	

A partir da análise da ordenação interna dos fatores, podemos observar um leve favorecimento a aplicação da regra pelos termos de grau normal menos informais. Os termos de grau normal mais informais encontram-se em um ponto intermediário de marcação. Por outro lado, os diminutivos e aumentativos desfavorecem a marcação dos vocábulos nominais. Atribuímos o baixo resultado dos itens com variação de grau - diminutivos e aumentativos - à natureza desses termos que, *a priori,* denotam afetividade ou pejoratividade, como atestam as gramáticas normativas, ou seja, geralmente, apresentam-se em contextos tipicamente informais.

O *range* dessa variável, de 21 pontos, não é nada desprezível, embora não represente uma força de restrição tão vigorosa como a de outras variáveis linguísticas, a exemplo da *posição relativa e linear*, com 88 pontos de *range*, respectivamente. Ou seja, o efeito da variável *grau e formalidade léxica* é relevante no momento de aplicação da marcação do plural, no falar leopoldinense, ainda que com efeito menos poderoso que as demais variáveis linguísticas.

e) Animacidade dos Substantivos

Para análise da variável animacidade dos substantivos, nossos dados foram subdividimos em quatro categorias:

(i) [- humano] e [- animado];
(ii) [- humano] e [+ animado];
(iii) [+ humano] e [- coletivo];
(iv) [+ humano] e [+ coletivo].

Lembrando, como dito, que a categoria [+ humano] e [+ coletivo] foi retirada de nossa rodada de peso relativo, por apresentar dados categoricamente não marcados quanto à pluralidade. Obtivemos onze ocorrências [+ humano] e [+ coletivo], citamos:

1) Era vários **grupo** [de crianças] né? (masc, fund1, 40 anos)
2) Tinha os seus **grupo** [de criança] (fem, fund1, 72 anos)
3) As **turma** [de crianças] de primeira (fem, fund1, 72 anos)
4) Era as três **turma** [de crianças] né (masc, fund1, 00 anos)
5) As quatro **turma** [de crianças] (masc fund1 00 anos)
6) As casas das **família** (fem fund2 54anos)
7) Pro aí as **família** né? (fem fund2 54anos)
8) As **família** na casa (fem fund2 54anos)
9) Aqui nas **comunidade**... (fem fund2 55anos)
10) Em quando tem as **comunidade**... (fem fund2 55anos)
11) Vem umas **banda** boa também (fem fund2 53anos)

De posse desses dados, podemos perceber que os termos são, em sua maioria, núcleos paroxítonos situados na segunda posição do sintagma nominal. Nossos dados da variável saliência fônica e posição linear e relativa apontam que esses itens, ou seja, os paroxítonos e também os vocábulos nucleares ocupantes da segunda posição, são menos sensíveis a marcação do plural, o que pode estar condicionando a ausência de marca nos itens listados acima.

Neste momento, contudo, não teceremos quaisquer conclusões acerca das motivações para o efeito categórico causado em estruturas do tipo: [+ humano] e [+ coletivo]. Consideramos que dispomos de poucos dados para estabelecermos inferências satisfatórias a esse respeito. Isso não inviabiliza um futuro retorno aos dados, após uma reflexão mais amadurecida da comunidade rural leopoldinense. Além disso, esperamos obter novos dados em próximas entrevistas.

Embasados nas postulações de Scherre (1988), esperávamos que os itens [+ humano] fossem mais marcados por serem mais salientes discursivamente, como aponta a autora. Dispomos nos resultados na tabela 19, a seguir:

TABELA 19
Efeito da Variável Animacidade dos substantivos no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES

Fatores analisados	**Percentagem**	**Peso relativo**
[- humano] e [- animado]	522/1911= 27,3%	0,510
[- humano] e [+ animado]	20/100= 20 %	0,289
[+ humano] e [- coletivo]	235/786= 29,9%	0,505
TOTAL	**7757/2797= 27,8 %**	
RANGE	**22**	

O *range* dessa variável mostrou-se próximo ao observado na análise de *grau e formalidade dos substantivos e adjetivos*, com 22 pontos. A atual configuração de resultados não nos permite afirmar que o traço [+ humano] seja preponderante para marcação de plural no falar leopoldinense, uma vez que as categorias *[- humano] e [- animado]* e *[+ humano] e [- coletivo]* apresentam resultados orientados para a mesma tendência. Ambos favorecem a

marcação, com 0,510 e 0,505 de peso relativo, se comparado à categoria [- humano] e [+ animado], com 0,289 de peso relativo.

A categoria [- humano] e [+ animado], portanto, desfavorece a marcação, tendo 20 dados marcados de um total de 100 ocorrências. Nesse fator, aparecem, predominantemente, espécies de animais pertencentes ao cotidiano da comunidade. Nossa hipótese é que o contato dos falantes leopoldinenses com esses elementos, em seu cotidiano, instaure certa intimidade com esses vocábulos. Propomos que essa intimidade se reflita na fala através da ausência de marcação de plural. A seguir, citamos exemplos de algumas de nossas ocorrências.

Exemplo (21):
Inf – Eu brinco de boneca ou eu brinco com bebezinho de brinquedo ou eu brinco lá fora quando num tá chovendo.
E – Você tem muito cachorro?
Inf – Eu tenho três **cachorros** e um gatinho... ele tá dormindo.

(fem, fund 02, 11 anos)

Exemplo (22):
E- é... lindo!
Inf – eu nem sabia... um dia eu tinha:: quatro... quatro **peixinho**... tinha a mãe e tinha outro... só que o outro comeu os **peixinho**... [riso]... ele ficou com as outra.

(fem, fund 01, 08 anos)

É válido destacar que a categoria [- humano] e [+ animado] também obteve baixo peso relativo. Vejamos o resultado dessa variável em Scherre (1988, p. 272), para os falantes adultos:

TABELA 20

Efeito da Variável Animacidade dos substantivos no processo de marcação de plural, dos falantes adultos, do Rio de Janeiro – dados de Scherre (1988)

Fatores analisados	**Percentagem**	**Peso relativo**
[- humano] e [- animado]	1966/3748= 52%	0,44
[- humano] e [+ animado]	22/61= 36%	0,33
[+ humano] e [- coletivo]	1192/1947= 61%	0,59
[+ humano] e [+ coletivo]	102/154= 66%	0,65

Scherre (1988) concluiu que a maior oposição presente na variável animacidade opera através do traço [+ humano] *vs* [- humano]. Assim, a linguista reorganiza seus dados de forma a partir de duas categorias [+ humano] *vs* [- humanos]. E válido lembrar que, em Scherre (1988, p. 272), os falantes foram estratificados em *crianças e adultos*, como mostra a tabela 21. Vejamos os resultados obtidos;

TABELA 21

Efeito da Variável Animacidade dos substantivos no processo de marcação de plural, de crianças e adultos, do Rio de Janeiro – dados de Scherre (1988)

Fatores analisados	**Falantes**			
	Crianças		**Adultos**	
	(%)	P.R	(%)	P.R
[- humano]	1988/3809= 52%	0,45	316/746= 42%	0,46
[+ humano]	1294/2101= 62%	0,55	165/397= 42%	0,54

Diante desses resultados, Scherre (1988) afirma que:

> Novamente os resultados correspondem à nossa expectativa lingüística: se o traço humano é considerado mais saliente, é de se esperar, dentro da linha geral do nosso trabalho, que os substantivos marcados positivamente com relação a este traço tenham mais marcas de plural (0,55/0,54) do que os com traço [-humano] (0,44/0,46), como mostram as probabilidades obtidas. (p, 272)

Em nossa amostra, diferentemente, observamos a oposição entre a categoria [-humano] e [+ animado] e as demais. Visando validar nossa hipótese, propomos uma nova rodada dos dados. Para isso, agrupamos os itens [- humano] e [- animado] com os [+ humano] e [- coletivo] e mantivemos inalterado o fator [- humano] e [+ animado]. A tabela 22 apresenta nossa intenção de evidenciar as discrepâncias entre as categorias [- animais] e [+ animais].

TABELA 22
Efeito da Variável Animacidade dos Substantivos no processo de marcação de plural no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES:
[- animais] *vs* [+ animais]

Fatores analisados	**Percentagem**	**Peso relativo**
Não animais: [- humano] e [- animado] [+ humano] e [- coletivo]	757/2697= 28,1%	0,507
Animais: [- humano] e [+ animado]	20/100= 20%	0,311
TOTAL	**777/2797= 27,8%**	
RANGE	**20**	

Observe que, percentualmente, não há grandes diferenças entre uma categoria e outra. Contudo, na análise dos pesos relativos nota-se que os itens *não animais* são favorecedores à aplicação da regra, se comparado ao fator *animais.* Imaginamos que a Lei da Frequência pode ser aplicada também nesta situação. Concluímos, portanto, que no contexto da comunidade rural de Santa Leopoldina, os substantivos designadores de animais são mais frequentemente usados se comparados à frequência de utilização dos demais substantivos, por serem aqueles elementos pertencentes à vivência dos falantes.

Assim, a frequência dos itens [- humano] e [+ animado], na fala cotidiana leopoldinense, aliada à relação de intimidade dos falantes com esses elementos, talvez esteja motivando a ausência de marcação. É interessante

destacar que algumas de nossas entrevistas foram realizadas por Camila Föeger, cidadã leopoldinense, o que poderia promover uma identificação entre entrevistado e entrevistador. Futuramente, pretendemos controlar o nível de marcação da fala dos informantes, em função da naturalidade do entrevistador, sendo este de Santa Leopoldina ou da Grande Vitória.

f) Amalgamação animacidade dos substantivos e *grau e formalidade léxica dos substantivos*

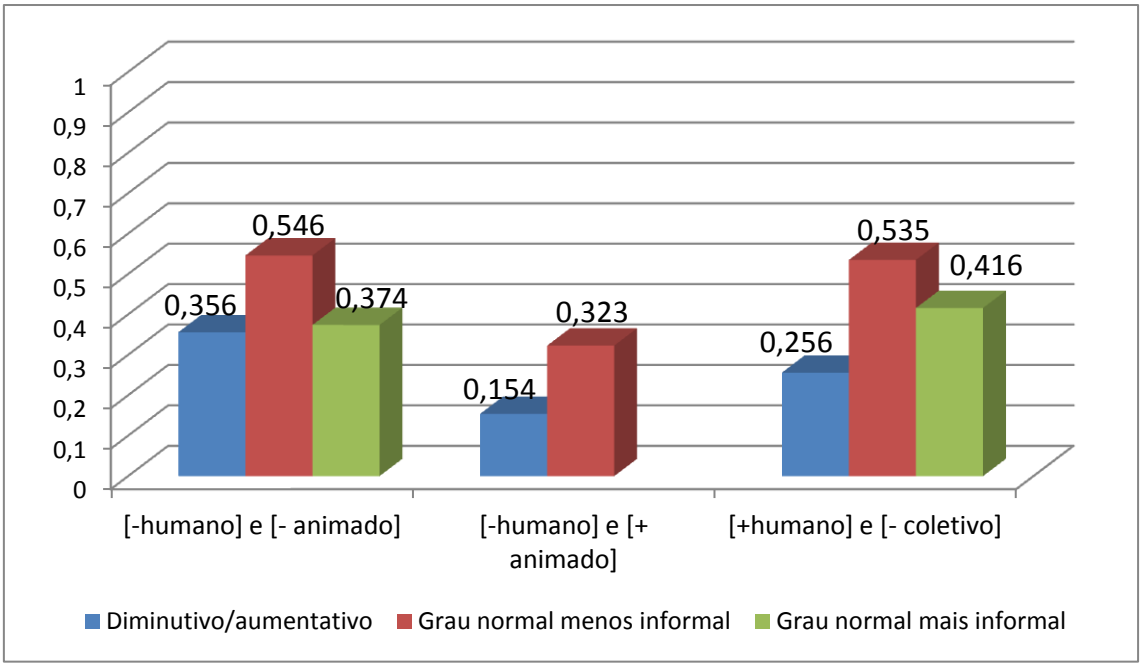
Ao amalgamarmos *animacidade dos substantivos* e *grau e formalidade léxica dos substantivos e adjetivos*, notamos um significativo aumento no *range,* para 40 pontos. Isso indica que essas variáveis agrupadas proporcionam uma força de restrição maior do que quando separadas. Os resultados obtidos encontram-se dispostos na tabela 23 e foram organizados em função do aumento do peso relativo.

TABELA 23
Amalgamação das variáveis Animacidade dos Substantivos e Grau e Formalidade Léxica dos Substantivos e Adjetivos

Fatores analisados	**Percentagem**	**Peso relativo**
[-humano] e [+ animado] e diminutivo/aumentativo mais informal	02/25= 7,4%	0,154
[+ humano] e [- coletivo] e diminutivo/aumentativo mais informal	01/10= 10%	0,256
[-humano] e [+ animado] e grau normal menos informal	18/72= 25%	0,323
[-humano] e [- animado] e diminutivo/aumentativo mais informal	20/105= 19%	0,356
[-humano] e [- animado] e grau normal mais informal	59/371= 15,9%	0,374
[+ humano] e [- coletivo] e grau normal mais informal	05/26= 19,2%	0,416
[+ humano] e [- coletivo] e grau normal menos informal	229/750= 30,5%	0,535
[-humano] e [- animado] e grau normal menos informal	443/1435= 30,9%	0,546
[-humano] e [+ animado] e grau normal mais informal	-----	----
TOTAL	**777/2796= 27,8 %**	
RANGE	**40**	

O número total de dados constantes nessa tabela é inferior ao apresentado na com *grau e formalidade léxica dos substantivos e adjetivos* anterior à amalgamação. Justificamos esse fato pela necessidade de se retirar dessa rodada os adjetivos, em decorrência da impossibilidade de controle da animacidade desses. Assim, obtivemos um total de 2796 dados, dos quais 777 foram devidamente marcados. Organizamos os dados obtidos no gráfico 06:

GRÁFICO 06
Amalgamação das variáveis Animacidade dos Substantivos e Grau e Formalidade Léxica dos Substantivos



Diante dos atuais resultados, podemos afirmar que nossa hipótese, de que os substantivos designadores de animais, em Santa Leopoldina, desfavorecem a marca de concordância plural, é consistente. Observe que independente do grau e formalidade léxica que possua, seja diminutivo/aumentativo informal, com 0,154, seja grau normal informal, com 0,323, esses termos, [- humano] e [+ animado] são menos marcados que os demais. Notamos que a maioria desses itens é empregada no grau normal informal, com 72 (setenta e duas) ocorrências.

Os vocábulos *[- humano] e [- animado] no diminutivo ou aumentativo*, com 0,356 de peso relativo, ou em *grau normal menos informal*, com 0,373, têm efeito semelhante, ambos desfavorecem a aplicação da regra. Quando esses estão em grau normal e são *menos informais*, concluímos, a partir da escala interna dos pesos, que favorecem a aplicação da regra, com 0,546. Observe que esse é o fator com maior índice de marcação.

Os itens [+ humano] e [- coletivo] *no diminutivo ou aumentativo* desfavorecem a aplicação da regra, com 0,256 de peso relativo. Os termos dessa categoria em

grau normal mais informal, relativamente, desfavorecem a marcação da concordância, com 0,416. Por outro lado, os itens *em grau normal menos informais* favorecem a marcação, com 0,535 de peso relativo.

Notamos que o comportamento dos termos [- humano] e [- animado] e [+ humano] e [- coletivo] em *grau normal e menos informais* têm comportamento semelhante com 0,546 e 0,535, respectivamente. Inferimos que esses itens seguem a mesma tendência, ou seja, favorecem a marcação da concordância. Diferentemente, *os itens em grau normal* e *menos informais* do fator [- humano] e [+ animado] desfavorecem a aplicação da marca, com 0,323 de peso relativo. Isso sustenta nossa hipótese do grau de intimidade desses elementos com a comunidade influenciar no processo de marcação.

Em outra fase de nossa pesquisa, observaremos se essa hipótese de a ausência de marcação, relacionada ao grau de intimidade do individuo com o elemento a ser flexionado, é aplicada a outros contextos da vida cotidiana dos leopoldinenses. Nossa intenção é perceber se essa mesma tendência de menos marcação é válida em trechos que relatam a forma de plantio dos alimentos cultivados em Santa Leopoldina, ou seja, se os vocábulos comuns a esses ambientes também são menos marcados, o que não foi possível observar no decorrer do mestrado, em decorrência do tempo exíguo desse.

7. COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS EM SANTA LEOPOLDINA COM OS OBTIDOS NO RIO DE JANEIRO (1980 E 2000) E EM VITÓRIA (2000)

Nesta seção faremos um estudo comparativo entre nossos resultados e os obtidos nos trabalhos de Scherre (1998) e Scherre e Naro (2006), que tratam a respeito do português falado no Rio de Janeiro, por meio de dados coletados na década de 1980 e 2000, respectivamente. E ainda, exporemos os resultados de Silva (2011), que trabalha com o português falado em Vitória, com base em dados coletados na década de 2000. Alguns resultados aqui apresentados foram obtidos através do arquivo pessoal dos professores Maria Marta Pereira Scherre e Anthony Julius Naro, o que será devidamente sinalizado no momento em que forem descritos.

Daremos início a esta parte de nossos estudos pelas variáveis extralinguísticas – sexo/gênero, escolaridade e faixa etária – em seguida, partiremos para análise das linguísticas – saliência fônica, posição linear e relativa e marcas precedentes. É válido mencionar que, em Vitória, o estudo sobre a aplicação da regra de concordância nominal se encontra em fase inicial, restrito ao Trabalho de Conclusão de Curso de Silva (2011). Dessa forma, na capital capixaba, no que tange às variáveis linguísticas, dispomos apenas dos resultados da saliência fônica - dividida de forma binária - e posição linear e relativa.

Outro fator válido de menção é o de que, em Scherre (1988), os falantes foram divididos entre “crianças” e “adultos”, o que inviabiliza uma comparação fidedigna com esses resultados. Portanto, para este estudo comparativo, utilizaremos os resultados apresentados pela autora em 1998. Neste texto, os dados de 1980 são retomados e os informantes adultos e criança agrupados na categoria *todos os falantes.* Esses foram estratificados em quatro faixas etárias: 7-14, 15-25, 26-49 e maiores de 49 anos. A linguista analisa o efeito das variáveis *posição linear e relativa* e *marcas precedentes* aliadas ao efeito da *escolaridade*. Portanto, frisamos, na composição deste estudo, utilizaremos,

na apresentação dos dados das variáveis *posição linear e relativa* e *marcas precedentes*, os resultados de Scherre (1998).

Scherre e Naro (2006), além de retomarem os dados de 1980, apresentam dados para o português do Rio de Janeiro em 2000. Os autores estabelecem uma comparação entre o efeito da variável saliência fônica nessas duas amostras. Dessa forma, neste estudo, apresentaremos os resultados de 1980 e 2000 obtidos por meio do estudo de Scherre e Naro (2006). Passemos, enfim, a apresentação do comparativo entre Santa Leopoldina, Vitória e Rio de Janeiro.

Quanto a variável gênero/sexo, observamos que os resultados encontrados em Santa Leopoldina seguem a mesma tendência dos obtidos no Rio de Janeiro, na década de 2000. Observemos a tabela 24 a seguir:

TABELA 24
Efeito da variável gênero/sexo na concordância nominal – dados de Santa Leopoldina/ES (2013), Rio de Janeiro (1980, 2000) e Vitória/ES (2000)

Gênero	**SL/2013**	**Rio/1980** (Scherre, 1998)	**Rio/2000** (Scherre & Naro, acervo pessoal)	**Vix/2000** (Silva & Scherre, 2013)
Feminino	0,54	0,58	0,55	0,43
Masculino	0,46	0,41	0,45	0,58
RANGE	**08**	**17**	**10**	**15**

Notamos que, em Santa Leopoldina e no Rio de Janeiro, nas décadas de 1980 e 2000, as falantes do sexo feminino tendem a favorecer a aplicação da regra de marcação, se comparamos seu comportamento linguístico ao dos homens. Em Vitória, Silva (2011) observou o inverso, as mulheres capixabas desfavorecem a aplicação da regra. A autora esclarece que:

> O sexo/gênero do falante foi a variável que nos causou maior surpresa, embora seja a variável com menor diferença entre os efeitos expressos em termos de pesos relativos. Nossos resultados contrariaram não apenas nossas expectativas, mas, também, os verificados em Scherre e Naro (1997), que revelaram as mulheres

> mais sensíveis à realização da concordância nos elementos do sintagma nominal e, ainda, os princípios gerais postulados por William Labov (1990) [...] considerando que a concordância nominal siga o parâmetro de mudança acima do nível de consciência (*change from above*), portanto, com forte estigma associado a não realização dessa concordância (Princípio Ia), as mulheres deveriam ter apresentado um índice de concordância nominal maior do que o verificado nos homens, o que não foi constatado em nossos resultados (p.12)

Silva (2011) afirma que ainda não possui conclusões acerca das motivações desses resultados. Neste ponto, apenas podemos afirmar que há diferenças no processo de marcação realizado por falantes leopoldinenses e capixabas, no que tange ao gênero dos informantes. Isso, possivelmente, pode ser justificado pelas particularidades dessas regiões. Contudo, para estabelecermos conclusões acerca das motivações desses resultados necessitaríamos de um estudo mais aprofundado da cultura capixaba, em paralelo à leopoldinense, o que não é possível neste momento, em decorrência do tempo exíguo do mestrado.

A respeito da variável escolaridade, as amostras aqui apresentadas diferenciam-se em alguns aspectos. Os falantes da amostra de Santa Leopoldina foram estratificados em ensino fundamental I e II, enquanto os do Rio de Janeiro, de 1980 e 2000, contam também com falantes do ensino médio. A amostra PortVix, de Vitória, apresenta ainda mais diferenças, pois os falantes foram estratificados em três fatores: ensino fundamental, médio e superior, o que inviabiliza a realização do estudo comparativo. Sendo assim, restringiremos nossa comparação aos resultados de Santa Leopoldina e do Rio de Janeiro. Frisamos que, futuramente, agregaremos à nossa amostra os falantes do ensino médio, o que permitirá uma analogia, mesmo que parcial, com os resultados de Silva (2011).

Quanto aos falantes do ensino superior não possuímos nenhuma expectativa de encontrá-los na comunidade rural de Santa Leopoldina, pois são raros os leopoldinenses que possuem esse nível de escolaridade e permanecem no município. Além disso, pudemos constatar, durante o período em que permanecemos na comunidade, que a maioria dos indivíduos graduados é

jovem que possui entre 18 e 30 anos, o que dificultaria o equilíbrio de nossa amostra, já que dispomos de falante com mais de 49 anos nos demais segmentos escolares.

Nossos resultados atuais não atestam grandes diferenças entre os falantes do ensino fundamental I e II, o que pode ser medido pelo *range* de 07 pontos obtido nessa variável. Ou seja, a variável escolaridade, em Santa Leopoldina, não é uma variável de forte restrição para aplicação da regra de número nominal, em especial se comparada aos *ranges* obtidos em outros grupos de fatores. Os *ranges* encontrados por meio da análise da escolaridade no Rio de Janeiro, 1980 e 2000, apontam que o efeito dessa variável é consideravelmente mais forte na capital carioca, com 19 e 63 pontos, respectivamente. Tomemos ciência dos resultados obtidos:

TABELA 25
Efeito da variável escolaridade na concordância nominal – dados de Santa Leopoldina/ES (2013), Rio (1980) e Rio (2000)

Escolarização	**SL/2013**	**Rio/1980** (Scherre & Naro, 2006)	**Rio/2000** (Scherre & Naro, acervo pessoal)
Ensino Fundamental I	0,46	0,37	0,19
Ensino Fundamental II	0,53	0,46	0,59
Ensino Médio	----	0,56	0,84
RANGE	**07**	**19**	**65**

Os falantes leopoldinenses do ensino fundamental 01 e 02 têm comportamento semelhante, com 0,46 e 0,53 de peso relativo, respectivamente. Os falantes do Rio de Janeiro do ensino fundamental I, tanto em 1980 quanto em 2000, desfavorecem a aplicação da regra de marcação de plural, com 0,37 e 0,19 de peso relativo. Os falantes cariocas do ensino fundamental II, da década de 1980, obtiveram 0,46 de peso relativo, situando-se em um nível intermediário de marcação, visto que os falantes do ensino médio obtiveram 0,56. Os

falantes do ensino fundamental II e médio, no Rio de Janeiro, na década de 2000, favorecem a aplicação da regra com 0,59 e 0,84 de peso relativo.

Como já citado, dentre as variáveis sociais, o efeito da faixa etária foi o que apresentou maior força de restrição dentre as variáveis sociais, no português falado em Santa Leopoldina, o que pode ser observado na diferença entre o maior e menor peso relativo, 15 pontos de *range* - como já mencionado anteriormente. Nossos resultados apontam para um processo de aquisição da marca de plural, haja vista serem os falantes mais jovens, ou seja, de 7-14 e 15-26 anos, favorecedores a marcação, com 0,59 e 0,55 de peso relativo, respectivamente, como mostrado na tabela 05. Nota-se que esses dados seguem a mesma tendência dos encontrados em Vitória/2000, embora seja notória a maior força de restrição dessa variável na capital capixaba, com 53 pontos de *range.* Podemos observar que nesses dois municípios os falantes mais velhos tendem a desfavorecer a aplicação da regra. Como explicitado na tabela 26 sequente:

TABELA 26
Comparação do efeito da variável faixa etária na concordância nominal nos dados de: Rio (1980 e 2000), Vix (2000) e Santa Leopoldina/ES (2012/13)

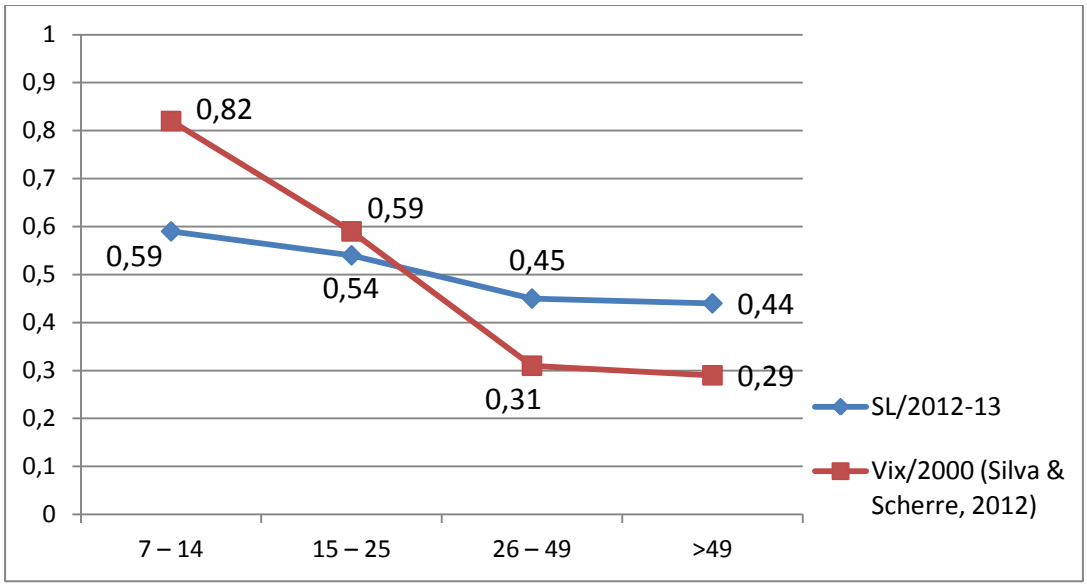
Faixa etária	**SL/13**	**Rio/1980** (Scherre & Naro, 1998)	**Rio/2000** (Scherre & Naro, acervo pessoal)	**Vix/2000** (Silva & Scherre, 2013)
7 – 14	0,59	0,44	0,82	0,82
15 – 25	0,54	0,50	0,38	0,59
26 – 49	0,45	0,55	0,48	0,31
>49	0,44	0,48	0,47	0,29
RANGE	**15**	**11**	**44**	**53**

No Rio de Janeiro, na década de 2000, os resultados apontam para o processo de aquisição da concordância nominal, tal como notado em Vitória e Santa Leopoldina, entretanto, restrito aos falantes da primeira faixa etária. Notamos que a segunda faixa etária, por outro lado, desfavorece o uso da concordância,

e as duas últimas faixas encontram-se num nível intermediário de aplicação da regra.

Quanto aos resultados do Rio de Janeiro, obtidos na década de 1980, observamos que a faixa etária mais sensível à aplicação da regra é a de 26-49 anos, quando, geralmente, se dá a inserção do falante no mercado de trabalho, o que pode motivar esse resultado. Ao observamos a escala de marcação dessa variável, vemos que a segunda e a última faixas etárias estão em nível intermediário de marcação do plural, enquanto a primeira aponta para um leve desfavorecimento. Diante disso, podemos afirmar que os falantes leopoldinenses, no que tange à aplicação da regra de marcação de plural, seguem a mesma tendência dos falantes capixabas, o que pode ser observado no gráfico 07:

GRÁFICO 07
Comparativo entre efeito da variável faixa etária em Vitória e em Santa Leopoldina



Dizemos “tendência”, pois temos conhecimentos de que a força de restrição dessa variável na capital capixaba é bem mais elevada, o que pode ser medido pelo *range*, como já mencionado. Frisamos que nossos resultados apontam para aquisição da concordância em Santa Leopoldina, uma vez que os pesos relativos são inversamente proporcionais à idade do falante, como pode ser notado no gráfico 07.

Passemos ao estudo comparativo entre os resultados das variáveis linguísticas obtidas nas regiões em estudo. Frisamos que, neste momento, tendo em vista questões de ordem metodológica de análise e recortes teóricos, vamos nos ater à comparação dos resultados obtidos para as variáveis *saliência fônica, posição linear e relativa* e *marcas precedentes*, como já exposto anteriormente, no início deste capítulo.

Os dados de Vitória e do Rio de Janeiro, em ambas as décadas, foram apresentados pelos respectivos pesquisadores, Silva (2011) e Scherre e Naro (2006), de forma binária, ou seja, os termos foram divididos entre [+ saliente] e [- saliente]. Scherre e Naro (2006) apresentam seus entendimentos acerca dessa categorização:

> Em [6], estão os pares com o traço [-saliente]: eles exibem apenas a inserção da uma marca explícita de plural {S} em sílaba não acentuada (casa/casas; árvore/árvores) ou são monossílabos de uso átono (o/os). Em [7], estão os pares com o traço [+saliente]: eles exibem acento na sílaba que recebe a marca explícita de plural (café/cafés) ou são monossílabos de uso tônico (meu/meus), apresentam mudanças morfofonológicas na relação singular/plural (rapaz**/**rapazes; dólar/dólares; avião/aviões; lençol/lençóis) ou evidenciam plural bimorfêmico (ôvo/ovos):
>
> [6] casa**Ø**/casa**S**; árvore**Ø**/árvor**eS**; o**Ø**/o**S**
> [7] café**Ø**/café**S**; meu**Ø**/meu**S**
> rapaz**Ø**/rapaz**ES**; dólar**Ø**/dólar**ES**
> avi**ãoØ**/avi**ÕES**; lençol**IØ**/lençó**IS**
> **ô**vo**Ø**/**ó**vo**S**
>
> (p. 113)

Silva (2011) compartilha do mesmo entendimento de Scherre e Naro (2006), orientando a codificação de seus dados, tal como os linguistas a fizeram em seu estudo. Nota-se que na categorização proposta por Scherre e Naro (2006), os termos oxítonos foram classificados como [+ saliente], pelo critério de que a sílaba tônica que receberá o plural. Dessa forma, os itens paroxítonos e proparoxítonos, por ser a sílaba não acentuada que receberá a marcação de plural, foram codificados como [- saliente]. É válido destacar que Scherre (1988), em sua tese de doutorado, propõe que os termos proparoxítonos e os oxítonos devem ser vistos como mais salientes, por serem esses em menor número na língua portuguesa. Nas palavras da autora:

> os proparoxítonos e os oxítonos, enquanto um todo, têm a característica comum de serem mais salientes do que os paroxítonos, pois eles são itens marcados na língua portuguesa, que é constituída predominantemente de palavras paroxítonas (p.92)

Contudo, nessa análise adotaremos o recorte metodológico proposto por Scherre e Naro (2006). Justificamos essa postura pelo fato de apresentarmos um estudo comparativo entre os dados coletados nessas regiões, por meio dos dados de Scherre e Naro (2006) e Silva (2011). Observe na tabela 27, os resultados obtidos para variável saliência nas três regiões citadas:

TABELA 27
Comparação do efeito da variável saliência na concordância nominal nos dados de: Rio (1980 e 2000), Vix (2000) e Santa Leopoldina/ES (2012/13)

Saliência Fônica	**SL 2012/13**		**Rio/1980** (Scherre e Naro, 2006)		**Rio/2000** (Scherre e Naro, 2006)		**Vix/2000** (Silva, 2011)	
	P.R	**Freq.**	**P.R**	**Freq.**	**P.R**	**Freq.**	**P.R**	**Freq.**
+ Saliente	0,66	56,3%	0,83	84%	0,83	95%	0,61	87 %
- Saliente	0,47	62,2%	0,45	69%	0,45	88%	0,48	80 %
RANGE	**19**		**38**		**38**		**13**	

É válido retomar a postulação Scherre (1988), inspirada em Lemle e Naro (1976), acerca do Princípio da Saliência. A linguista afirma que esse princípio “consiste em estabelecer que as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes” (p. 64). Fundamentados nessa postulação, nossa hipótese é que os termos mais salientes seriam mais marcados também em nossos dados.

Observamos que nossos resultados seguem a mesma tendência das demais regiões. Vemos que em Santa Leopoldina essa variável possui menor força de restrição, se comparada ao observado no Rio de Janeiro, nas décadas de 1980 e 2000. Ainda assim, nossos resultados corroboram com o pressuposto de

Lemle e Naro (1976), os termos mais salientes favorecem mais a aplicação da regra de marcação de plural, em relação aos menos salientes.

Como forma de enriquecer esse estudo comparativo, os professores Maria Marta Pereira Scherre e Anthony Julius Naro, gentilmente, nos cederam alguns resultados ainda não publicados, disponíveis apenas em seu acervo pessoal de pesquisa. A tabela 28 apresenta os resultados obtidos para a variável saliência fônica detalhada. É válido mencionar, que nesta rodada, optamos por retirar a palavra “vez/vezes”, quando parte da estrutura “às vezes”, tal como Scherre e Naro (2006).

TABELA 28
Efeito detalhado da variável saliência fônica na presença concordância nominal – dados do Rio de Janeiro/RJ (1980 e 2000) e Santa Leopoldina/ES

Variáveis analisadas	**Rio/1980** (Scherre, arquivo pessoal)	**Rio/2000** (Scherre e Naro, arquivo pessoal)	**SL/13**
	Peso relativo	**Peso relativo**	**Peso relativo**
Duplo: paroxítono (porco/porcos)	0.92	0.77	0.67
l: oxítono (animal/animais)	0.88	0.86	0.83
l: na palavra REAL	-	-	0.69
ão: oxítono (oração/orações)	0.85	0.88	0.55
R: oxítono (flor/flores)	0.87	0.84	0.61
S: oxítono (mês / meses)	0.83	0.87	0.72
Reg. oxítono (café/cafés)	0.70	0.70	0.62
Reg. proparoxítono (único/únicos)	0.52	0.39	0.52
Reg. parox. (perna/pernas)	0.45	0.45	0.48
TOTAL	**9255/13095= 70,7%**	**6027/6778= 88,9%**	**3749/6102= 61,4%**
RANGE	**47**	**49**	**35**

É válido nos atentar para o fato de a percentagem da presença de concordância nominal em Santa Leopoldina (61,4%) ser inferior a percentagem dessa no Rio de Janeiro, na década de 1980 (70,7%) e de 2000 (88,9). Além disso, os pesos relativos para fala leopoldinense revelaram-se, em sua maioria, menores que os encontrados nas pesquisas anteriores.

Quando nos atentamos para o *range,* vemos que o efeito da variável saliência fônica é mais evidente nos dados coletados na década de 2000, no Rio de

Janeiro, com 49 pontos; seguido pelos dados de 1980, com 47 pontos; e, por fim, em Santa Leopoldina, com 35 pontos. Isso nos permite concluir que os falantes cariocas são mais sensíveis ao efeito da saliência fônica que os leopoldinenses. Essa afirmação é corroborada pelos dados da saliência binária apresentados por Scherre e Naro (2006), em que o *range* na amostra de Santa Leopoldina é também inferior aos observados no Rio de Janeiro, em 1980 e 2000, como demonstrado na tabela 27.

Notamos que, em geral, os itens mais salientes, observados no falar leopoldinense, seguem a mesma tendência dos termos do falar carioca. Assim, os vocábulos com pluralidade mais perceptíveis ao interlocutor são favorecedores a aplicação da marca de plural, tanto em Santa Leopoldina, quanto no Rio de Janeiro, nas duas décadas em análise. Dissemos “em geral”, pois os termos em -ão, no falar leopoldinense, encontram-se em um nível intermediário de marcação na escala geral de itens. Vemos que esses vocábulos demonstram comportamento semelhante ao dos regulares, com 0,55 de peso relativo. Portanto, podemos concluir que a diferença nos resultados dessas regiões se encontra na disposição dos itens salientes em uma escala de sensibilidade à marca de plural observada:

QUADRO 08
Escala de marcação de plural no Rio de Janeiro (1980 e 2000) e em Santa Leopoldina (2013)

Rio de Janeiro (1980)	**Rio de Janeiro (2000)**	**Santa Leopoldina (2011-13)**
1. duplo	1. itens em –ão	1. itens em –l
2. itens em –l	2. itens em –s	2. itens em –s
3. itens em –r	3. itens em –l	3. item léxico “real”
4. itens em –ão	4. itens em –r	4. duplo;
5. itens em –s;	5. duplo	5. regulares oxítonos
6. regulares oxítonos	6. regulares oxítonos	6. itens em –r
----	----	7. itens em -ão

Em nossa amostra, controlamos também o item léxico “real”, como já mencionado anteriormente, por isso nossa escala de saliência conta com um item a mais. Um dos pontos que nos instigou foi a posição, na escala de saliência, dos itens oxítonos, na comunidade de Santa Leopoldina. Observamos que entre os itens considerados mais salientes, nas duas amostras coletadas no Rio de Janeiro, os vocábulos oxítonos ocupam a última posição na escala de saliência. Nossa hipótese é que, no falar carioca, os falantes são mais sensíveis às alterações morfológicas do que à percepção da tonicidade da sílaba que recebe a marca de plural.

Se nos atentarmos ao peso relativo dos oxítonos nas duas amostras cariocas (0,70, em ambas), perceberemos que esse é superior ao encontrado na leopoldinense (0,62). Contudo, quando observamos os pesos internamente em cada amostra, que é o método de observação adequado, quando tratamos de variáveis linguísticas, notamos que, em Santa Leopoldina, os itens regulares oxítonos favorecem mais a aplicação da marca de plural que os terminados em –ão, com 0,55.

Uma hipótese válida como justificativa para o resultados dos itens em –ão é a proposta de Scherre (1988), que aponta para uma possível tendência à regularização desses termos, em decorrência das motivações elencadas anteriormente. Frisamos: os itens em –ão podem assumir diferentes terminações –ãos, -ões, -ães, em virtude da incerteza de qual desinência plural usar, os falantes optam por não pluralizar esses vocábulos. É interessante notar que, no falar carioca, os vocábulos em –ão têm pesos relativos iguais a 0,85 e 0,88, no português de 1980 e 2000, respectivamente. Ou seja, no Rio de Janeiro, os itens em –ão favorecem a marca de plural. Em Santa Leopoldina apresenta peso relativo igual a 0,55, sendo os mais propensos à ausência de marca entre os itens mais salientes.

É válido destacar que o resultado leopoldinense, para os itens em –ão, alinha-se ao observado no Rio de Janeiro, em 1980, para os falantes menos escolarizados. Esses últimos marcam menos os itens em –ão que qualquer

outro fator considerado mais saliente, assim como os falantes leopoldinenses. Scherre (1980) destaca que a diferença entre o peso relativo desse e dos regulares agrupados é de 0,15. Em nossos dados, fazendo uma rodada agrupando nossos regulares, observamos que a diferença entre os pesos relativos desses itens é de 0,06. Podemos concluir que, na fala dos informantes menos escolarizados de Scherre (1988) e também de todos nossos falantes agrupados, os itens em –ão têm comportamento semelhante ao dos regulares. Esse resultado valida a hipótese de Scherre (1988) acerca da tendência à regularização dos itens em –ão.

No caso dos duplos ou metafônicos, que, na amostra do Rio de Janeiro/1980, favoreciam consideravelmente a aplicação da marca com 0,92 de peso relativo, observamos que esse número decresceu em 2000, com 0,77. Em Santa Leopoldina/2012-13, esses dados possuem 0,67 de peso relativo. Frisamos que não podemos, por se tratar de fatores linguísticos, relacionar esses resultados diretamente. Dessa forma, observando a escala de marcação, em 1980, os duplos eram os que mais favoreciam a aplicação da regra. Em 2000, seu lugar foi ocupado pelos itens em –ão, seguido por –s, -l e –r. Em 2012/13, os leopoldinenses apresentam mais sensibilidade à marcação dos itens em –l, -s, o vocábulo “Real” e, em seguida, os duplos.

Quantos aos regulares proparoxítonos e paroxítonos, considerados, nesta rodada, termos menos salientes, tendo em vista que não é a sílaba tônica que receberá a marca, podemos observar que os dados de Santa Leopoldina seguem a mesma tendência dos obtidos no Rio de Janeiro/1980. Vejamos:

TABELA 29
Efeito da variável saliência fônica na presença concordância nominal dentre os itens menos salientes – dados do Rio de Janeiro/RJ (1980 e 2000) e Santa Leopoldina/ES (2013)

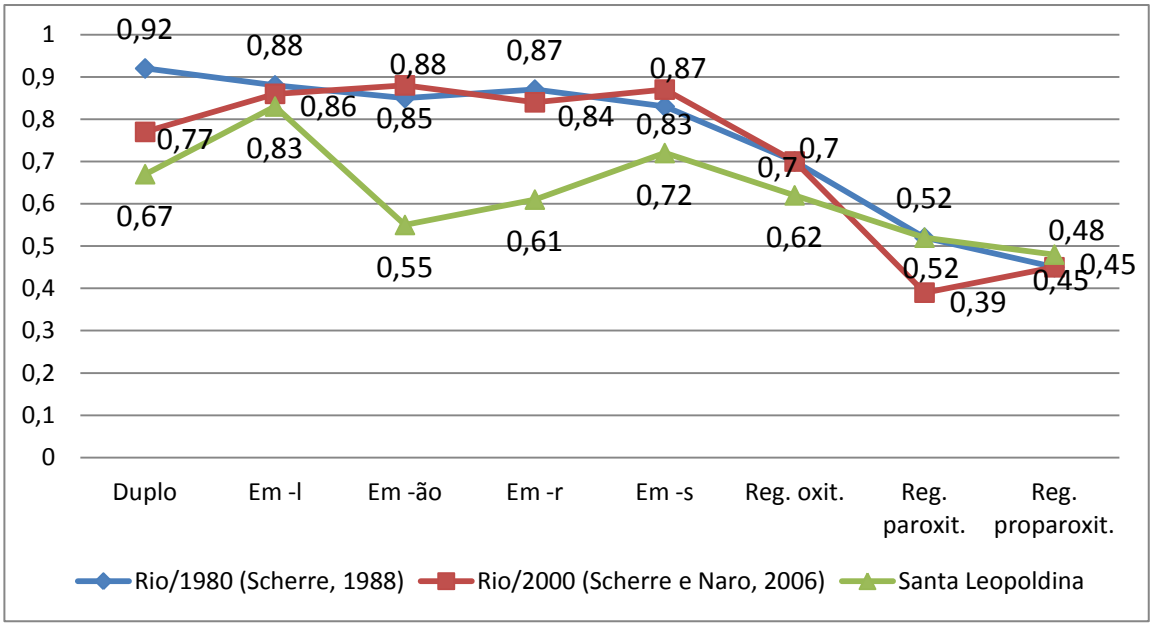
Variáveis analisadas	**Rio/1980** (Scherre, arquivo pessoal)	**Rio/2000** (Scherre e Naro, arquivo pessoal)	**SL/13**
	Peso relativo	**Peso relativo**	**Peso relativo**
Reg. proparoxítono (único/únicos)	0.52	0.39	0.52
Reg. parox. (perna/pernas)	0.45	0.45	0.48

Diante desses resultados, notamos que em 1980 e 2012/13, os regulares proparoxítonos e paroxítonos têm efeito semelhante, ou seja, desfavorecem a marcação. Observe que esses são os itens com menor peso relativo nessas amostras. Isso é observado também, em 2000, de forma mais acentuada. Assim, a respeito dos regulares paroxítonos e proparoxítonos, as três amostras seguem a mesma orientação de marcação.

O gráfico 08 apresenta o efeito da variável saliência fônica nas três regiões em estudo. Vemos que as linhas de tendência nessas regiões são bem similares:

GRÁFICO 08

Efeito detalhado da variável saliência fônica na presença concordância nominal – dados do Rio de Janeiro/RJ (1980 e 2000) e Santa Leopoldina/ES (2013)



Essa configuração dos dados reafirma nossa hipótese de que a variação no processo de concordância nominal, no português brasileiro, é mais de ordem quantitativa que qualitativa. Ou seja, as variáveis operantes nesse fenômeno são as mesmas, o que variará é a força dessas, a depender da comunidade.

Nas linhas sequentes, apresentaremos o estudo comparativo da variável posição linear e relativa nas amostras do Rio de Janeiro (1980), Vitória (2000) e Santa Leopoldina (2012/13). Esses dados tiveram tratamentos diferentes em cada uma dessas pesquisas, por isso fizemos novas rodadas em busca de uma comparação o mais fidedigna possível.

Em nossa pesquisa, adotamos uma nomenclatura um pouco diferente da usada por Silva (2011), no que tange a variável *posição linear e* relativa. Contudo, neste momento, adequaremos nossa terminologia a usada por Silva (2011). Assim, para comparação dos dados entre Santa Leopoldina e Vitória, adotaremos a nomenclatura usada por Silva (2011).

Com relação à pesquisa realizada em Vitória, Silva (2011) dividiu seus dados em: antes do núcleo (mais à esquerda), núcleo na primeira posição (mais à

esquerda), núcleo na segunda posição (mais à esquerda), núcleo na terceira, quarta e quinta posição (mais à direita) e depois do núcleo. Em nossa amostra, não foram encontrados dados a partir da quarta posição. Dessa forma, embora a tabela 30, a seguir, contenha a nomenclatura “núcleo na terceira, quarta e quinta posições (mais à direita)”, essa é restrita aos dados de Vitória. Além disso, em nossos dados, o fator “núcleo na primeira posição (mais à esquerda)” foi categórico. Obtivemos quarenta ocorrências desse fator, sendo todas marcadas quanto à pluralidade.

Para essa análise, realizamos duas rodadas-teste, com (i) animacidade e formalidade amalgamadas e (ii) separadas. Em ambos os testes, nossa melhor rodada, selecionada pelo programa, foi considerada “no convergence”, ou seja, sem convergência. Os resultados obtidos não apresentam grandes diferenças. Assim, optamos pela utilização da rodada (ii), como mero recorte metodológico. Lembramos que, como destaca Guy e Zilles (2007), isso não inviabiliza a utilização dos resultados para o fenômeno em análise, contudo, é importante deixar esse ponto claro ao leitor. Vejamos o estudo comparativo entre essas regiões:

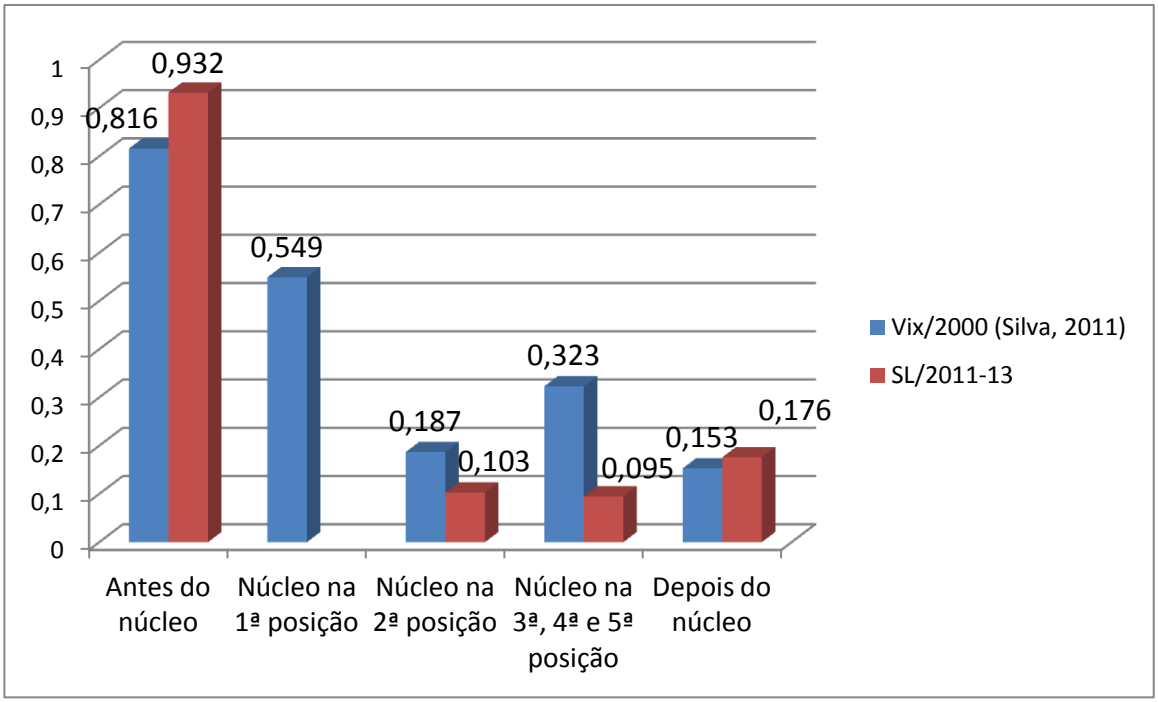
TABELA 30
Comparação entre os resultados da variável Posição Linear e Relativa na presença da concordância nominal – dados de Vitória/ES (2000) e Santa Leopoldina/ES (2013)

Variáveis analisadas	**Vix/2000** (Silva, 2011)	**SL/13**
	Peso relativo	**Peso relativo**
Antes do núcleo (mais à esquerda)	0,816	0,932
Núcleo na 1ª posição (mais à esquerda)	0,549	100%
Núcleo na 2ª posição (mais à esquerda)	0,187	0,103
Núcleo na 3ª, 4ª e 5ª posições (mais à direita)	0,323	0,095
Depois do núcleo (mais à direita)	0,153	0,176
TOTAL	**8744/9766= 89,5%**	**3867/6307= 61,3%**
RANGE	**66**	**84**

Observamos que o total dos dados encontrados em Vitória é maior do que o de Santa Leopoldina, isso não interfere, contudo, na análise das amostras, uma vez que o programa GoldVarb X trabalha com porcentagens e não com números naturais. Notamos que a percentagem global de concordância é menor em Santa Leopoldina (61,3%), ou seja, os leopoldinenses marcam menos o plural que os capixabas. Quanto ao *range*, vemos que o efeito dessa variável é mais forte na zona rural leopoldinense, com 84 pontos.

Vejamos esses dados em forma de gráfico para melhor visualização dos resultados obtidos:

GRÁFICO 09
Comparação entre os resultados da variável posição na presença da concordância nominal – dados de Vitória/ES (00) e Santa Leopoldina/ES (13)



Os elementos antepostos ao núcleo tendem a ser mais marcados que os demais, em Santa Leopoldina, 98,6% dos dados não nucleares na primeira posição são marcados, apresentando um efeito semi-categórico. Essa tendência de marcar o primeiro elemento do sintagma é mantida em Santa Leopoldina para os termos nucleares na primeira posição, tendo efeito categórico de marcação. Contudo, em Vitória, o peso relativo indica um leve favorecimento a marcação de plural.

O núcleo na segunda posição indica desfavorecimento a aplicação da regra, o que também é observado nos elementos nucleares das demais posições. Entretanto, em Vitória, o peso relativo desses últimos sofre uma ligeira elevação, enquanto, em Santa Leopoldina, continua a decrescer.

Os elementos após o núcleo desfavorecem a aplicação da regra nas duas regiões. Em Vitória, o peso relativo desses vocábulos é inferior ao dos elementos mais à esquerda. Em Santa Leopoldina, os termos posteriores ao

núcleo apresentam peso relativo um pouco superior ao dos vocábulos na posição de núcleo, mas ainda é desfavorecedor, com 0,176 de peso relativo.

Fazendo um paralelo entre Santa Leopoldina (2012-13), Vitória (2000) e Rio de Janeiro (1980), percebemos que os resultados de Vitória seguem a mesma tendência dos do Rio de Janeiro/1980, uma vez que Scherre (1988) conclui que

> Os núcleos na segunda posição e terceira posição são menos marcados do que os da primeira, mas não são igualmente marcados entre si, chegando a se vislumbrar a possibilidade de os núcleos na terceira posição serem mais marcados que os da segunda. (p. 512)

Isso ficará mais claro em linhas à frente, quando apresentaremos os resultados obtidos no Rio de Janeiro (1980). Frisamos que os dados leopoldinenses não nos permitem concluir o mesmo que Scherre (1988), uma vez que, quanto mais à direita os termos não nucleares estão, tendem a desfavorecer mais a aplicação da regra.

Para o estudo comparativo com a pesquisa do Rio de Janeiro (1980), fizemos uma nova rodada, readequando nossos dados na tentativa de obter os resultados mais fidedignos possíveis aos de Scherre e Naro (1998). Para isso, retiramos, também desta rodada, os casos de "vezes" na expressão "às vezes", tendo sido essa mesma metodologia adotada pelos autores citados.

Scherre e Naro (1998) controlam os elementos nominais à esquerda do núcleo na primeira e na segunda posição. Em nossa amostra, encontramos também 01 dado de elemento nominal à esquerda do núcleo na terceira posição. Esse item foi retirado da rodada comparativa entre Santa Leopoldina e Rio de Janeiro/1980, cujos resultados estão expostos na tabela 31. Citamos:

1. todos os **outros** lugar (masc, fund 01, 52 anos)

Em nossa análise primeira, esse termo foi amalgamado aos itens da segunda posição antes do núcleo. Esse último fator conta com um total de 125 dados, dos quais 108 itens são devidamente marcados por nossos informantes, o que gera um percentual de 86,4% de concordância para a segunda posição antes

do núcleo. Como, estatisticamente, o acréscimo de um dado torna-se irrelevante e para não excluirmos de nossa análise o dado da terceira posição antes do núcleo, optamos pela amalgamação. Entretanto, para mantermos nossa rodada o mais próximo da do Rio de Janeiro (1980), decidimos que seria conveniente retirar esse dado, nesta seção de estudo comparativo, e esclarecer esse procedimento ao leitor.

Vejamos, enfim, os resultados obtidos:

TABELA 31
Comparação entre os resultados da variável posição na presença da concordância nominal – dados de Rio de Janeiro (1988) e Santa Leopoldina/ES (2013)

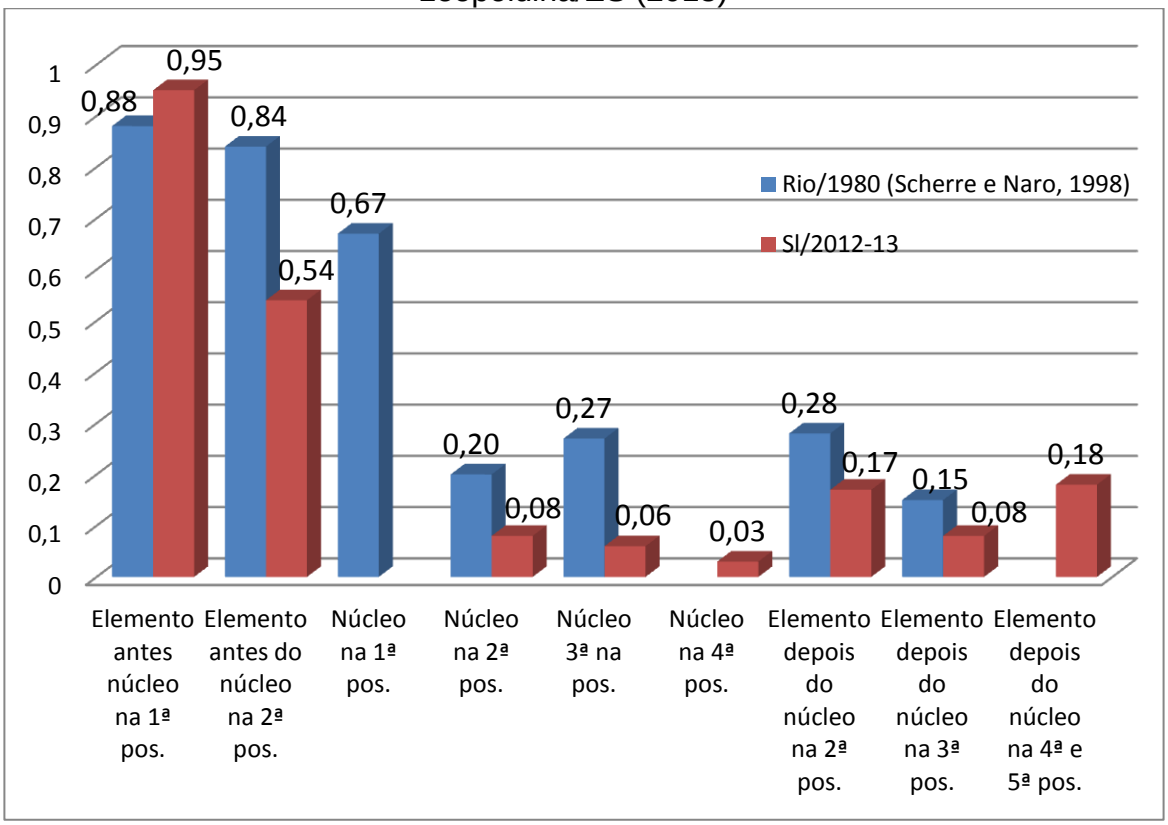
Variáveis analisadas	**Rio/1988** (Scherre e Naro, 1998)	**SL/13**
	Peso relativo	**Peso relativo**
Elemento nominal **à esquerda** do núcleo na **primeira posição**	0,88	0,95
Elemento nominal **à esquerda** do núcleo na **segunda posição**	0,84	0,54
Núcleo na posição 1 (mais à esquerda)	0,67	100%
Núcleo na posição 2	0,20	0,08
Núcleo na posição 3	0,27	0,06
Núcleo na posição 4	----	0,03
Elemento nominal **à direita** do núcleo na **segunda posição**	0,28	0,17
Elemento nominal **à direita** do núcleo na **terceira posição**	0,15	0.08
Elemento nominal **à direita** do núcleo na **quarta** e **quinta posição**	----	0,18
TOTAL	**9259/13100= 71%**	**3748/6101= 61,4%**
RANGE	**73**	**92**

Nessa rodada, obtivemos convergência por meio da amalgamação das variáveis animacidade e formalidade. Notamos que, em termos de quantidade, os dados da fala carioca, em 1980, são em maior número que os da leopoldinense. A pesquisa no Rio de Janeiro conta com mais do dobro de dados que o constatado Santa Leopoldina. Entretanto, esse fato não prejudica a legitimidade desse estudo comparativo, uma vez que trabalhamos com percentagens e frequência corrigida geradas pelo programa.

Observamos que os cariocas, da década de 1980, marcavam mais a pluralidade dos vocábulos que os atuais leopoldinenses. Essa afirmativa é fundamentada na percentagem geral de concordância, 71% e 61,5%, para cariocas e leopoldinenses, respectivamente. Quanto à força dessa variável nas regiões em análise, podemos afirmar que a posição ocupada pelo elemento dentro do sintagma é mais determinante para sua marcação no português falado na região rural de Santa Leopoldina. É evidente que essa variável opera com grande efeito no português carioca da década de 1980, ou seja, não podemos desconsiderar o *range* de 73 pontos. Contudo, em Santa Leopoldina, esse valor é 19 pontos mais alto, sendo seu efeito medido com 92 pontos.

Vejamos esses resultados organizados na forma de gráfico:

GRÁFICO 10
Comparação entre os resultados da variável posição na presença da concordância nominal – dados de Rio de Janeiro (1988) e Santa Leopoldina/ES (2013)



Nas duas pesquisas, os elementos nominais mais à esquerda do núcleo, na primeira posição, são favoráveis a aplicação da regra. Em nossos dados, a marcação desses itens é quase categórica. Obtivemos 2717 dados desse perfil, dos quais 2695 ocorrências foram marcadas por nossos informantes, o que resulta uma taxa de 99,2% de marcação desses itens. Por isso, temos um peso relativo elevadíssimo, de 0,95.

Os elementos da segunda posição, nos dados de Santa Leopoldina, estão em um nível intermediário de marcação, com 0,52 de peso relativo. No Rio de Janeiro, de 1980, esses itens são favorecedores a aplicação da regra, com 0,84 de peso relativo. Quanto aos elementos nucleares na posição inicial do sintagma os dados do Rio de Janeiro/1980 e Santa Leopoldina/2012-13 seguem a mesma tendência, os itens nucleares mais à esquerda favorecem mais a aplicação da marcação de plural que os mais à direita.

A amostra coletada em Santa Leopoldina conta com 38 dados de elementos nucleares na primeira posição, como já citado, sendo esses categoricamente marcados com indicativos de pluralidade. Nos dados do Rio de Janeiro/1980, foram coletados 190 dados, dos quais 180 são marcados, o que proporciona um taxa de marcação de 95%. Scherre e Naro (1998) frisam que: “os núcleos [...] favorecem mais marcas explícitas se ocuparem a primeira posição na cadeia sintagmática, ou seja, se estiverem alinhados mais à esquerda na construção” (p. 516).

A pesquisa do Rio de Janeiro/1980 apontou para um ligeiro aumento no peso relativo dos vocábulos nucleares da segunda para terceira posição. Em nossos dados, ao contrário, o peso relativo do elemento analisado decresce em função de sua posição mais à direita: 0,08, 0,07 e 0,03 para os elementos nucleares na segunda, terceira e quarta posição. Em percentagens, temos 28,9%, 30,4% e 16,7%, números indicadores de que os termos da terceira posição são, probabilisticamente, mais marcados. Entretanto, a frequência corrigida deste item é inferior a dos demais, com 0,08. Esse fato nos fornece uma demonstração da eficácia do programa GoldVarb X.

Os vocábulos nucleares na quarta posição são raros, à nível de curiosidade, iremos elencá-los:

1. Aos meus seis **anos** (masc, fund 01, 40 anos)
2. Todos os dois **lugar** (fem, fund 02, 12anos)
3. Todos os quatro **ano** (masc, fund 01, 40 anos)
4. Todos os outros **lugar** (masc, fund 01, 52 anos)
5. Pras todas quarto **série** (fem, fund 01, 15 anos)
6. Dois dos meus **colega** (fem, fund 02,16anos)

Dentre esses itens, o que nos instiga é a presença dos quantificadores e numerais. Entretanto, no momento, não iremos dissertar acerca das regularidades dessas estruturas, em decorrência: (i) dos poucos dados e, ainda, (ii) por não ser este nosso objetivo atual.

Os elementos em posição posterior ao núcleo desfavorecem a aplicação da regra nas duas regiões em análise. Contudo, isso é um pouco mais perceptível nos dados de Santa Leopoldina. Vemos que os elementos da segunda e terceira posição seguem em ordem decrescente, quanto ao peso relativo, com 0,17 e 0,08. Entretanto, o peso relativo dos elementos da quarta e quinta posição demonstra um ligeiro aumento, com 0,18, equiparando-se aos dos itens imediatamente posteriores ao núcleo, ou seja, os da segunda posição. Temos 28 dados ocupantes da quarta e quinta posições, dos quais apenas 05 são marcados quanto à pluralidade. Esse número reduzido de dados não permite a elaboração de considerações conclusivas acerca deste caso.

No que tange à variável *marcas precedentes* percebemos que essa, como já mencionado, recebeu um tratamento um pouco diferente em nossa amostra, tendo como base a de Scherre (1998). Isso porque a quantidade de dados coletados pela linguista a permitiu estratificar as ocorrências de sintagmas preposicionados em (i) *núcleo semântico mais alto formalmente marcado ou seguido de elemento marcado* e (ii) *núcleo semântico mais alto formalmente não marcado ou seguido de elemento não marcado.* Já tratamos dessa questão anteriormente, ao apresentar os resultados obtidos em Santa Leopoldina para a variável *marcas precedentes*. Contudo, é válido frisar que, em nossa amostra, não houve ocorrência em que o Sprep fosse marcado. Além disso, não obtivemos Sprep com zero formal, seguido de elemento marcado, como a estrutura “uma série de *outras* coisas”, em número suficiente para estabelecer um fator diferente para esses elementos.

Outra particularidade do trabalho de Scherre (1998) é a distinção entre os numerais. Estratificou-se os numerais em (i) *numeral não terminado em –s- na 1ª posição* e (ii) *numeral terminado em –s- na 1ª posição.* Como veremos nos resultados apresentados abaixo, a linguista não observou grandes diferenças entre esses fatores. Em virtude disso, optamos por mantê-los agrupados em nossa amostra. Vejamos, enfim, a comparação dos resultados do Rio de Janeiro/1980 e Santa Leopoldina/2012-13.

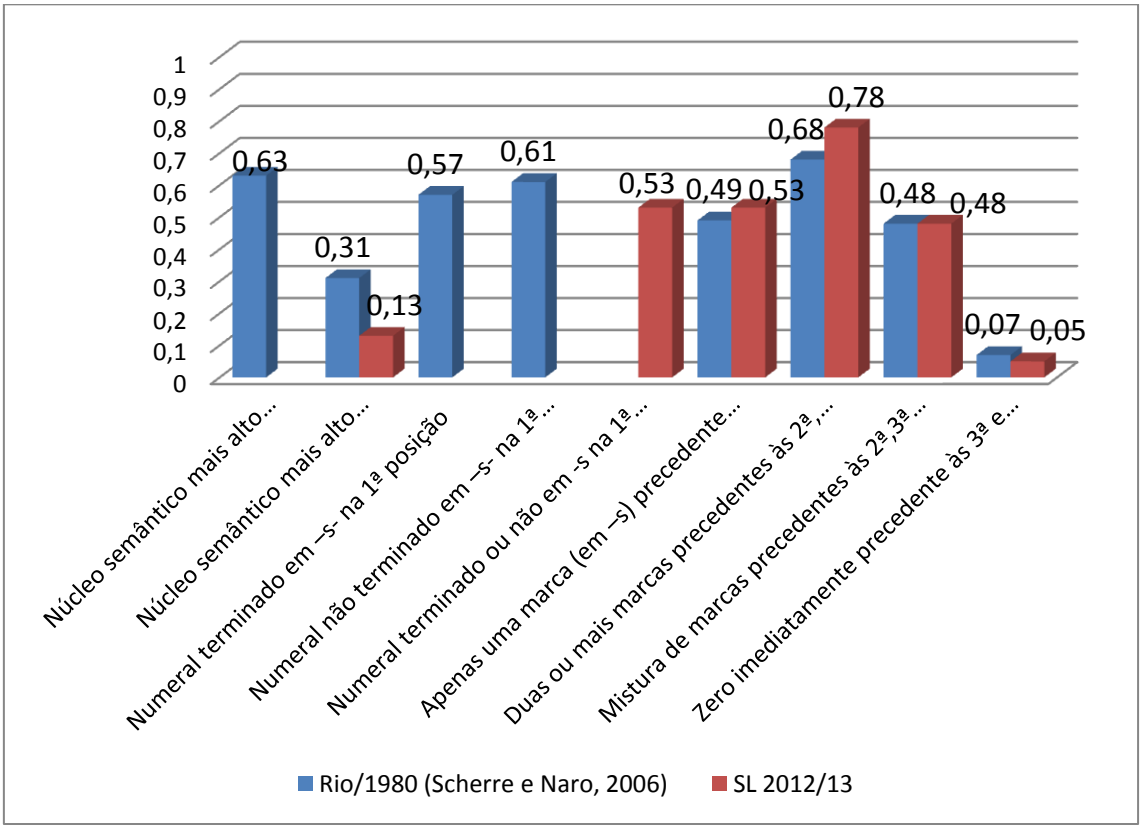
TABELA 32
Comparação entre os resultados da variável marcas precedentes na presença da concordância nominal – dados de Rio de Janeiro (1988) e Santa Leopoldina/ES (2013)

Fatores analisados	**Rio/1988** (Scherre e Naro, 1998)	**Santa Leopoldina**
Núcleo semântico mais alto formalmente marcado ou seguido de elemento marcado	0,63	----
Núcleo semântico mais alto formalmente não marcado ou seguido de elemento não marcado	0,31	0,13
Numeral terminado em –s- na 1ª posição	0,57	0,53
Numeral não terminado em –s- na 1ª posição	0,61	
Apenas uma marca (em –s) precedente à 1ª posição	0,49	0,53
Duas ou mais marcas (em –s) precedentes às 2ª,3ª e 4ª posições	0,68	0,78
Mistura de marcas precedentes às 2ª,3ª e 4ª posições	0,48	0,48
Zero imediatamente precedente às 3ª e 4ª posições	0,07	0,05
RANGE	**61**	**74**

Por meio da análise do *range*, inferimos que o efeito da variável *marcas precedentes* atua com considerável força de restrição nas duas regiões analisadas. Além disso, notamos que os resultados obtidos em Santa Leopoldina seguem a mesma tendência do observado no Rio de Janeiro, na década de 1980. Vemos que, tanto os cariocas quanto os leopoldinenses, são mais sensíveis à marcação de plural em sintagmas com duas ou mais marcas precedentes, sendo essas marcas formais. Isso porque em sintagmas em que há a presença de marcas de diferentes naturezas, o peso relativo decresce em 0,20 décimos, assumindo um peso de 0,48 nas duas amostras.

Vejamos esses resultados em forma de gráfico:

GRÁFICO 11
Comparação entre os resultados da variável marcas precedentes na presença da concordância nominal – dados de Rio de Janeiro (1988) e Santa Leopoldina/ES (2013)



Podemos constatar ainda que no falar leopoldinense a presença de uma marca e um numeral opera de forma semelhante no processo de marcação de plural, uma vez que essas variáveis possuem o mesmo peso relativo de 0,53. No Rio de Janeiro, de 1980, essa tendência é um pouco diferente. No falar carioca, o nível de marcação de plural dos termos antecedidos por apenas uma marca formal encontra-se em um ponto intermediário, com 0,49. Em contrapartida, os numerais terminados ou não em –s, apontam para o favorecimento a aplicação da regra, com 0,57 e 0,61, sendo o efeito um pouco mais acentuado para os numerais não terminados em –s, com 0,61.

Os resultados dispostos na tabela 32 indicam ainda que os sintagmas preposicionados com ausência de marca desfavorecem a aplicação da regra de plural. Paralelo a essa observação, notamos que os itens precedidos imediatamente por zero também desfavorecem a aplicação da regra. Esses

resultados são de extrema importância para o estudo dessa variável. Isso porque, como ressalta Scherre (1980), essa variável foi sistematizada por diferentes estudiosos que adotaram metodologias diversas, o que impossibilitava um estudo comparativo entre amostras.

Essas discrepâncias metodológicas permitiram a Poplack (1980) concluir que o efeito dessa variável "no espanhol é exatamente o oposto ao observado por Guy e Braga para o Português, uma língua que marca a pluralidade SN e SV da mesma forma que o Espanhol" (p. 64)[34]. Ressaltamos que a presente regularidade de resultados foi obtida entre comunidades incomuns, visto ser uma da zona urbana e outra da zona rural. Isso transmite a impressão de uma sistematização no português brasileiro, no que tange ao processo de marcação de plural, que é, por conseguinte, análogo ao observado por Poplack (1980).

Esclarecemos que nosso objetivo não é estabelecer comparações entre o processo de marcação de plural ocorrido no português brasileiro e no espanhol. Contudo, é interessante ratificar os resultados de Scherre (1998) e contribuir para a desmitificação da diferença entre essas línguas. Assim, concluímos que os dados obtidos nas amostras do Rio de Janeiro, em 1980, e de Santa Leopoldina, em 2012/13, corroboram com a afirmação de Poplack (1980, p. 63)[35], que marcas levam a marcas, ao passo que zeros levam a zeros.

---

[34] "This is exactly the opposite effext from what was found by Guy and Braga for Brazilian Portuguese, a languag that marks plurality on the NP and the VP in much the same way as Spanish" (Poplack, 1980, p. 64).

[35] "Presence of a plural marker before the token marker retention on that token, whereas absence of a preceding marker favors deletion" (Poplack, 1980, p. 63).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nossas discussões, apresentamos conclusões acerca das motivações da ausência ou presença de marca de plural no processo de concordância nominal. Entretanto, julgamos necessário sintetizar, neste capítulo, as principais considerações a que chegamos. O objetivo é proporcionar ao leitor uma visão homogênea dos temas aqui abordados, para melhor percepção dos posicionamentos teóricos considerados, assim como entendimento do fenômeno em análise.

Diante do exposto, percebemos que o grande mérito da Teoria da Variação é a visão que os fenômenos variáveis são passíveis de sistematização e regularidade. É válido frisar que outras perspectivas, como as citadas: saussuriana, bloomfieldiana, chomskyana, reconhecem a heterogeneidade da língua. Entretanto, não se dedicam ao estudo da variação e da mudança.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) apontam a possibilidade de entrelace entre as perspectivas sincrônica e diacrônica da língua, vistas como excludentes até então. Com essa interpretação, os autores rompem a fronteira entre a sincronia e a diacronia, uma vez que entendem a mudança como uma fase sincrônica de uma variação ocorrida em nível diacrônico. Ao incorporar os dados extralinguísticos, os sociolinguistas abrem caminho para o entendimento de questões inexplicáveis a partir de dados apenas linguísticos.

Diante disso, percebe-se a importância de se analisar as particularidades de uma determinada comunidade de fala, a partir de dados não estritamente linguísticos. Por isso, julgamos interessante analisar as particularidades da comunidade habitante da zona rural de Santa Leopoldina para o entendimento do processo de marcação nominal realizado nessa região. A partir da análise de nossas variáveis concluímos que:

i) Posição linear e relativa: os elementos mais à esquerda do núcleo favorecem mais a aplicação da marca de plural. Seguindo a orientação de Scherre (1988),

incluímos a variável classe gramatical aliada à posição do elemento no sintagma nominal, por entender que o estudo isolado da posição linear e relativa não seria suficiente na sistematização precisa do fenômeno. A amalgamação das variáveis nos permitiu considerar que, embora possamos generalizar que as classes antepostas ao núcleo são favorecedores a aplicação da regra e as pospostas são desfavorecedoras, a sensibilidade à marcação se dá em diferentes graus, em função da classe e da posição. Isso também é observado quando o elemento em análise se encontra em posição nuclear. Vemos que tanto os substantivos quanto as categorias substantivadas desfavorecem a aplicação da regra na segunda e terceira posição. Contudo, os substantivos na terceira posição são menos marcados que os itens na segunda posição, ou seja, quanto mais à direita o substantivo tiver, mais desfavorecedor a aplicação da regra será. O mesmo não ocorre com as categorias substantivadas que indicam aumento do peso relativo na terceira em relação a segunda posição.

ii) Saliência fônica: percebemos que os itens mais salientes são mais favorecedores a aplicação da marcação do elemento. Notamos ainda que a frequência de determinado item interfere na marcação do elemento. Essa conclusão foi possível pelo peso relativo do vocábulo *Real* inferior aos demais termos em –l. Notamos, contudo, diferente do observado em Scherre (1988), que o termo *vez* na expressão *às vezes* tem o mesmo funcionamento, em Santa Leopoldina, que os demais itens em –s. Comprovamos a hipótese de Scherre (1988), acerca da tendência, dos itens em –ão, à regularização, uma vez que o peso relativo desses é equiparado ao dos regulares proparoxítonos e paroxítonos.

iii) Marcas precedentes: confirmamos a postulação de Poplack (1980) que marcas levam a mais marcas, assim como zeros levam a mais zeros. Percebemos que elementos pertencentes a sintagmas com mais de uma marca formal de plural são mais marcados que os demais itens. Vimos ainda que a presença de zero imediatamente precedente ao vocábulo inibe a marcação desse. Notamos que os numerais e a presença de marca formal de plural em –s situam-se em um ponto intermediário de aplicação da regra. Quanto aos

sintagmas preposicionados sem marca, percebemos que são desfavorecedores a aplicação da regra. Futuramente, pretendemos lançar um olhar mais apurado a este fator, subdividindo-o entre Sprep com e sem marca. É válido salientar que não estabelecemos essa distinção, neste momento, por não termos obtido itens suficientes da categoria *Sprep com marca ou com elemento seguinte marcado.*

iv) Faixa etária: em Santa Leopoldina ocorre um processo de aquisição de concordância, tal como acontece em Vitória/ES, como revelou Silva (2011). Essa afirmação é respaldada pelo fato de as duas faixas etárias mais jovens serem as que mais efetuam a marcação do SN. Contudo, essa maior marcação é delimitada pelo sexo/gênero e escolaridade do falante, como apontado nos cruzamentos realizados entre as variáveis sociais.

v) Animacidade e grau e formalidade dos substantivos: percebemos que, em Santa Leopoldina, a análise dessas variáveis separadas não era suficiente para o entendimento completo do fenômeno. Verificamos que a frequência de utilização dos vocábulos, mais uma vez, é preponderante no processo de marcação do SN. Além disso, o reconhecimento de um elemento como pertencente à comunidade ou ao seu cotidiano reflete-se na fala dos indivíduos. Isso porque os itens [- humano] e [+ animado], ou seja, designadores de animais típicos do ambiente rural, independentemente do grau, desfavorecem a presença de marcas. Concluímos, portanto, que a formalidade de um termo se relaciona com o grau de intimidade entre o falante e o elemento a requerer a pluralização, assim como com a frequência de uso do item. Essa hipótese é confirmada pelo fato de a obtenção da convergência ter sido possível a partir da amalgamação das variáveis *animacidade e grau e formalidade dos substantivos*.

vi) Sexo: constatamos que, em se tratando de percentagens, as mulheres demonstram valores acima da média global de marcação dos moradores leopoldinenses, indicando maior sensibilidade das informantes à marca. Isso fica evidente na análise dos pesos relativos, a qual aponta favorecimento a aplicação da regra pelas mulheres e desfavorecimento pelos homens. Esse

fato alinha-se à postulação laboviana que, em se fenômenos estigmatizados socialmente, as mulheres tendem a utilizar a norma padrão. Contudo, quando estratificamos a variável sexo/gênero em função da faixa etária do falante, percebemos que as falantes mais jovens favorecem a aplicação da regra, liderando o processo de aquisição da concordância na comunidade rural de Santa Leopoldina. Justificamos esse resultado pelo contato com a mídia. Em Santa Leopoldina, a rotina das mulheres é mais restrita ao ambiente doméstico, com maior acesso à televisão e ao rádio. Por outro lado, os homens têm sua rotina mais voltada à labuta da roça. Além disso, os homens da terceira faixa etária, ou seja, os responsáveis pela comercialização dos produtos na CEASA, são mais sensíveis à aplicação da regra que os mais jovens. Esse aumento no peso relativo pode ser motivado pelo contato com falantes da Grande Vitória. Os homens quarta faixa etária também apresentam aumento no peso relativo, indicando que esses informantes são mais conservadores que os demais.

vii) Escolaridade: em Santa Leopoldina, os falantes do ensino fundamental 02 atestam um peso relativo mais alto que o constatado no fundamental 01. Isso nos permite compreender que esses falantes são mais sensíveis à aplicação da marca de plural. A partir do cruzamento entre escolaridade e faixa etária, pudemos inferir que são os falantes do ensino fundamental 01, da segunda faixa etária, e do fundamental 02, da primeira faixa etária que lideram o processo de aquisição da concordância.

Em nossa análise, pudemos observar que as variáveis operantes no português falado no Rio de Janeiro, nas décadas de 1980 e 2000, e em Vitória, nos anos 2000, são as mesmas que protagonizam o processo de variação do fenômeno em Santa Leopoldina. O que difere nessas pesquisas é a força de atuação das variáveis. Isso valida nossa hipótese, de que as diferenças entre essas regiões seriam mais de ordem quantitativa do que qualitativa, como sugere Scherre (1988).

Bortoni-Ricardo (2004, p. 52) ressalta a possibilidade de se pensar em um *contínuo de urbanização*, ao invés da dicotomia *rural vs urbano.* Essa perspectiva considera as seguintes variedades: *rurais isoladas*, usadas pelas

comunidades geograficamente mais isoladas; *urbanas padronizadas*, variedades que receberam mais influência dos processos de padronização da língua, como obras literárias, escola, desenvolvimento do comércio, destaca a autora; e *área rurbana*, ponto intermediário do contínuo, formada por grupos "migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais [...] e as comunidades interioranas [...] submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária" (p. 52).

É inegável o contato da população, mesmo rural, de Santa Leopoldina com influências tipicamente urbanas, como acesso à internet, em algumas casas e escolas; e, também, o contato com a mídia. Contudo, isso não anula as particularidades do território leopoldinense, como pudemos observar por meio de nossos resultados e, também, pelo contato empírico com a comunidade na fase de coleta de dados. Assim, concluímos que as variedades *urbanas* e *rurais* compartilham de pontos de interseção na aplicação da marca de plural, como observado em variáveis que seguem a mesma tendência na variação do fenômeno. Por outro lado, a variedade rural abriga particularidades, como observado na variável *animacidade e formalidade dos substantivos.*

Diante do exposto, concluímos que o processo de marcação de plural se situa em um ponto limítrofe entre as categorias estabelecidas por Bortoni-Ricardo (1998): *contínuos* e *descontínuos.* Neste ponto, vale retomar o pensamento da linguista: (i) a estratificação *descontínua* abarca as variedades regionais e sociais isoladas, com maior grau de estigma; (ii) *contínua* refere-se a fenômenos presentes na fala de todos os brasileiros, a depender do nível de formalidade conferido a fala. Concluímos que o processo de marcação de plural pode ser compreendido como um traço descontínuo, posto que a ausência de marcação é estigmatizada pelos falantes. Por outro lado, percebemos que ausência se encontra difundida, em diferentes níveis, na fala de todos os falantes, independentemente do sexo/gênero, escolaridade ou faixa etária.

Reconhecemos que ainda há um árduo e longo caminho a ser percorrido e que alguns dos resultados aqui apresentados requerem maior aprofundamento

teórico. Assim, nossa intenção é prosseguir com o estudo da comunidade de Santa Leopoldina/ES e, dessa forma, colaborar para o mapeamento do português brasileiro em solo espíritossantense.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIM, Tânia Maria. Sociolingüística – parte I. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. Vol. 01. 9º ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 21-47.

ARANHA, Graça **Canaã**. São Paulo, Martin Claret, 2009.

BORTONI- RICARDO, Stella Maris. A análise do português brasileiro em três continua: o continuum rural-urbano, o continuum de oralidade-letramento e o continuum de monitoração estilística. In: GROBE, Sybille; ZIMMERMANN, Klaus **<<Substandard>> e Mudança no Português do Brasil**. ed. Frankfurt am Main : TFM, 1998, p. 153-188.

_____.O português brasileiro. In.: _____. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo, Parábola, 2004, p. 53 – 70.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, Brian & JANDA, Richard(eds). **A handbook of historical linguistic**. Blackweel, 2003.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. **História da linguística**. Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 3ª edição, Petrópolis, Vozes, 1979.

CARVALHO, José Augusto. **Gramática superior da língua portuguesa.** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

CHOMSKY, Noam, 2000. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente.** Tradução de Marco Antônio Sant'Anna. São Paulo, Editora UNESP, 2005.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais.** 2. ed.rev. ampl. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

DIAS, Maria Clara Alvares Correia. **A variação na concordância nominal:** um contraste entre o urbano e o rural na fala brasiliense. Universidade de Brasília, dissertação de mestrado, 1993.

ENDEREÇO das escolas da rede estadual – 2011. Disponível em: http://www.es.gov.br. Acesso em: 17/09/2013.

FÖEGER, Camila Candeias. **A Primeira Pessoa do Plural no Português Falado em Santa Leopoldina/ES.** Universidade de Federal do Espírito Santo, dissertação de mestrado, 2014.

GUY, Gregory Riordan. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese.** Tese de Doutorado. University of Pensylvania, 1981.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolingüística quantitativa -** instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. *Entrevista: uma conversa controlada. In.:* DIONISIO, Maria Auxiliadora; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais & Ensino.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, 92p. 180 – 193.

HORA, Dermeval da. *Teoria da variação: uma retrospectiva*. *In.:* OLIVEIRA, Dermeval da Hora (orgs.). **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Idéias, 1997.

IBGE. Censo Demográfico 2010, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Cidades – Santa Leopoldina. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=320450#. Acesso em: 25/02/2013.

INCAPER. Programa de assistência técnica e extensão rural PROATER 2011-2013, Instituto Capixaba de Pesquisa Assistência Técnica e Extensão Rural - Santa Leopoldina. Planejamento e programação de ações (2011). Disponível em: http://www.incaper.es.gov.br/proater/municipios/Centro_cerrano/Santa_Leopoldina.pdf. Acesso em 25/02/2013.

IJSN. Mapas, Instituto Jones dos Santos Neves. Mapa do Espírito Santo - distância entre Santa Leopoldina-Vitória. Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br. Acesso em: 10/03/2014.

ÍNDICE de desenvolvimento humano: municipal, 1991 e 2000 – todos os municípios do Brasil. Disponível em:http://www.pnud.org.br. Acesso em 25/02/2013.

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. TÉCNICOS ofertados pelo Ifes – *Campus* Santa Tereza. Disponível em: http://st.ifes.edu.br/ Acesso em: 17/09/2013.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2001.

_____. **Sociolinguistics**: an interview with William Labov. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - REVEL. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 11/10/2010.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972]. (Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Cardoso, Caroline Rodrigues).

LEROY, Maurice. 1971. ***As grandes correntes da lingüística moderna.*** Rio de Janeiro, Cultrix, 1967.

LINS, Maria da Penha Pereira. **O Estruturalismo e a linguística:** os caminhos trilhados por Saussure e Bloomfield. Revista Saberes, vol. 1, nº1, Vitória, 2003, P. 07-23.

MEYERHOFF, Miriam. **Introducing Sociolinguistics.** 2ª Edition. New York: Routledge, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não linguísticas. *In.:* MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 27 – 31.

NARO, Anthony J. & SCHERRE, Maria Marta Pereira. Fluxos e contrafluxos – movimentos sociolinguísticos da comunidade de fala brasileira. In: MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. **Usos da linguagem e sua relação com a mente humana**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010, p.79-90

NARO, Anthony J, SCHERRE, Maria Marta Pereira. Aquisição de formas de prestígio: o papel do gênero em tempo real In: MEIRA, Vivian (org.) **Português Brasileiro: Estudos Funcionalistas e Sociolinguísticos**. Salvador: EDUNEB, 2009, p. 101-124.

NARO, Anthony J. & SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2007.

PAIVA, Maria da Conceição A. de. DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na Sociolingüística Brasileira. In.: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968] - tradução de Marcos Bagno, p. 131-151.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Élia. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática.** São Carlos: Claraluz, 2006. (Tradução Maria do Rosário Gregolin et al.)

POPLACK, Shana. The Notion of the Plural in Puerto Rican Spanish: Competing Constraints on (s) deletion. In.: LABOV, Willian. **Locating Language in Time and Space**. New York: Academic Press, 1980, p, 55-67.

SANKOFF, David. Variable Rules. In: Ammon, Ulrich; Dttmar, Norbert & Matteir, Klaus J. (Eds.) **Sociolinguistics: an International Handbook of the Science os Language and Society**. New York: Walter De Gruyter, 1988. P.984-998.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Elen. **Goldvarb X - A multivariate analysis application.** Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005 http://individual. utoronto.ca/tagliamonte/ Goldvarb/ GV_index.htm#ref.

SANTA LEOPOLDINA, História do município. Disponível em: http://www.santaleopoldina.es.gov.br/. Acesso em 25/02/2013.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de lingüística geral.** São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1995 [1916]. (Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein).

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Reanálise da concordância nominal em português.** Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 1988. Em dois volumes, com 555p. Inédito

_____. Sobre a saliência fônica na concordância nominal em português. In: TARALLO Fernando (Org.) **Fotografias Sociolinguísticas.** São Paulo: Pontes, 1989, p. 301-332.

_____.Sobre a atuação do princípio da saliência fônica na concordância nominal. In.: TARALLO, Fernando (org.). **Fotografias sociolinguísticas**. São Paulo: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989 (Coleção linguagem crítica).

_____. **Aspectos da concordância de número no português do Brasil.** Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. dez. de 1994.

_____. Variação da concordância nominal no português do Brasil: influência das variáveis posição, classe gramatical e marcas precedentes. In: GROBE, Sybille; Zimmermann. **<<Substandard>> e Mudança no Português do Brasil.** ed. Frankfurt am Main: TFM, 1998, p. 153-188.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, Giovanni (org.) **Dialettologia, geolinguistica, sociolinguistica**. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Universitá di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998, p.509-523.

SCHERRE, Maria Marta Pereira e NARO, Anthony Julius. A concordância de número no português do Brasil – um caso típico de variação inerente. In: HORA Dermeval da (org.). **Diversidade linguística no Brasil.** João Pessoa: Idéia. 1997, p.93-114.

_____. **Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro.** SCRIPTA, Belo Horizonte, v.9, n.18, 1º. Sem. 2006, p.107-129.

SCHERRE, Maria Marta Pereiram & NARO, Anthony J. Efeitos da saliência fônica e do tempo/modo na concordância verbal. In: MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. **Usos da linguagem e sua relação com a mente humana.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010, p.71-77.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. **A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco.** Revista ABRALIN, v. Eletrônico, nº Especial, 2011, p. 121-146.

SCHWARZ, F. **O município de Santa Leopoldina.** Vitória: [s.n.], 1992.

SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO. Disponível em: http://www.educacao.es.gov.br/. Acesso em: 17/09/2013.

SILVA, Janaína Biancardi da. **Uma reflexão sobre a concordância nominal na fala capixaba e suas contribuições para o ensino de língua portuguesa**. Trabalho de Conclusão de Curso, Ufes, Vitória, 2011.

SILVA, Janaína Biancardi da. SCHERRE, Maria Marta Pereira. A concordância nominal na fala capixaba: fatores sociais. In: CARDOSO, Caroline Rodrigues; SCHERRE, Maria Marta Pereira; LIMA-SALLES, Heloísa Maria Moreira; PACHECO, Cíntia (Orgs.). **Variação linguística, contato de línguas e educação**: contribuições do III encontro do grupo de estudos avançados de sociolinguística da Universidade de Brasília. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

TAGLIAMONTE, Sail A. **Analysing Sociolinguistic Variation:** key topics in sociolinguistic. 3ª ed. New York, Cambridge University Press, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. **Normalização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos**. Vitória, ES: A Biblioteca, 2006.

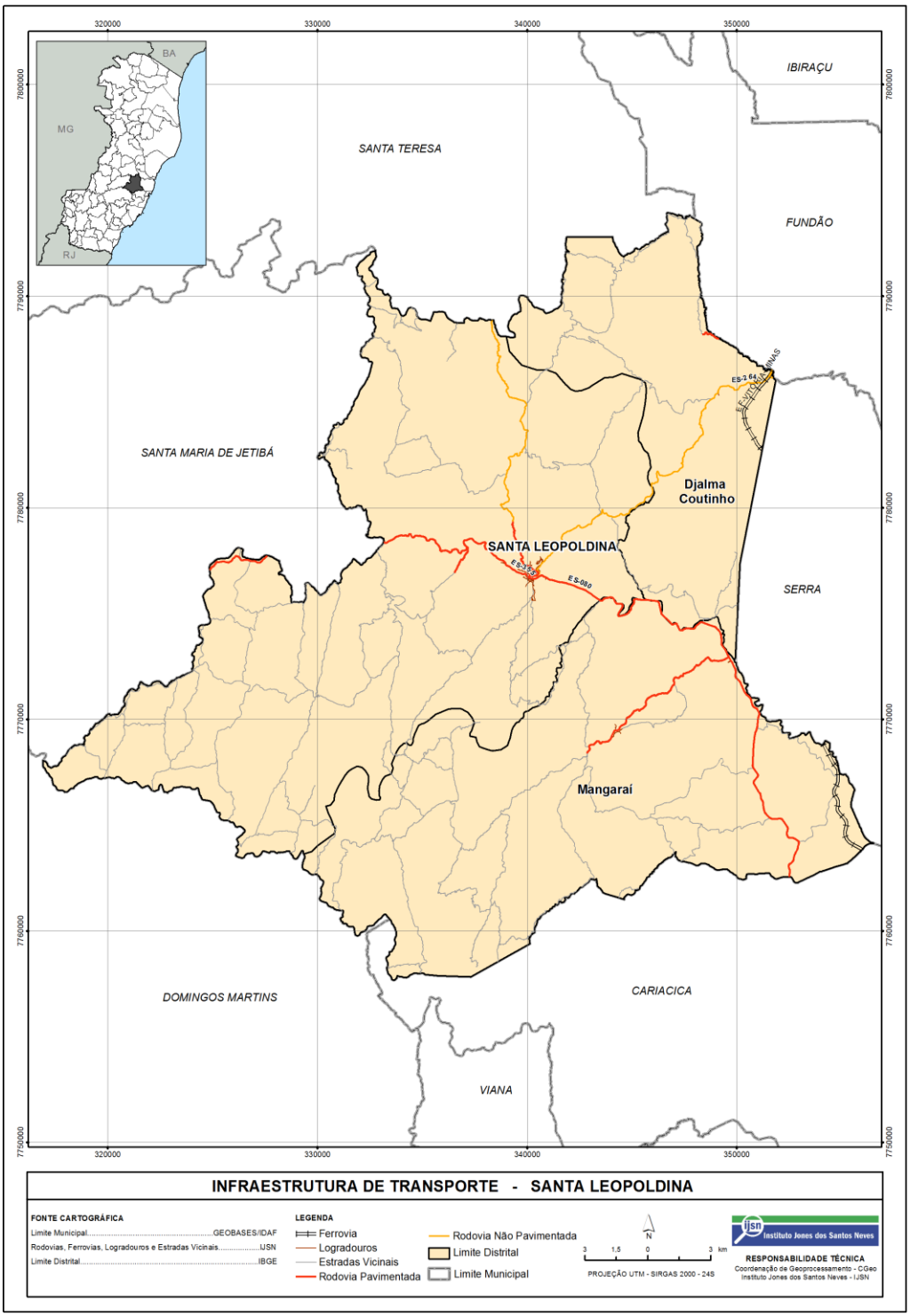
_____. **Normalização de referências:** NBR 6023:2002. Vitória, ES: A Biblioteca, 2006.

YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira; TESCH, Leila Maria; BRAGANÇA, Marcela Langa L; EVANGELISTA, Elaine Meireles; MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de; CALMON, Elba Nusa; CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva; BARBOSA, Astrid Franco; BASÍLIO, Jucilene Oliveira Sousa; DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo; SILVA, Janaína Biancardi da; BERBERT, Aline Fonseca; BENFICA, Samine de Almeida. PROJETO PORTVIX: A FALA DE VITÓRIA/ES EM CENA. **Alfa: Revista de Linguística** (UNESP. Online), v. 56, p. 771-806, 2012.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]. (Tradução de Marcos Bagno).

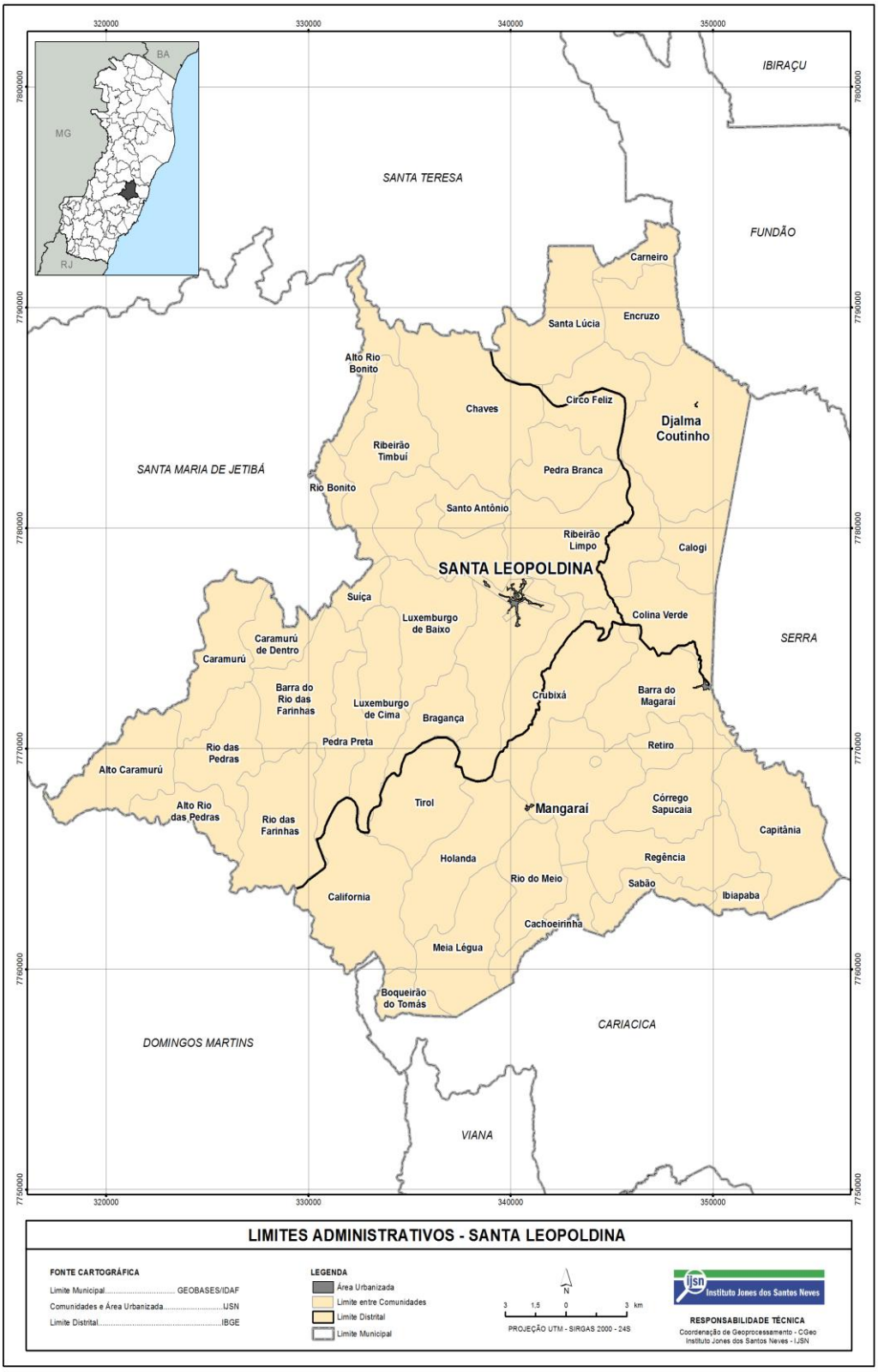
ANEXOS

ANEXO A – Mapa de infraestrutura de transporte – municípios adjacentes a Santa Leopoldina/ES – limite territorial



(Disponível emhttp://www.ijsn.es.gov.br/Sitio/custom/mapas/municipios/geral.php?catid=205. Acesso em: 10 de março de 2014)

ANEXO B – Mapa dos limites administrativos de Santa Leopoldina/ES - divisão territorial do município



(Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/Sitio/custom/mapas/municipios/geral.php?catid=205. Acesso em: 23 de setembro de 2014)

ANEXO C - Roteiro base para a realização das entrevistas perguntas destinado especialmente para informantes de 7 -14 anos

- Quais as atividades que você mais gosta de fazer?
- O que você acha da cidade de Santa Leopoldina?
- Você gostaria de morar em outro lugar? Onde? Por quê?
- Qual é o pais que você mais gostaria de conhecer? Por quê?
- O que você acha do nosso país?
- Você gostaria de viajar sozinho? Por quê?
- Você costuma viajar com sua família? Pra onde você já foi?
- Pra que lugar você gostaria de viajar se tivesse dinheiro pra gastar? Por quê?
- Qual foi a maior travessura que você fez na escola?
- O que você acha dos seus professores? Qual é o seu preferido? Por quê?
- Qual foi seu pior professor? Como ele era?
- Em qual matéria você é melhor e em qual tem mais dificuldade?
- Você gosta da sua escola? Como é a coordenadora?
- Você já fez algum passeio com a sua escola? Pra onde? Como foi?
- Conte uma coisa engraçada que você fez ou viu alguém fazer.
- O que você costuma merendar na escola ou levar lanche de casa? Por quê?
- Quais são suas brincadeiras preferidas?
- Você já colou alguma vez? Conte como foi.
- Quem são seus melhores amigos na escola? E fora da escola?
- Você já foi traído por algum amigo? Como foi?
- Você já estudou em outras escolas? Qual a diferença entre elas?
- Você costuma estudar em casa? Seus pais ajudam a fazer o dever de casa?
- Que programa de televisão você mais gosta? Você já assistiu Big Brother? Pra quem você torcia?
- Se a Globo te chamasse pra participar do novo Big Brother, você aceitaria? Por quê?
- Que tipo de filme você gosta? Qual foi o ultimo que você viu?

- Que tipo de livro ou revista você costuma ler?
- Você gosta de novelas? Qual novela você assiste?
- Você tem ideia de qual profissão gostaria de ter? Por quê?
- Qual seu ator/atriz favorito? Qual novela ou filme que ele/a fez?
- Aqui em Santa Leopoldina há alguma área de lazer? Você usa essa área? Como?
- O que você gosta de comer? Sua mãe obriga você a comer alguma coisa? Do que você não gosta ou não come de jeito nenhum?
- Você sabe fazer alguma comida? Como você faz?
- Você faz alguma atividade fora da escola?
- Os meninos e as meninas da sua turma já ficaram com alguém? Como é isso pra você?
- Qual o tipo de menino/a que você gosta? Como você acha que seria a pessoa ideal pra você?
- Você acha que algumas coisas só meninos/as podem fazer? por quê?
- Você pretende ter filhos? O que você acha que vai deixar eles fazerem? O que acha que vai proibir?
- Você conhece alguém que usa drogas? Como é isso na sua turma?
- O que você quer pra você no futuro?

ANEXO D - Roteiro de entrevista comum a todos os informantes

QUESTÕES LOCAIS

- Você gosta de morar em Santa Leopoldina? Por quê? Pretende sair daqui em alguma época? Por quê?
- O que você sabe sobre a história do município?
- Você acha que o desmembramento de Santa Maria de Jetibá foi bom para o município?
- Conhece alguma lenda, algum fato que as pessoas contam que aconteceu aqui?
- A vida aqui é boa? Quais as dificuldades que vocês enfrentam aqui? O que está faltando?
- Você trabalha na roça? Seus filhos e esposa/marido também trabalham?
- O que vocês plantam aqui? Como é o cultivo?
- Você acha que os rios e as matas aqui em Santa Leopoldina são bem preservados?
- Você gosta de trabalhar na roça ou gostaria de ter outro emprego?
- Você começou a trabalhar na roça com quantos anos?
- O que você acha das crianças ajudarem os pais com o trabalho? Você acha que a criança deve trabalhar?
- E sobre a lei para proibir as palmadas? Você concorda com isso ou acha que a criança pode sim levar uma palmadinhas?
- Como foi sua infância?. Do que vocês brincavam?
- Você acha que as brincadeiras de hoje ou de antigamente eram mais saudáveis?
- Qual era a sua brincadeira preferida?
- Você já passou por alguma situação em que você teve muito medo? Pode contar o que aconteceu?

S E G U R A N Ç A P Ú B L I C A

- Você acha Santa Leopoldina uma cidade segura?
- Você acha que a vida no campo é mais tranquila (no sentido da segurança) do que na cidade?
- Sua casa ou a de algum vizinho já foi assaltada? Como foi?
- O que você faz para se proteger da violência?
- O que você acha do porte de arma? Você teria uma arma?
- E a questão do tráfico de drogas, como é em Santa Leopoldina? E na zona rural?
- Como você vê a violência do transito? O que você acha que deve ser feito com pessoas que cometem crimes de trânsito?
- O que você acha da Justiça brasileira?

S A Ú D E

- Você já teve alguma doença grave? E algum parente ou amigo seu? Como foi passar por isso?
- Você tem problemas de colesterol, hipertensão, diabetes?
- Você tem alergia a alguma coisa? O que acontece quando você tem essa alergia?
- Você acha que as pessoas tomam remédios demais e por conta própria?
- Você confia nos medicamentos genéricos?
- Você usa o SUS? O que você acha do atendimento?
- Você tem plano de saúde? Você acha que é bom? Você acha as mensalidades muito altas?
- Você usa o posto de saúde e o hospital aqui do município? Como é o atendimento?
- Você já passou por alguma situação constrangedora em algum hospital?
- Quando se fala em hospital, o que vem à sua cabeça?
- Aqui no tem coleta seletiva de lixo? O que você acha dessa coleta?
- Você considera Santa Leopoldina uma cidade limpa? E o rios, como são?
- Você acha que a população contribui com a limpeza da cidade?

- O que você acha das campanhas contra o fumo? E as campanhas de prevenção à AIDS?
- Você já passou por alguma cirurgia? Conhece alguém que já passou por uma cirurgia de urgência? Como foi?
- Você possui animais de estimação? Você acha que eles podem transmitir doenças? Você acha que os cachorros são perigosos para a população?
- Você acha que a medicina evoluiu tanto que quase pode levar o homem à imortalidade?
- Qual sua opinião sobre clonagem humana?
- Você doa sangue? Por quê?
- Você acha que as pessoas hoje têm uma vida mais saudável do que antigamente?
- Quais cuidados você toma com sua saúde?

R E L I G I Ã O

- Qual é a sua religião? Como você se tornou dessa religião?
- Qual é a religião dos seus pais? Eles sempre foram dessa religião?
- Seus filhos também são dessa religião?
- O que você faria se seus filhos não fossem da mesma religião que você?
- Qual a importância da religião na vida das pessoas? E na vida dos jovens?
- Você acha que os jovens de hoje são mais ou menos religiosos do que os de antigamente? Por quê?
- Você sempre vai à igreja? Como você participa da sua igreja?
- Você já levou alguém pra sua igreja? Como foi isso?
- Qual é a história da Bíblia que você mais gosta? Por quê? Como é essa história?
- Como você acha que as pessoas e o mundo são atualmente? Quais são suas crenças?
- Qual sua opinião sobre o dizimo?
- Você acha que uma criança deve ser batizada com qual idade?
- Você já fez ou conhece alguém que fez alguma promessa? Qual?

- Você acha que as festas juninas têm ainda alguma relação com os santos?
- Você acha que as mulheres também poderiam ser sacerdotisa? Por quê?
- Você acha que os padres podem casar? Por quê?

A L I M E N T A Ç Ã O

- Você acha que o brasileiro se alimenta bem? E você também se alimenta bem?
- Você acha que as pessoas da zona rural se alimentam melhor do que as pessoas da cidade? Por quê?
- Qual seu prato preferido? Você sabe prepará-lo? Como é que você faz?
- Você cozinha? Qual sua especialidade? Você pode dar a receita pra gente?
- Quais são os pratos típicos daqui da região? Sabe preparar algum? Como é que faz?
- O que normalmente você come no café da manhã? E no almoço? E no jantar?
- Você acha que a mulher tem de saber cozinhar? Por quê?
- Que tipo de comida faz mal a você?
- Você gosta de doces? Sabe fazer alguma sobremesa?
- Quais são os pratos que sua família costuma preparar para o Natal? E pra Semana Santa?
- Você deixa seus filhos comerem de tudo? O que é proibido por você?
- Você obriga seus filhos a comerem determinados alimentos?
- Alguma comida te dá nojo ou você diz “isso eu não como de jeito nenhum”?
- Você acha que hoje ou antigamente a alimentação é mais saudável?
- Sua família se reúne aos domingos para o almoço? Que comidas vocês comem nessa ocasião?
- Você faz feira! Você acha que os alimentos da feira são melhores ou piores do que os do supermercado!
- Você faz supermercado com ou sem lista?
- Você procura os melhores preços ou os melhores produtos?
- Você é fiel a determinadas marcas de produtos?

E D U C A Ç Ã O

- Você estudou até que ano? Se você pudesse você teria estudado mais?
- Em que escola você estudou?
- Como era a sua escola? E seus professores? Você gostava de ir para a escola?
- Como você fazia para chegar até a escola?
- Por que você não continuou a estudar? Por que você largou os estudos?
- Se você tivesse estudado mais, que curso você faria?
- Seu marido/filho estudou até que ano?
- Você acha que é importante completar os estudos?
- A escola dos seus filhos é perto da sua casa?
- O que você acha da escola dos seus filhos? E os professores?
- O que você acha do ensino de hoje? Você acha melhor ou pior do que o ensino da sua época?
- Você acha que seus filhos aproveitam de alguma forma o que eles aprendem na escola?
- Você gosta(va) de estudar ou só estuda(va) por obrigação?
- Você acha que a escola modifica de alguma forma o comportamento das crianças? Como?
- Você vai às reuniões na escola do seu filho? O que você acha dessas reuniões?
- Você ajuda seu filho nas tarefas de casa? Como você acha que os pais podem ajudar o filho na escola?
- Você acha que os professores de hoje são melhores ou piores do que os do seu tempo?
- Você tem boas lembranças da escola? Você se lembra de algum caso engraçado ou de alguma confusão muito grande?
- Você acha que o professor influencia muito o aluno, até mesmo na escolha de uma profissão?
- Você acha que a escola contribui pra que seu filho seja uma pessoa melhor? Como?
- Você acha que os alunos têm de fazer prova desde pequenos? E a não-reprovação nos dois primeiros anos, você concorda com isso?

E S P O R T E E LAZER

- Qual é seu esporte preferido? Você o pratica?
- Você acha que a cidade possui bons lugares para a prática de esportes? Você acha que a infra-estrutura é adequada?
- Você torce por algum time?
- O que você acha da atual seleção brasileira? Que mudanças você faria se fosse o técnico?
- Você acha que o Brasil vai ser campeão da próxima copa?
- Quais são as opções de lazer aqui no município?
- Você acha que há necessidade de mais áreas de lazer na cidade? O que você sugeriria para ser construído?
- Você vai aos shows gratuitos que acontecem na cidade? Qual foi o ultimo que você foi?
- E o carnaval da cidade, você gosta? Acha que é importante para o município?
- E quais são as outras festas da região?
- Você acha que Santa Leopoldina tem potencial turístico? Quais são os lugares que você levaria um turista?

ANEXO E – Modelo de termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG nº_____, estou sendo convidado(a) a participar de um estudo sobre o município de Santa Leopoldina, Espírito Santo.

A minha participação no referido estudo será no sentido de conceder uma entrevista. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer dado que possa, de alguma forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado(a) que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. A pesquisa será realizada pelas alunas-pesquisadoras Camila Candeias Foeger, RG nº XXXXXX, sob a orientação da professora Dra. Lilian Coutinho Yacovenco, e Lays de Oliveira Joel Lopes, RG nº XXXXX, sob a orientação da professora Dra. Maria Marta Pereira Scherre, filiadas à da Universidade Federal do Espírito Santo.

Estou ciente de que as informações prestadas por mim serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa e manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Santa Leopoldina, _____ de _____ de 20___.

_____

(Assinatura)

Obs.:_____

_____

_____

Quaisquer dúvidas, favor entrar em contato com Camila Candeias Foeger. Telefones: XXXXXXXX. E-mail milafoeger@gmail.com ou Lays de Oliveira Joel Lopes. Telefones: XXXXXXXX. E-mail laysjlopes@gmail.com

ANEXO F - Quadro de informantes base para formação de banco de dados da fala

QUADRO DE INFORMANTES

Nº	Faixa Etária	Gênero	Escolaridade[36]	Localidade	Dados sociais
01	07-14	Feminino	Ens. Fund. I	Luxemburgo	8 anos - 3º série
02	07-14	Feminino	Ens. Fund. I	Santo Antônio	8 anos – 3ª série (2º ano)
03	07-14	Feminino	Ens. Fund. II	Meia Légua	12 anos – 6ª série (7º ano)
04	07-14	Feminino	Ens. Fund. II	Meia Légua	11 anos – 5ª série (6º ano)
05	07-14	Masculino	Ens. Fund. I	Ribeirão dos Pardos	12 anos – 4ª série (5º ano)
06	07-14	Masculino	Ens. Fund. I	Santo Antônio	11 anos - 4ª série (5º ano)
07	07-14	Masculino	Ens. Fund. II	Ribeirão dos Pardos	5ª série (6º ano)
08	07-14	Masculino	Ens. Fund. II	Retiro	12 anos – 6ª série (7º ano)
09	15-25	Feminino	Ens. Fund. I	Luxemburgo	23 anos – 4ª série (5º ano)
10	15-25	Feminino	Ens. Fund. I	Cabeceira de Santa Lúcia	15 anos - 4ª série (5º ano)
11	15-25	Feminino	Ens. Fund. II	Retiro	22 anos – 7ª série (8º ano)
12	15-25	Feminino	Ens. Fund. II	Fumaça	16 anos – 8ª série (9º ano)
13	15-25	Masculino	Ens. Fund. I	Luxemburgo	21 anos – 4ª série (5ª ano)
14	15-25	Masculino	Ens. Fund. II	Ribeirão dos Pardos	22 anos – 5ª série (6º ano)

[36] Esclarecemos que Ensino Fundamental I compreende os primeiros 05 anos de escolarização e Ensino Fundamental II abarca o período de 06 a 09 anos de escolarização.

Nº	Faixa Etária	Gênero	Escolaridade	Localidade	Dados sociais
15	15-25	Masculino	Ens. Fund. II	Rio do Meio	19 anos – 7ª série (8º ano)
16	15-25	Masculino	Ens. Fund. II	Rio do Meio	16 anos – 6ª série (7º ano)
17	26-49	Feminino	Ens. Fund. I	Ribeirão dos Pardos	32 anos[37]
18	26-49	Feminino	Ens. Fund. I	Suiça	48 anos – 1ª série (1º ano primário)
19	26-49	Feminino	Ens. Fund. II	Santo Antônio	M. - 33 anos – 6ª série (7º ano)
20	26-49	Feminino	Ens. Fund. II	Fumaça	45 anos – 8ª série (9º ano)
21	26-49	Masculino	Ens. Fund. I	Ribeirão dos Pardos	40 anos – 4ª série incompleta
22	26-49	Masculino	Ens. Fund. I	Suíça	40 anos – 4ª série (5º ano)
23	26-49	Masculino	Ens. Fund. II	Suíça	8 anos – 7ª série (8º ano)
24	26-49	Masculino	Ens. Fund. II	Ribeirão dos Pardos	27 anos – 7ª série (8º ano)
25	50...	Feminino	Ens. Fund. I	Ribeirão dos Pardos	72 anos – 1ª série
26	50...	Feminino	Ens. Fund. I	Suíça	76 anos – 1ª série

[37] Esta informante relata não ter frequentado a escola, contudo, possui as habilidades de escrita e leitura. Tendo em vista que essas habilidades são desenvolvidas no primeiro ciclo do ensino fundamental, julgamos conveniente inseri-la no grupo de informantes do ensino fundamental I.

Nº	Faixa Etária	Gênero	Escolaridade	Localidade	Dados sociais
27	50...	Feminino	Ens. Fund. II	Holandinha	72 anos – Projeto Apronte[38]
28	50...	Feminino	Ens. Fund. II	Holandinha	54 anos- 5ª série (6º ano)
29	50...	Masculino	Ens. Fund. I	Suíça	53 anos – 4ª série
30	50...	Masculino	Ens. Fund. I	Suíça	73 anos – 1ª série primário incompleta
31	50...	Masculino	Ens. Fund. II	Ribeirão dos Pardos	55 anos – 8ª série (9º ano)
32	50...	Masculino	Ens. Fund. II	Meia Légua	53 anos – 7ª série (8º ano)

[38] Encontrar informantes com mais de 50 anos de idade que tenham cursado mais que o ensino fundamental I, na zona rural de Santa Leopoldina, é algo raro. Isso porque, na época de idade escolar dessas pessoas, o acesso ao ensino regular era mais díficil. Em nossas entrevistas, muitos entrevistados destacam as grandes distâncias percorridas a pé para se chegar à escola. Esta informante, em especial, cursou apenas o ensino fundamental I. Contudo, a informante relata que participou do chamado Projeto Apronte, que era uma forma de preparação para ministrar aula na comunidade - não encontramos registros desse projeto em nossas pesquisas. Dessa forma, tendo em vista que a informante cursou mais de 04 anos de escolarização e atuou como professora na comunidade, consideramos adequado inseri-la ao grupo de ensino fundamental II, que compreende informantes com mais de 05 anos de escolarização.